

A romantic close-up of a man and a woman about to kiss. The man is on the left, leaning towards the woman on the right. The woman has her hand on the man's chest. The background is softly blurred.

O VERDADEIRO *propósito*

CLYS OLIVEIRA

LIVRO COM MAIS DE 100 MIL LEITURAS NO WATTPAD



O
VERDADEIRO
propósito
CLYS OLIVEIRA



A Coletânea Amor & Fé nasceu quando, no coração de três amigas autoras, cresceu a vontade de levar para mais e mais pessoas uma mensagem do amor de Deus. Com o passar do tempo, mais duas autoras agregaram positivamente no crescimento do projeto.

A primeira edição da Coletânea é composta por cinco romances cristãos, que vão além da ambientação de igrejas ou definição de religião. As histórias retratam mais que rotinas e costumes, mostram o agir de Deus na vida dos personagens, que da mesma forma acontece na vida real.

Com abordagens de temas diversos, mas com um único foco, o objetivo da coletânea é disseminar, para os mais diversos públicos leitores, mensagens de amor e fé que possam engrandecer, de alguma forma, suas vidas.

REVISÃO:
Clys Oliveira

Copyright © 2019 por
Clysnaya Oliveira Vasconcelos

DIAGRAMAÇÃO:
Clys Oliveira e Lilás Design

DESIGN DA CAPA:
Thais O. Cruz

IMAGEM DA CAPA:
Depositphotos, por
xload e simbiothy

CATEGORIA:
Ficção cristã

1ª EDIÇÃO:
maio 2019

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra pode
ser reproduzida ou transmitida por
qualquer meios sem permissão
por escrito dos editores, salvo em
breves citações, com indicação da
fonte.

O48v OLIVEIRA, Clys

O verdadeiro propósito / Clys Oliveira – Fortaleza, 2019.

Esta é uma obra independente.

265 p. - 1. ed

1. Romance – Brasil 2. Literatura Brasileira

1. Título

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance – Brasil CDD869.3
2. Literatura Brasileira CDD869.34

*A todos aqueles que creem que os planos de Deus
são infinitamente maiores e melhores que os nossos.*

“ ‘Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês’, diz o Senhor, ‘planos de fazê-los prosperar e não de causar dano, planos de dar a vocês esperança e um futuro.’ ”

Jeremias 29:11

*“Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas
o maior destes é o amor.”*

1 Coríntios 13:13

= Nota da autora =

Muitos já estão fartos de saber como este livro “nasceu”, mesmo assim, eu vou contar essa história mais uma vez, pois gosto muito dela. Lembrar de como tudo começou me traz de volta o ânimo que eu tinha enquanto escrevia os primeiros rascunhos, ávida para pôr nas folhas amareladas e um pouco amassadas de um caderno antigo, a celeuma de pensamentos e ideias que rondavam em minha mente. Quem sabe, o breve relato da origem do meu primeiro livro possa inspirar você.

O ano era 2015. Por volta do mês de setembro, uma grande amiga me apresentou o Wattpad, uma plataforma gratuita de compartilhamento de fanfics e obras originais, na qual o usuário pode escrever e ler as histórias que desejar. Eu, como leitora desde que me entendo por gente, me apaixonei pela proposta da plataforma e me tornei leitora assídua. Nunca tive pretensão alguma de ser mais que uma leitora; jamais imaginei escrever qualquer coisa que não fosse as redações da escola. Até que tudo mudou, literalmente, da noite para o dia.

Em uma bela noite de novembro, desse mesmo ano, apenas dois meses após começar a utilizar o Wattpad, eu tive um sonho. Acordei no meio da madrugada e fiquei com as cenas daquele sonho martelando na minha cabeça, sem parar, sem me deixar voltar a dormir. As cenas não iam embora nunca, pelo contrário, eu recordava nitidamente de cada detalhe. Então, sem mais nem menos, me deu uma vontade incrível de escrever aquilo que havia acontecido no meu sonho. Levantei da minha cama, na calada da noite, peguei uma folha de papel, uma caneta e comecei a pôr em palavras o estranho sonho que minha mente fazia questão de ficar reproduzindo.

Após preencher duas folhas, frente e verso, guardei-as e voltei para a cama. Sim, finalmente consegui dormir novamente, mas dessa vez sem sonhos. No dia seguinte, quando peguei para ler os rascunhos que havia escrito na madrugada, automaticamente minha mente produziu uma sequência para aquela cena, e logo o desejo de escrever tornou-se irresistível. A cada nova ideia que eu tinha, mais empolgada eu ficava e mais eu escrevia. Entretanto, me inquietava não saber de onde vinham tantas

ideias, já que eu nunca havia escrito nada que passasse de trinta linhas, e para quem eu estava escrevendo.

À medida que a história ia tomando forma, percebi que não era eu que estava criando, mas Deus. Era Ele quem me conduzia, quem ditava o que eu deveria fazer. Eu era o instrumento que Ele estava usando para alcançar outras pessoas. A prova disso são os diversos testemunhos que recebi durante todo o tempo em que o livro esteve disponível para leitura no Wattpad. Relatos de pessoas que estavam tristes, desiludidas, com a fé abalada, mas que, quando leram aqueles capítulos — mal escritos e sem nenhuma revisão, porém com uma mensagem de fé e esperança —, refletiram e tiveram novo ânimo. Recordaram-se de que Deus sempre sabe o que faz e que para tudo há um propósito.

Saber que eu alcancei corações de maneira positiva me proporciona, até hoje, uma alegria sem tamanho! E posso dizer que sou a prova de que sonhos se tornam, sim, realidade.

Para a honra e glória do Senhor!

Foi totalmente diferente dos livros que eu costumava ler; muito leve, com um tema não muito abordado, mas que foi tão maravilhosamente desenvolvido no enredo que não tinha como não amar o resultado. Uma escrita sutil, cheia de sentimentos e que é capaz de nos transportar para dentro da história, nos colocar no lugar do personagem, sentir suas emoções. Eu amei ler cada capítulo, cada avanço dos personagens e essa entrega, essa fé que ambos carregavam!

- Leitora Flávia Santos

Quem Já leu!

Simplesmente amei! Chorei, sorri, fiquei sem ar, sonhei com os personagens... Foram tantas emoções em cada capítulo! Em certas ocasiões meus olhos enchiam de lágrimas e senti vontade de entrar no livro e bater na Emily (risos).

O relacionamento de Laura com Marcos foi simplesmente lindo! Fico sonhando acordada com esse livro!

- Leitora Joelma Souza

Eu simplesmente amei demais! Foi algo bem emocionante, cheio de surpresas, me fez entrar na história e mergulhar junto com o Marcos e a Laura. Diferente de todas as outras histórias que eu era acostumada a ler. Sinceramente? Deus usou a autora através da escrita para falar aos corações de muitos, inclusive ao meu...

- Leitora Larissa Oliveira

Eu gostei bastante do livro! Juro que no início eu achava que era apenas mais um livro cristão que envolvia muito do nome do Criador, mas sem um conteúdo ou uma base. Mas, com o decorrer da história inteira, pude ver que eu estava totalmente enganada. Essa linda história de amor, fé e superação me ensinou muitas coisas que sei que me aconselharão em algum fator da minha vida.

- Leitora Larissa Campos

É um livro cheio de sentimentos e carregado de fé e eu super indico. Muito criativo, bem elaborado, uma escrita maravilhosa, uma sensibilidade incrível. Eu senti tudo o que eles sentiam. Chorei rios (risos)! Esse livro é simplesmente um verdadeiro tesouro, um achado excepcional, e eu não estou exagerando, é tudo isso e um pouquinho mais!

- Leitora Alicia Silva

Um livro que nos faz sonhar e ficar ciente de que Deus sempre saberá o melhor, mesmo que sejamos falhos e impacientes. Além do mais, nos tira da cruel realidade na qual o desamor reina, nos fazendo tentar ser seres humanos mais amorosos.

- Leitora Izabel Souza

=Prefácio=

Antes de iniciar este prefácio, parei para refletir sobre os sentimentos que esta história me causou, visto que a li há alguns anos, quando ainda se chamava Depois da Chuva.

Surpreendentemente, me recordei de todas as sensações que me arrebataram: lembrei-me das cenas que me fizeram rir; daquelas que me roubaram lágrimas; e ainda de outras que, mesmo triste pelos acontecimentos, me causaram uma sensação maravilhosa, como se a chama da esperança nunca pudesse ser apagada de meu coração.

O Verdadeiro Propósito me ensinou que sempre temos uma chance para mudar e que se nos apegarmos à Deus, com todo o nosso coração, a vida será uma maravilhosa caixa de surpresas. Ensinou-me, também, que há vários tipos de amor e que se não entendemos os propósitos que estão a nossa espera, não devemos desesperar-nos ou, até mesmo, nos precipitar, pois quando a hora chegar, a experiência será totalmente surpreendente, e, talvez, até mesmo capaz de mudar quem somos.

Sinto-me completamente honrada por ter tido a oportunidade de ler esta história, de aprender com seus ensinamentos e de me apaixonar pelos personagens.

E me sinto extasiada por saber que você se permitiu se aventurar pelas páginas deste livro. Só peço que medite nas oportunidades que às vezes, infelizmente, deixamos passar, simplesmente pelo fato de não nos permitirmos. Talvez encontremos o verdadeiro propósito no olhar de alguém...

Colombo, 8 de março de 2019

Becca Bonetti



Já era madrugada quando decidimos ir embora. O clube permaneceu lotado e a banda que subiu no palco após a nossa continuava tocando. Eu estava muito cansado, não dormia há várias noites, pois fui acometido pela insônia quando Emily me deixou. Lembrava-me que, naquela mesma noite, chamei os meninos da banda para sair e fomos a um bar encher a cara. Eu queria esquecer, afogar aquele sentimento que insistia em doer no peito, e estava funcionando, senti-me anestesiado. Mas depois que a bebida perdia seu efeito, era como se mil facas, todas de uma vez, perfurassem meu coração, e então eu voltava para o bar. E tinha sido assim quase todos os dias por dois longos e dolorosos meses.

Naquela noite, quem estava incumbido de dirigir era eu, por isso não bebi, mas os rapazes, meus velhos e bons amigos, beberam todas após o show. Entramos no carro e dei a partida. Havia chovido há pouco tempo, a pista ainda estava molhada e o céu, bastante nublado, deixando a noite com pouca luminosidade.

No caminho de volta, passei por uma rodovia que, àquela hora da madrugada, não tinha movimentação alguma, então aproveitei e dei uma acelerada para chegar em casa mais rápido. Eu deveria percorrer dez quilômetros dessa rodovia, onde boa parte dela estava sem iluminação alguma. A escuridão tomou conta do caminho, impedindo-me de enxergar um palmo à minha frente, mesmo com os faróis altos ligados. Pisei ainda mais no acelerador, a fim de passar logo do trecho às escuras. Como consequência das diversas noites mal dormidas e das viagens constantes, meu corpo começou a dar sinais de cansaço, começando pelas minhas pálpebras, que pareciam pesar uma tonelada. Confortava-me saber que quando chegasse em casa teria uma cama quentinha esperando por mim. Com o silêncio absoluto dentro do carro, deixei minha mente vagar, mas logo me arrependi; as lembranças da ligação que recebi na tarde anterior trouxeram de volta sentimentos detestáveis e que queimavam meu peito. E me pareceu que a única forma de aliviar tudo aquilo era através das amargas lágrimas que insistiam em transbordar dos meus olhos.



— Alô?

— Alô, Marcos?

Meu coração parou por dois segundos ao ouvir aquela voz. Um turbilhão de emoções invadiu o meu ser. Tinha esperança de o que eu tinha sonhado e desejado todos aqueles meses se realizaria: ela voltaria para mim!

— Oi, sou eu. Que bom que ligou, senti tanto sua falta — falei exasperado.

— Só estou ligando porque a namorada do Pedro insistiu. Ela me falou que você tem bebido muito e pediu para eu tentar te convencer a parar com o que anda fazendo.

— Ficou preocupada comigo? Então quer dizer que ainda sente algo

por mim. — Esbocei um sorriso. — Eu sabia que o nosso amor não morreria assim tão fácil.

— Não exagera, Marcos, o que eu sinto por você é um carinho enorme, por todos esses anos que vivemos juntos, mas, por favor, não confunda as coisas.

— Não estou confundindo nada. Eu te amo, Emilly! Eu sei que você ainda me ama.

— Marcos, isso tudo que vivemos ficou no passado, acabou. Pensamos de formas diferentes e isso só gerava brigas e mais brigas. Eu já estava farta dessa vida!

— Se for só isso, então está resolvido: não brigo mais com você e as coisas vão ser sempre do seu jeito. Por favor, volta para mim, meu amor — implorei.

— Não, Marcos. Não é só isso. Eu... — ela hesitou.

— Você o quê? Fala! — Sabia que não iria gostar do que estava por vir, mas eu precisava saber.

— Eu estou namorando outra pessoa.

— O quê? — indaguei atordoado após alguns segundos.

— Isso mesmo que você ouviu — Emilly falou de forma firme.

— Então, diz o que eu faço com todos os planos que eu fiz para nós, todos os projetos, os sonhos para o futuro. O que eu faço com as promessas e o amor que você jurou ser meu? — falei desesperado.

— Tem que parar de ser tão romântico e encarar a realidade, Marcos — disse com uma arrogância incomum. — A vida não é um conto de fadas, enterre esses seus planos e siga sua vida como eu segui com a minha. Adeus! — Ela encerrou a ligação.

Ouvir aquilo foi pior que ser atingido com um punhal, eu supus. Fiquei sem ação, sem voz, sem forças, e a única atitude que consegui tomar foi jogar o telefone contra a parede. Contemplei os incontáveis cacos no chão, sentindo que meu coração estava na mesma situação.



Algumas lágrimas corriam pelo meu rosto sem que conseguisse evitar, e eu me odiava por isso!

Olhei para os meus amigos e constatei que dormiam, então enxuguei o rosto e me volvei para o banco de trás. Eu queria acordá-los para que me distraíssem, eles sempre sabiam o que dizer em ocasiões como aquela e me faziam rir. Não queria mais pensar na Emilly ou em qualquer coisa relacionado a ela.

— Acorda aí, folgado! — Mexi com o Pedro.

— Quer um beijinho para despertar, bela adormecida? — Balancei Felipe.

Enquanto iam despertando, mal conseguindo abrir os olhos, eu ria da situação e das caretas que faziam. De repente, Pedro olhou para o para-brisa e arregalou os olhos.

— Olha para frente, Marcos! — gritou desesperado.

Voltei-me bruscamente para frente e vi uma luz muito forte, a ponto de me cegar, e logo em seguida, a escuridão.



Era mais uma noite tranquila no hospital. Tranquila até demais, para falar a verdade. A emergência tinha apenas meia dúzia de pacientes, o quadro de médicos estava completo, e tudo permanecia na santa Paz. Eu amava o meu trabalho e me sentia bem ajudando as pessoas. Muitos diziam que era um dom, mas na realidade era bem mais que isso; aquele hospital era a minha vida.

Aquela atípica calmaria me permitiu tirar alguns minutos de descanso atrás do balcão da recepção. Sentada em um banco, enquanto conversava com Aline, soltei meus longos cabelos castanhos, que estavam presos em um coque, e comecei a trançá-los. No meio da conversa, um homem chegou à

recepção em busca de atendimento e Aline deu-lhe toda atenção possível, dando espaço para eu me perder em lembranças e deixar a mente viajar para outros tempos. Tempos felizes com certeza, porém dolorosos de recordar. Meus pensamentos foram interrompidos pelo telefone da recepção.

— Hospital Helano Richter, boa noite! — Aline atendeu. — Sim, avisarei a ela.

Aline era recepcionista do hospital há poucos meses, mas já tínhamos uma boa amizade. Ela era uma jovem com longos e lisos cabelos pretos e um sorriso encantador. Após colocar o telefone de volta no gancho, voltou-se para mim.

— Laura, a chefe de enfermagem te espera na sala dela.

— Obrigada, Aline! Estou indo.

Enquanto eu fazia o percurso até a sala da chefia, pensei em vários motivos para ter sido chamada pela senhora Ling, uma mulher por volta dos sessenta anos, a funcionárias mais antigas do hospital. Desde o meu primeiro dia de trabalho, ela sempre me tratou muito bem, apesar da rigidez com que comandava a equipe de enfermagem — que não era pequena.

Ao chegar em frente à sala da minha chefe, bati na porta e a ouvi me mandar entrar.

— Boa noite, senhora Ling! Mandou me chamar?

— Mande sim, Laura, sente-se — disse com um sorriso. — Pedi que viesse para fazer um comunicado.

— Claro, do que se trata? — perguntei apreensiva.

— Uma enfermeira do quarto andar está de licença maternidade e quero que a substitua durante esse período. — A senhora Ling era sempre bastante objetiva, não gostava de rodeios. — Você começa lá amanhã.

O quarto andar era onde localizava-se a UTI do hospital. Fiquei atônita com a notícia, pois nunca havia atuado em outro setor que não fosse a emergência, portanto, eu não tinha experiência alguma na ala de Terapia Intensiva.

— Está tudo bem para você, Laura? — Senhora Ling indagou, percebendo minha hesitação.

— Sim, tudo bem. Mas eu nunca estive no quarto andar.

— Quanto a isso não se preocupe — atalhou-me, como se soubesse dos meus temores. — As enfermeiras de lá já estão avisadas de sua chegada e vão orientá-la no que for preciso. E, além disso, eu confio na sua capacidade, Laura, caso contrário não teria pensado em indicá-la. Você é dedicada,

cuidadosa, esforçada e faz tudo com muito zelo. É a pessoa certa para assumir essa responsabilidade.

— Muito obrigada, senhora Ling! Não a decepcionarei — agradecei confiante.

— Sei disso! Agora volte para o seu plantão e até amanhã, no seu novo posto.

— Mais uma vez, obrigada!

Ao fechar a porta atrás de mim, não consegui evitar um sorriso. Afinal, não era todo dia que eu recebia elogios da minha chefe de setor.

Caminhei de volta para a emergência satisfeita com as palavras da Senhora Ling, mas meu sentimento logo mudou quando vi uma grande movimentação na entrada das ambulâncias. Rapidamente, calcei minhas luvas e me aproximei para ajudar. Eram cinco jovens, vítimas de um acidente de trânsito. Os médicos corriam de um lado para o outro, preenchendo requerimentos de exames e solicitando leitos. Quase todos os enfermeiros da emergência estavam engajados naquele caso.

Um dos rapazes gritava de dor, devido a uma fratura exposta na perna esquerda. O paciente na maca à minha frente, por outro lado, estava inconsciente, com várias escoriações e coberto de sangue. Verifiquei os bolsos da calça do jovem, procurando algo que o identificasse e encontrei um celular e uma carteira. Ele foi levado para realizar exames enquanto me encarreguei de fazer sua ficha.

No meio do preenchimento da ficha, com os dados que eu tinha em mãos, o celular do rapaz tocou e a palavra “Mãe” apareceu na tela do aparelho. A ligação tinha chegado em boa hora, afinal, eu teria que avisar a família. Então, atendi.

— Alô! Marcos, meu filho, onde você está? — falou uma senhora com voz preocupada.

— A senhora é a mãe do Marcos?

— Sou sim. Quem está falando, onde está meu filho?

— Calma, senhora. Eu me chamo Laura, sou enfermeira do Hospital Helano Richter. Seu filho foi vítima de um acidente de trânsito e trazido para cá.

— Como assim, acidente? Meu filho está bem? — perguntou já aos prantos.

— Ele chegou ao hospital inconsciente, mas já estamos tomando todas as providências para que ele fique bem.

— Estamos indo. — Ela finalizou a ligação sem esperar uma resposta minha.

Pelo menos algum familiar estaria no hospital e poderia ajudar na identificação dos outros rapazes, já que estavam todos no mesmo carro. Ao concluir a ficha de Marcos Bitencourt, deixei seus pertences na recepção para serem entregues aos pais dele quando chegassem.

O plantão havia começado calmo, mas se transformou numa loucura. Eu já estava mais que habituada à rotina do hospital, portanto sabia que situações como aquelas eram possíveis e comuns.

Deixei meus pensamentos de lado e voltei aos leitos para ajudar outros pacientes. Foi uma madrugada de trabalho árduo e nem mesmo havia percebido as horas passarem. Quando dei por mim, já era de manhã e passava meia hora do final do meu turno. Finalizei o serviço que eu estava fazendo e saí do hospital em direção à minha casa.

Estacionei o carro e logo avistei minha mãe me esperando na porta, como de costume. Dei um beijo em sua testa e entrei para tomar um banho, depois tomamos café da manhã juntas e contei as novidades, que a deixaram muito feliz por mim, o que me encorajou ainda mais. Terminado o café, fui para o quarto dormir um pouco.

Não adormeci de imediato, fiquei bolando na cama de um lado para o outro, meus pensamentos estavam intranquilos, como se algo me incomodasse. Talvez fosse efeito do enorme cansaço que eu estava sentindo naquele dia, após um plantão intenso. Com a lembrança da madrugada anterior, comecei a pegar no sono, então as imagens que eram apenas recordações tornaram-se um sonho.



Um grito. Barulho de freios sendo acionados com urgência. Um burburinho estridente.

Eu não sabia onde estava, mas a cena que vi era de tragédia: um carro havia subido no meio fio de uma movimentada avenida, bateu em um poste e se encontrava com a frente completamente destruída. Fumaça saía do que antes era o capô do veículo. Uma multidão se aglomerou em volta do acidente. Eu fiz o mesmo, mas com passos cautelosos. Todos ali especulavam

o que teria causado aquilo, mas ninguém mencionou coisa alguma sobre o motorista. Olhei dentro do carro para procurá-lo, porém não o vi em parte alguma. Entretanto, quando olhei para a parte de trás do veículo, avistei uma mão, bem ao lado do pneu traseiro direito.

— Meu Deus! — exclamei e levei uma das mãos à boca.

Aquela visão me paralisou, senti minhas pernas bambas, mas, ainda assim, dei a volta no carro para verificar a pessoa que estava ali.

— Esteja vivo, por favor, esteja vivo — eu dizia baixinho, para mim mesma, como um mantra, até chegar à traseira da condução.

Olhei para trás e vi que as demais pessoas me seguiam. Acelerei o passo assim que vi, por completo, o corpo estendido no chão. Era um rapaz. Ajoelhei-me perto de sua cabeça. Ele estava de olhos fechados, então chequei o pulso e comecei a falar com ele.

— Ei, rapaz! Você está bem? — Não houve resposta. Tentei outra vez, mas nada.

Dei batidinhas em seu ombro e rosto, para fazê-lo voltar a si. Nada também. Eu não iria desistir, então tentei o estímulo doloroso. Deu certo, ele reagiu.

— Graças a Deus! — Suspirei baixinho e em seguida voltei-me para o rapaz. — Oi, não se mexa. Você está bem?

Ele parecia meio desnorteadado, confuso, mas conseguiu responder.

— Não sei, sinto como se eu tivesse sido atropelado por um carro.

As pessoas ao redor riram da resposta dele e eu também não consegui conter um sorriso.

— Isso é um bom sinal, significa que seu raciocínio não foi comprometido — falei, voltando a sentir a tensão do momento. — Não se mexa!

— Podemos ajudar em alguma coisa, moça? — perguntou um homem em meio à multidão.

— Sim, por favor, poderia ligar para a emergência?

— Tudo bem — respondeu o homem.

— Não se mexa! — repreendi o rapaz ao vê-lo se contorcendo. — Não seja teimoso!

— Desculpa.

— Onde você sente dor? — questionei-o.

— Na cabeça, costelas e... Em todo o resto.

— Ok! Em que parte da cabeça?

— Perto da nuca.
— Certo! Como se chama?
— Marcos.

Aquele nome me causou um frio na barriga. Naquele momento, ao ouvi-lo pronunciar seu nome senti que já o conhecia, de um lugar distante, talvez, mas eu simplesmente não conseguia me lembrar com certeza. Foi quando uma súbita tristeza se fez presente em meu coração. Eu não conseguia entender o motivo. Balancei a cabeça tentando deixar de lado aquelas suposições e me concentrar no rapaz ferido que eu tinha ao lado, que era o mais importante.

— Marcos, não posso fazer muita coisa, mas vou cuidar desses seus arranhões enquanto a ambulância chega, tudo bem? — Ele assentiu. — Não mexa a cabeça, diga sim ou não.

— Desculpe. Sim, tudo bem.

Eu respirei fundo e tentei relaxar os ombros, mas sem sucesso. Alcancei a mochila que eu trazia nas costas e tirei de lá um par de luvas e uma caixinha de primeiros socorros que eu sempre carregava comigo. Comecei a limpar as escoriações dos braços e rosto de Marcos. Quando coloquei um pequeno curativo em sua testa, ele gemeu.

— O que foi? — perguntei.

— A minha cabeça. Está doendo muito. — Ele fechou os olhos com força, tentando suportar a dor.

— Calma, a ambulância já deve estar chegando. — Não houve resposta. — Marcos? Não fique de olhos fechados, por favor, fique acordado.

— Tudo bem — disse abrindo os olhos.

— Tem alguém para quem deseja ligar e avisar do acidente?

— Eu não... não sei — respondeu com dificuldade, fechando os olhos outra vez.

— Não dorme, Marcos — pedi, passando a mão em seus cabelos. — Conversa comigo.

— Não consigo. Dói muito!

— Não, esquece a dor, você é mais forte que ela. Abra os olhos e veja que céu lindo temos acima de nós!

Ele os abriu com dificuldade, mas esboçou um sorriso ao encarar-me nos olhos.

— Não me deixe sozinho — ele balbuciou antes de se entregar a um

sono profundo.



Acordei com minha mãe me chamando, sentada na ponta da cama e acariciando meus cabelos, igualzinho me acordava para ir à escola quando eu era criança. Contemplei por um minuto as feições da mulher mais linda e forte que conhecia: as marcas do tempo em seu rosto, os cabelos já grisalhos, um sorriso terno nos lábios e olhos cândidos. Agradei a Deus por ser filha de uma mulher tão maravilhosa e que era meu exemplo de vida.

Sentei-me na cama e perguntei que horas já eram.

— Quatro da tarde.

— Nossa! Como pude dormir tanto?

— Você estava cansada, filha, tem trabalhado muito ultimamente.

— Eu sei, mãe. Mas a senhora conhece meus motivos. — Suspirei não querendo entrar naquele assunto.

— Sei sim, filha. Não estou criticando, só não quero que se descuide da sua saúde — disse afagando meu rosto.

— Tudo bem, mãe, eu vou me cuidar. E por falar nisso, estou morrendo de fome.

— Fiz um lanche para nós duas, vamos comer?

— Viva, vamos comer! — Pulei da cama e saímos abraçadas.

Eu não passava muito tempo em casa, dobrava plantões com bastante frequência, e até preferia assim. No hospital eu mantinha a mente ocupada e me sentia útil, portanto, meus dias se resumiam a conversas agradáveis com minha mãe no final de tarde, logo que chegava a noite, e meu pai junto com ela, fazíamos uma refeição juntos e então eu novamente saía para o trabalho.

De volta ao hospital, assim que cheguei no andar da Terapia Intensiva, encontrei a enfermeira que iria me auxiliar naquele primeiro dia. Ela me passou todas as instruções necessárias para começar minhas atividades. Percebi, logo de cara, que aquele setor requeria mais atenção e cuidado que na emergência, mas nada que eu não pudesse dar conta. Quando terminou as explicações, a enfermeira, que se chamava Rebeca, entregou-me o prontuário e me encaminhou para o quarto do paciente pelo qual eu ficaria responsável durante todo o plantão, já que era preciso monitorá-lo 24 horas por dia, pois, caso houvesse alguma alteração em seu quadro clínico, o médico deveria ser informado imediatamente.

Quando analisei o nome do paciente, fiquei surpresa ao saber que se

tratava de Marcos Bitencourt, o rapaz que atendi no último plantão. Eu não costumava acreditar em coincidência, mas naquela ocasião preferi pensar que não passava disso.

Segundo o prontuário, o caso de Marcos era bastante grave. Ele estava em coma, ligado a vários aparelhos que o ajudavam a respirar e tudo o mais. Era triste ver um rapaz tão jovem e bonito — aparentemente — em uma situação como aquela.

Em certo momento, ao sair do quarto, fui abordada por um casal.

— Com licença, você é a médica? — perguntou uma senhora de estatura mediana e cabelos curtos, muito abalada.

— Não, senhora, sou enfermeira.

— Nós somos os pais do Marcos Bitencourt, queremos notícias do nosso filho.

— Senhora, a situação do Marcos está estabilizada e faremos o possível para que ele se recupere bem e logo. — Tentei ser convincente para acalmá-los.

— Se não for inconveniente, gostaríamos de falar com o próprio médico — ela insistiu, apreensiva.

— Claro, vou me informar onde poderão encontrá-lo.

— Você foi a enfermeira que me informou sobre o acidente? — perguntou a mãe.

— Sim, mas como sabe? — questionei com estranheza.

— A moça da ligação se chamava Laura. — Ela sorriu e apontou para o meu crachá. — Não tive oportunidade de te agradecer por ter nos avisado. Eu me chamo Ana e este é meu marido Ricardo.

— Muito obrigado — agradeceu Ricardo, apertando minha mão.

— Muito prazer, Laura Andrade. Não há o que agradecer, só fiz o meu trabalho.

Após aquele pequeno diálogo, fomos até a recepção mais próxima e localizamos o doutor César, que explicou o quadro de Marcos de forma mais exata. Foi uma longa conversa, mas o casal pareceu se tranquilizar um pouco. O médico explicou também que, pelas regras do hospital, os pacientes da UTI tinham direito a uma visita por dia, com duração de cinco minutos, e só será permitida a entrada de pessoas com parentesco próximo, como pais, irmãos, filhos ou cônjuge. Naquela ocasião abriram uma exceção e os dois puderam entrar para ver o filho.

Doutor César levou primeiro Ricardo, que estava aparentemente mais

calmo, para visitar Marcos. Eu fiquei responsável por acompanhar Ana e garantir que ela estivesse apropriadamente paramentada antes de entrar no quarto. Presenciar uma mãe sofrendo no leito do filho era extremamente comovente para mim, de tal forma, que não consegui permanecer no quarto por mais que um minuto. Decidi esperar do lado de fora com Ricardo, que mesmo visivelmente abalado, estava se mantendo firme pela esposa, que saiu do quarto com o rosto banhado em lágrimas.

Ao terminar o tempo de visitas, o casal se recusou a ir embora, principalmente Ana, que insistiu em ficar no hospital por tempo integral. Eu tentei persuadi-la, garantindo que Marcos estaria sendo bem cuidado. Ricardo completou dizendo que ela nada poderia fazer estando plantada no corredor do hospital o dia inteiro. Apesar dos nossos esforços, não houve como fazê-la mudar de ideia.

E assim Ana permaneceu pelos dois meses seguintes, sempre no hospital, nervosa e preocupada com a situação do filho, que não apresentou nenhuma melhora significativa em relação ao coma, mas, graças aos céus, também não teve nenhuma piora. Os médicos se preocupavam com a persistência do coma, mas não havia o que fazer a não ser esperar.

Marcos era meu paciente exclusivo, cuidava dele com dedicação e seguia uma certa rotina diária: medicação na hora certa, troca de curativos, exames semanais, verificação de aparelhos, higiene, vistas. A presença dos pais e irmã de Marcos eram frequentes, por esse motivo criei fortes laços de amizade com sua família. Desejava muito que ele saísse daquela situação e sempre o colocava em minhas orações.

Eu amava cantar e sentia falta de quando o fazia na igreja. Louvar a Deus sempre foi um prazer para mim. Por esse motivo, durante aqueles dois meses, adquiri o hábito de cantar, todos os dias, enquanto cuidava de Marcos, para quebrar o clima tenso e triste que existia naquele quarto de hospital. Mas também havia um outro motivo, mais irracional, mas que eu não conseguia ignorar: eu acreditava que, de alguma forma, ele poderia me ouvir cantar e assim saberia que não estava sozinho. Como ele havia me pedido naquele sonho.



Após um dia de folga, cheguei um pouco mais cedo ao hospital, ansiosa para ter notícias do Marcos. Assim que cheguei, vi Ana e Ricardo na porta do quarto e notei que estavam nervosos.

— Ana, o que houve?

— Não sei, Laura, ninguém nos informa nada. O quarto está cheio de médicos e enfermeiros.

Senti um aperto no coração ao saber daquilo, pois as coisas poderiam não estar nada bem. Entrei para saber o que estava acontecendo e, realmente, havia vários profissionais ao redor da cama de Marcos. Eles debatiam sobre algo e faziam anotações. Avistei Rebeca e me encaminhei para junto dela, a fim de colher informações.

— Oi, Rebeca! Por que toda essa movimentação?

— A situação do Marcos não é nada boa, Laura. Os médicos estão temendo pelo pior — falou pesarosa.

Aquilo não poderia estar acontecendo. Como eu daria tal notícia os pais dele? Meu Deus, Ana ficaria arrasada! Mas era meu dever deixá-los a par do que estava acontecendo, eles não mereciam ficar sem notícias, afinal, tratava-se da vida do filho deles. Deixei o quarto e fui ao encontro dos dois.

— Laura, o que foi? Que cara é essa? — Ana perguntou apreensiva.

Eu hesitei um instante, pensando em quais palavras usar.

— Marcos teve uma piora e...

— O quê, como assim? — Ana se adiantou, desesperada. — Não! Meu filho...

Ana tentou correr em direção à porta do quarto, mas eu a impedi.

— Você não vai poder entrar, Ana, acalme-se. Há médicos especialistas lá dentro com ele e garanto que eles vão fazer o possível para reverter esse quadro. — Tentei acalmá-la. — Não chegamos até aqui para nos rendermos tão facilmente. Não é nada definitivo, foi apenas uma recaída, então, não perca a fé. Vai dar tudo certo!

— Tudo bem, você tem razão, Laura — falou enxugando as lágrimas e respirando fundo.

— Ricardo, cuida dela, eu vou voltar para o quarto e qualquer novidade eu venho informá-los.

— Faça isso, Laura. Obrigado!

Após concluir todos os procedimentos, doutor César pediu para que eu ficasse atenta e o informasse se houvesse qualquer alteração.

No decorrer daquele dia, Clara, irmã mais nova de Marcos, apareceu

no hospital para uma visita, como fazia toda semana. Os primeiros dias de internação do irmão foram muito difíceis para ela, mas, aos poucos, acalmou-se com a situação toda, mesmo ainda sentindo um aperto no peito, como me relatou certa vez, sempre que adentrava no leito de Marcos.

— Não me conformo em ver meu irmão só por cinco minutos — reclamou Clara enquanto vestia a roupa específica para entrar no quarto.

— São as regras, Clarinha — expliquei quando terminei de ajudá-la com as luvas e a máscara.

— Eu sei. Mas não é justo.

A garota suspirou fundo e encarou a porta à sua frente, antes de abri-la, preparando-se para ver o irmão sempre deitado e rodeado por aparelhos. O quarto não era pequeno, mas tinha pouca iluminação, o que dificultava ver o rosto de Marcos com clareza, e a existência de alguns curativos e a máscara de oxigênio contribuía para que boa parte da face de Marcos não ficasse aparente. Sua cabeça estava enfaixada, assim como várias partes do seu corpo.

— Ainda não consigo entender como isso foi acontecer, Marcos. Sempre foi tão cuidadoso... — Ela segurou a mão do irmão, um dos poucos lugares que estava sem gaze e esparadrapos. — Gostaria de poder abraçá-lo.

Clara passou a maior parte do tempo apenas observando o rosto machucado dele e ouvindo os *bips* do aparelho que monitorava os batimentos cardíacos.

— Está tudo bem? — perguntei, colocando a mão em seu ombro.

— Está, obrigada — respondeu com a voz embargada. — Já tenho que sair?

— Tem sim. Mas não se preocupe, eu vou cuidar bem dele — garanti a ela e sorri.

Saímos juntas do quarto e a ajudei a tirar a roupa hospitalar.

— Você me passa confiança, Laura — ela disse com um meio sorriso, que se desfez aos poucos. — Eu sei que meu irmão está em boas mãos, mas eu só quero que ele acorde. Oh, Deus! Isso parece um pesadelo!

— Ei! Não fique assim, você tem que confiar que tudo vai dar certo — falei ao secar uma lágrima que rolou em meu rosto. — Não deixe a negatividade tomar conta de você. Ok? — Clara faz que sim com a cabeça. — Que bom! Agora preciso ir, até mais!

Despedi-me com um abraço apertado e voltei para o quarto.

Novamente só com Marcos, fui até a cama e segurei uma de suas

mãos entre as minhas, fechei os olhos e orei, com toda a sinceridade que havia em meu coração.

— Pai, venho interceder pela vida do Marcos, que ainda é tão jovem, com tanto para viver. Meu Deus, o Senhor conhece o meu coração e sabe que eu não desejo a ninguém a dor de perder alguém que amamos. Por favor, Senhor, ouça minha oração.

Ao concluir minha oração, abri meus olhos e, ainda segurando sua mão, falei em seu ouvido:

— Não desista, Marcos, sua família precisa de você. Seja forte, lute! Se estiver me ouvindo, por favor, reaja.

Lembrei-me de uma música muito bonita, que tinha o poder de me dar um novo ânimo quando eu pensava em desistir de algo. Resolvi cantá-la para ele. Fechei os olhos, deixando a letra me levar para longe, sentido a paz que só a música era capaz de proporcionar. Subitamente, interrompi meu canto e dei um passo para trás, assustada.

Marcos havia mexido a mão, eu senti. Esperei mais alguns instantes, aguardando por mais algum movimento, mas nada aconteceu. Eu me perguntava se ele realmente havia se mexido ou apenas imaginei. No entanto, no momento em que comecei a achar que tinha ficado louca de vez, aconteceu um ato inesperado, porém desejado: Marcos abriu os olhos.



Abri os olhos com dificuldade. Estava um pouco escuro e tudo o que fui capaz de enxergar, ainda com a visão embaçada, foram as copas de altas árvores, e acima delas, alguns feixes de luz que não conseguiam chegar até mim. Notei que estava deitado em um lugar muito úmido, minhas roupas estavam molhadas. Analisando ao redor, vi que o ambiente não era, nem de longe, familiar.

Levantei e observei o local com mais afinco. Não demorou muito até eu perceber que o lugar se tratava de um pântano quase sem luz, onde o que predominavam eram as sombras das árvores com formatos assustadores quando agregadas à escuridão e à espessa névoa que pairava no ar. Meu olhar

percorreu todas as direções em busca de uma saída. Caminhei a esmo pelo lugar estranho sem conseguir enxergar um palmo sequer a minha frente. Mas era inútil, não havia como fugir daquele pântano amedrontador.

Uma sensação de vazio começou a invadir meu peito e trazer consigo o medo. Apressei o passo na esperança de encontrar, o quanto antes, o fim do labirinto negro onde me encontrava, porém, a impressão que tive era que estava andando em círculos. A paisagem nunca mudava: sempre as mesmas sombras, a mesma escuridão, a mesma lama. Desesperado, pensei em gritar e pedir ajuda, mas não consegui emitir um único som, era como se minhas cordas vocais não existissem, provavelmente em decorrência da aridez em minha garganta. Como se não bastasse, minha cabeça começou a doer sem parar. Meu corpo, aos poucos se rendeu à fraqueza e as forças que eu tinha para prosseguir se esvaíam rápido. Era tudo em vão, não chegaria a lugar algum, tampouco encontraria alguém que pudesse me socorrer. Eu estava fadado a permanecer naquele ambiente tenebroso e frio.

Mas, por quanto tempo?

A partir disso, vários questionamentos se formaram e se embaralharam em minha mente: por que tudo aquilo estava acontecendo comigo? Como fui parar em um lugar tão sombrio? Como faria para sair dali? E, o mais importante, para onde iria?

Farto de procurar por algo que não sabia se existia, permiti-me descansar um pouco, sentando em um pedaço de tronco caído que encontrei no caminho. O suor banhava minha testa e pescoço, e o cansaço se fez presente em meus músculos como consequência de estar andando há horas. A sede também veio para me atormentar, deixando a situação ainda pior. Pensei que talvez fosse hora de desistir, entregar os pontos e aceitar que era ali, naquele local obscuro e pantanoso, que deveria ficar.

Tão logo esse pensamento me invadiu, algo me chamou a atenção: uma voz. Ouvi ao longe, quase como um eco, uma voz tão doce e tranquila que me aqueceu o coração. E, por mais estranho que parecesse, eu a reconheci. Mas, de onde? Levantei-me de súbito e corri, mesmo aos tropeços, na direção da voz. À medida que eu corria, sentia estar mais perto de alcançá-la e um fio de esperança crescia dentro de mim. O chão lamacento só dificultava minha caminhada, meus pés afundavam em meio aos musgos que ali se encontravam. Não importava quanto tempo demorasse, eu estava decidido a alcançar a voz doce que invadia todos os meus sentidos e me fazia crer que nem tudo estava perdido.

Alguns passos errantes no escuro depois, identifiquei uma luz ainda distante e quando consegui chegar mais perto notei que era uma clareira bem iluminada em meio às árvores sombrias. A cada passo que dava em sua direção, a luz ficava mais intensa, ofuscante, a ponto de me cegar. Fechei os olhos com força para protegê-los do forte brilho.

Quando, enfim, fui abrindo os olhos, devagar, percebi que não estava mais naquela floresta enevoadada. Apesar da minha visão estar bastante embaçada, sabia que não conhecia aquele novo ambiente.

— Marcos, pode me ouvir?

A voz! Virei minha cabeça para o lado e vi uma silhueta desfocada: a dona da voz. Porém, antes que eu pudesse falar ou fazer alguma coisa, senti que estava sendo puxado para a escuridão outra vez.



— Marcos, fique acordado, por favor.

Cinco segundos foi o tempo que ele passou de olhos abertos, antes de adormecer novamente. O doutor César atendeu meu chamado imediatamente e não conseguiu acreditar que Marcos estava reagindo.

— Não faz sentido, há pouco os sinais estavam fracos e agora está tudo normal. Como pode ser? — disse o médico sem entender.

— É um milagre, doutor! — exclamei com um sorriso vitorioso.

— Ora, não diga bobagens! Há uma explicação para o que está acontecendo. Tem que haver.

— Às vezes, doutor, Deus usa as coisas loucas do mundo para confundir os sábios.

— Laura, por que não vai dar a notícia aos pais do rapaz e me deixa trabalhar em silêncio? — disse o médico, visivelmente incomodado com minha atitude.

Saí do quarto radiante e sem conter o sorriso ao procurar Ana e Ricardo para contar-lhes a novidade. Não pude deixar de fazer uma oração e agradecer a Deus por ser tão maravilhoso.

— Ricardo! Ana! Trago notícias — falei assim que os vi sair do elevador.

— Marcos piorou novamente? Espera. Por que está sorrindo? — indagou Ricardo, confuso.

— Não, muito pelo contrário: Marcos abriu os olhos! Ele está reagindo e seus sinais estão voltando ao normal.

O casal abraçou-se emocionado e logo me incluíram no abraço. Senti uma enorme felicidade por compartilhar daquele momento de esperança com eles.

— Você estava certa, Laura, não podemos perder a fé jamais! — Ana disse chorando de alegria.

— Alegrem-se, pois este filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado. — Enxuguei uma lágrima do rosto Ana e a abracei novamente.

— Podemos vê-lo?

— Infelizmente, ainda não. Mas se ele continuar melhorando, logo poderá sair da UTI e vocês poderão vê-lo quando quiser — falei entusiasmada. — Preciso voltar, mas continuarei mantendo vocês informados.

Voltei para o quarto e o médico informou que retirara alguns dos aparelhos para saber como o organismo de Marcos reagiria, e também reduziu a dosagem dos medicamentos para que ele, caso despertasse, pudesse ficar acordado por mais tempo. Então, durante toda a madrugada, não tirei os olhos dele, na esperança de que acordasse outra vez ou que fizesse algum movimento, mas nada aconteceu.

O dia já estava amanhecendo quando doutor César apareceu para examiná-lo novamente e, quando menos esperávamos, Marcos despertou. Dessa vez ele ficou acordado, então eu pude contemplar seus lindos e hipnotizantes olhos verdes. Ele, naturalmente, estava confuso por causa do coma, mas fisicamente parecia estar tudo em ordem. Eu estava eufórica, meu coração retumbava no peito com a emoção que eu estava sentindo naquele momento ao ver o rapaz, por quem eu orava todos os dias, acordado e bem.

Meu desejo era correr até Ana e Ricardo e contar que o filho deles não somente tinha aberto os olhos, mas estava totalmente desperto. Mas sabia que não seria adequado, primeiro o médico deveria fazer uma avaliação do estado de Marcos. Por enquanto, eu deveria guardar meu contentamento apenas para mim mesma, mas em breve eu veria uma família reunida e feliz novamente, e aquece simples pensamento me aquecia o coração.



A luz ofuscava meus olhos e demorei alguns segundos até me acostumar com a claridade. Eu não sabia onde estava. Minha cabeça doía muito.

Olhei em volta e vi duas pessoas: um homem alto e careca, com uma expressão de espanto, e uma mulher que sorria, com um encantador brilho no olhar. Ambos estavam vestidos de branco e apenas me observavam, sem dizer uma única palavra. Tantos olhares sobre mim incomodaram um pouco. Tentei falar e perguntar o que estava acontecendo, mas minha boca estava tão seca que minha voz não saiu.

— Água — sussurrei.

A moça aproximou-se mais de mim e pediu que eu repetisse.

— Água, por favor.

— Claro, vou buscar para você.

Ela sorriu e saiu porta afora, voltando logo em seguida com um copo com água em mãos e ajudou-me a beber. Tive dificuldade para engolir o líquido e uma crise de tosse começou, como se a água ferisse minha garganta.

— Não se preocupe, isso é normal para quem passou tanto tempo sem usar as vias digestivas — disse a moça.

— Como se sente, Marcos? — perguntou o homem dirigindo-se a mim.

— Minha cabeça dói.

— Mostre para mim exatamente onde você sente dor.

Após indicar-lhe o local como me pediu, ele virou-se para a moça e disse que iria pedir alguns exames.

— Que lugar é este? — perguntei por fim.

— Um hospital — respondeu-me o senhor de branco.

— Por que estou aqui? O que houve comigo?

— Você sofreu um acidente de carro há dois meses, Marcos — respondeu a bela moça com doçura. — Estava em coma desde então.

Do que ela estava falando, que acidente foi esse? De que nome ela me chamou?

Meu estômago começou a embrulhar-se perante os pensamentos confusos que se passaram em minha mente. O desespero veio logo a seguir, pois, por mais que me esforçasse, não conseguia lembrar de nada, minha memória era um buraco escuro onde eu caía vertiginosamente. Não! Por que não conseguia lembrar quem era ou o que vivi?

— Marcos, o que houve? Acalme-se, você não pode se agitar tanto assim — falou a moça com visível preocupação pelo meu nervosismo.

— Por quê... por que não consigo me lembrar?

— Lembrar-se de quê, Marcos? — indagou o homem.

— De tudo. O que está acontecendo? Não consigo lembrar quem eu sou — disse já no auge do desespero.

— Doutor? — A moça olhou assustada para o homem, que então eu soube se tratar de um médico.

— Marcos, tem certeza que não lembra? — perguntou o médico com calma. — Alguma lembrança antiga, da sua infância. Faça um esforço.

— Eu já tentei, não consigo, nada me vem à mente — minha voz saiu mais exasperada do que eu gostaria. — Lembro apenas de uma voz. — A

lembrança do sonho na floresta enevoadá apareceu em um lapso.

— Voz? — falaram simultaneamente.

— Sim, uma voz doce e melodiosa. Fora isso, nada mais.

Eles se entreolharam e o médico disse:

— Marcos, tente se acalmar, nós iremos fazer alguns exames para saber o motivo dessa falha na sua memória. Volto daqui a pouco para buscá-lo.

O médico saiu apressado do quarto, deixando-me a sós com a moça. Ela tomou uma das minhas mãos entre as suas, frias e delicadas.

— Marcos, feche os olhos — pediu com os olhos brilhando.

— O quê? Por quê? — perguntei intrigado.

— Confie em mim! Apenas feche os olhos.

Fiz o que me pediu. Por um estranho motivo, que estava bem longe do meu entendimento, eu sabia que poderia confiar nela. Alguns segundos depois, um som maravilhoso e calmante entrou em meus ouvidos. Era a voz da qual me lembrava. Deixei-me levar pela melodia suave e que me trouxe paz.

— A voz é sua — disse ao abrir os olhos. — Quem é você? Como é possível que a única lembrança que tenho é a sua voz?

— Eu sou sua enfermeira e cantava todos os dias enquanto cuidava de você — respondeu com um lindo sorriso.

— Por quê?

No exato momento em que ela iria me responder, o médico entrou no quarto com mais dois homens que traziam uma maca.

— Está tudo pronto para seus exames, Marcos. Vamos? — falou o médico.

Fiz que sim com a cabeça, então os dois homens acomodaram-me na tal maca desconfortável e me conduziram para fora do quarto. No trajeto, as únicas coisas que consegui ver foram as luzes do teto, passando acima de mim, uma a uma. Ouvi as pessoas ao meu redor conversando, mas não dei muita atenção ao que diziam. Eu só conseguia pensar na voz doce da enfermeira.

Entrei e saí de várias salas diferentes, passei por muitas máquinas esquisitas, colocaram e retiraram fios por todo o meu corpo, e fui perfurado por agulhas incontáveis vezes. Ao final de toda essa maratona exaustiva, levaram-me de volta ao quarto, onde a primeira pessoa que vi foi a linda enfermeira, que permaneceu ali a minha espera. Após eu ser recolocado na

cama, o médico administrou um medicamento que, segundo ele, aliviaria a dor e me faria dormir para eu poder descansar. Em poucos minutos já estava pegando no sono.



A medicação que o doutor César aplicou em Marcos o faria dormir até a manhã seguinte e, sendo assim, fui para casa, o dia havia sido exaustivo. Na realidade, eu estava no hospital há mais de 24 horas e não tinha me dado conta.

Chegando em casa, tomei um banho e caí na cama num sono profundo e sem sonhos. Acordei com o barulho do despertador ecoando na minha cabeça, então levantei-me com uma preguiça descomunal, tendenciosa a permanecer na minha cama, que estava quentinha e convidativa. Porém, não podia me dar tal luxo, eu tinha um paciente para cuidar. Saí do quarto e fui até a cozinha, onde encontrei minha mãe sentada na mesa tomando café e convidando-me a juntar-me a ela.

— Dormiu bem, filha?

— Sim, mãe, obrigada. Cadê o papai?

— Já saiu para o trabalho.

— Tão cedo assim?

— Sim, a empresa está passando por algumas fiscalizações e precisam dele por mais tempo.

— Isso não é justo, papai trabalha demais.

Mamãe me olhou com uma cara de quem diz "Você é igualzinha".

Apenas sorri e continuei tomando meu suco com torradas em silêncio, mas ela iniciou uma conversa.

— Você tem ido a suas consultas?

— Faz um tempinho que não vou, estou muito atarefada ultimamente.

— Acho que não deve parar de ir, elas ajudam muito.

— Sim, me ajudaram bastante, mas agora eu já estou bem e sinto que não preciso mais dessas consultas. Já estou recuperada, mãe!

— Tem certeza disso, Laura? O doutor Lúcio falou que o tratamento era demorado e você parou cedo demais.

— Mãe, por favor — minha voz saiu alta e exasperada. — Por que você nunca acredita na minha recuperação? Por que sempre acha que eu vou ter uma recaída ou algo do tipo? Me dá um crédito, ao menos uma vez.

Levantei-me da mesa e fui me preparar para o trabalho. Eu não gostava de ter atitudes rudes com minha mãe, sentia uma enorme culpa, mas sempre que falávamos sobre esse assunto acabávamos discutindo. Tomei um banho rápido, arrumei minha bolsa e peguei as chaves do carro, entretanto, antes de sair de casa, fui até minha mãe e pedi-lhe desculpas com um abraço e um beijo. Ela, como nunca se chateava com nada, retribuiu o abraço e me desejou bom dia.

Apressei-me para chegar logo ao hospital, pretendia chegar antes que Marcos acordasse.

Após alguns quilômetros fui obrigada a parar atrás de uma fila de carros, em decorrência do grande contingente de veículos que havia na cidade na hora do rush. Aproveitei os minutos de trânsito parado para refletir no que vinha acontecendo nos últimos dias e, em meio a tantos questionamentos, peguei-me pensando no porquê de me importar tanto com Marcos, já que ele era apenas mais um paciente de tantos que cuidei.

Levando em consideração que ele era o paciente ajudado por mim há mais tempo e o carinho que nutria pela sua família, então meus atos eram

justificáveis. Mesmo assim, minha intuição me dizia que eu não deveria estar pensando em Marcos de forma tão próxima, afinal, tudo fazia parte do meu trabalho. E era somente nisso que eu teria que focar.

Assim que cheguei ao quarto andar vi Ana e Ricardo, muito aflitos, conversando com uma enfermeira em frente ao quarto de Marcos. Aproximei-me para saber o que estava acontecendo.

— Laura, onde estava? Procuramos você por toda parte — disse Ana muito nervosa.

— Eu fui em casa para descansar um pouco, estava aqui há mais de dois turnos. O que está acontecendo, afinal?

— Oh! Perdoe minha insensibilidade, minha querida, você fez bem em ir descansar. Estou nervosa porque não tenho recebido notícias do meu filho.

— Era exatamente isso que eu estava prestes a dizer — falou a enfermeira com cara de poucos amigos. — Seu filho acordou e, aparentemente, está tudo bem.

— Como assim, aparentemente? — indagou Ricardo.

— Ontem foram feitos vários exames em Marcos — respondi antes da outra enfermeira, para tentar acalmar os ânimos — para sabermos como está seu organismo e se o coma deixou alguma sequela. Os resultados ainda não saíram, por isso não podemos dar mais detalhes. Assim que eu tiver acesso aos resultados os informarei a vocês.

Depois de acalmar os pais de Marcos e dizer para a outra enfermeira que ela poderia ir, entrei no quarto e encontrei Marcos já acordado me lançando um olhar inquisitivo.

— Pensei que a encontraria aqui quando eu acordasse.

— Desculpe-me, senhor, mas até as enfermeiras precisam dormir, sabia? — brinquei e ele sorriu. — Como você está hoje?

— Ainda sinto dor na cabeça.

— Tudo bem, vou aplicar um analgésico para aliviar a dor.

— Obrigado — falou após eu aplicar o medicamento. — Você é, praticamente, a única pessoa que eu conheço, mas ainda não sei seu nome.

— Eu me chamo Laura.

— Oi, Laura, muito prazer! Eu sou Marcos. Pelo menos é o que todos dizem. — Eu ri e perguntei se ele conseguiu lembrar-se de algo. — Ainda não — respondeu desanimado.

— Não se preocupe, você vai lembrar aos poucos.

— Como tem tanta certeza?

— Não tenho certeza. Tenho fé — falei sorrindo.

Após essa conversa, doutor César entrou no quarto com uma série de papéis nas mãos.

— Então, Marcos, como está se sentindo? — questionou o médico.

— Sem contar o fato da minha memória ter sido deletada? Não posso reclamar de nada — respondeu com um meio sorriso.

— Mas veja o lado bom, você não perdeu o senso de humor. — Riu o médico. — Estou com o resultado dos seus exames, mas antes vou chamar os seus pais.

Doutor César voltou no minuto seguinte com o casal. Ana começou a chorar assim que viu o filho acordado depois de tanto tempo adormecido e correu para abraçá-lo efusivamente.

— Marcos, graças a Deus você está bem! — disse aos prantos, que eu sabia ser de alegria.

— Obrigado — ele agradeceu sem jeito.

Ana afastou-se, encarando e analisando o semblante do filho ao notar que algo não está certo, então voltou-se para o médico.

— Está tudo bem com o meu filho, doutor?

— Segundo o resultado dos exames, Marcos está se recuperando muito bem e não encontramos nenhuma alteração no seu sistema imunológico. Porém, o trauma na cabeça deixou uma sequela: ele está com amnésia.

— O quê? Está dizendo que o meu filho não sabe quem nós somos?

— Ana voltou-se para Marcos com olhar de súplica, pedindo silenciosamente que ele desmentisse a afirmação do médico.

— Sinto muito. Não consigo lembrar — disse Marcos entristecido.

— Mas o que houve com as memórias dele, doutor? — interveio Ricardo.

— A amnésia ocorre como consequência de uma lesão direta em uma região da cabeça chamada de Lobos Temporais. Essa lesão foi consequência do traumatismo craniano que ele sofreu no acidente. Mas fiquem tranquilos, Marcos tem perda de memória total e temporária, ou seja, a memória dele voltará aos poucos, à medida que a lesão for melhorando. Porém, não podemos estipular um prazo, pode ser amanhã, em seis meses ou daqui a seis anos. Ele será acompanhado por um neurologista para que tenha um tratamento adequado.

Após dar todas as explicações possíveis, o médico retirou-se e levou consigo os pais ainda abalados pela notícia.

— Eles parecem ser bem legais — disse Marcos, referindo-se ao casal.

— Eles são maravilhosos e te amam muito!

— Como sabe?

— Convivo com sua família desde o seu primeiro dia aqui na UTI e criei um vínculo de amizade muito forte com todos eles.

— Gostaria muito de me lembrar deles. Minha mãe ficou tão triste!

Sem conseguir pensar em algo para dizer naquele momento, apenas abaixei a cabeça em respeito aos sentimentos dele. Ficamos calados por um bom tempo, até que ele quebrou o silêncio.

— Laura, posso te fazer uma pergunta?

— Claro que sim, o que é?

— Por que você cantava para mim todos os dias, mesmo sabendo que eu não poderia ouvi-la?

Sua pergunta me fez recordar do sonho que tive com ele, no dia em que deu entrada no hospital, e que me atormentou por bastante tempo. Era estranho pensar daquela forma, mas as últimas palavras ditas por Marcos naquele sonho, mexeram comigo de maneira nada convencional. “Não me deixe sozinho”, ele disse. E era exatamente assim que se sentia: solitário, vagando em meio às suas lacunas. Encarei aquilo como uma súplica, um pedido de ajuda para livrá-lo da solidão na qual ele se encontrava.

Tudo o que sou e conheço estão gravados nas minhas memórias: as lembranças do que fiz e falei, as pessoas que passaram pela minha vida, a maneira como adquiri conhecimento. Eu jamais saberia como era se sentir sem passado, sem história. Mas Marcos sabia. Ele sentia, todos os dias, que algo lhe faltava, uma incompletude arrasadora.

Respirei fundo e encarei seu rosto abatido, porém pacífico, por alguns segundos antes de responder.

— Marcos, lá no fundo do meu coração, alguma coisa me dizia que você podia me ouvir. — Mordi o canto do lábio inferior para evitar falar demais. Ele não precisava saber dos meus motivos oníricos. — Sabe, eu acreditava que a música te ajudaria a se recuperar, assim como me ajudou um dia.

— Ajudou em quê? — perguntou com curiosidade.

— Não importa. — Sorri sem ânimo. — O importante é que minha

tática funcionou, não é mesmo? — Tentei convencê-lo com um sorriso maior.

— O que houve, Laura? — Ele me encarou buscando respostas, mas eu desviei o olhar.

— Você não acha que a nossa vida deveria ter uma trilha sonora, assim como nos filmes? — Ele apenas deu de ombros, então concluí meu pensamento. — A minha vida ficou melhor e com mais sentido depois que eu achei uma trilha sonora para ela.

Ele continuou a olhar para mim, como se medisse a quantidade de verdades no que eu havia dito.

— Então você me ajuda a achar a minha? — perguntou.

— Sua trilha sonora?

— Não. — Havia angústia na sua voz. — A minha vida.

Um nó se formou em minha garganta ao ouvir Marcos falar com tanta amargura. Não conseguia imaginar como era estar na situação dele, sem saber quem era ou o que já fez na vida. Deve ser um sentimento inexplicável, sentir-se sozinho e perdido no mundo.

— Claro. Eu vou te ajudar. — Esbocei um sorriso para conter as lágrimas.



A hora da refeição era um pouco complicada, Marcos sentia bastante dificuldade para comer a sopa devido ao longo tempo que passou sem ingerir. A notícia boa era que em poucos dias tudo voltaria ao normal, como todas as outras atividades.

Depois da refeição, um fisioterapeuta apareceu para exercitá-lo, a fim de fortalecer sua musculatura e, assim, poder se locomover em breve. Após as sessões de fisioterapia, informei ao paciente que era chegada a hora do banho.

— Que história é essa de banho? — Marcos perguntou assustado.

— Como assim, Marcos? Esqueceu o que é banho também? — perguntei tentando conter o riso. — Eu explico: é um ato de higiene que o ser humano deve adotar, pelo menos, uma vez por dia.

— Eu sei o que é banho. Eu só quero saber quem vai fazer isso. E como?

— Eu conto com o auxílio dos técnicos de enfermagem para realizar essa tarefa.

— E isso acontecia todos os dias?

— Sim. Algum problema? — Eu estava curiosa para saber onde ele queria chegar com aquela conversa.

— Nada. É que... Você me viu nu? — questionou, totalmente desconcertado, e logo em seguida cobrindo o rosto com o lençol.

— Marcos, você é um bobo! — falei após alguns instantes de gargalhadas. — Não se preocupe, quem faz esse trabalho é sempre um enfermeiro, que aliás, tenho que ir chamá-lo agora. Fique quietinho aí que eu já volto.

— Como se eu pudesse ir para algum lugar — ouvi-o resmungar.

Horas mais tarde, doutor César apareceu com uma animação incomum.

— Como está o nosso paciente? — perguntou.

— Bem, obrigado — Marcos respondeu sem tanta animação.

— Muito bem! Estou vendo que tem melhorado bastante, rapaz. Daqui a pouco não precisará mais de uma enfermeira em tempo integral.

— É mesmo? — Marcos indagou atônito. — Mas e se em algum momento eu tiver uma recaída?

— Não diga isso, Marcos! — repreendi-o. — Você não terá recaída nenhuma. Deve pensar na sua recuperação e não em coisas negativas desse tipo.

— Tudo bem, me desculpa, não tive a intenção — falou envergonhado.

— Isso mesmo, você tem apresentado uma melhora muito significativa, e por isso trago boas notícias. Amanhã já poderá sair da UTI e ir para um quarto comum, que permitirá um acompanhante e visitas — disse doutor César. — A transferência acontecerá amanhã logo cedo. Laura, prepare tudo, por favor.

Dito isso, o médico retirou-se.

— Fico feliz que você esteja melhorando a ponto de sair da terapia intensiva. Mas, por outro lado é uma pena, pois não nos veremos mais — falei com uma pontinha de tristeza.

— Por que não nos veremos mais?

— Porque você vai para outra ala e eu continuarei aqui.

— Mas você não pode ir para onde vão me levar?

— Infelizmente, não. Meu local de trabalho é aqui, neste andar. O local onde você ficará a partir de amanhã terá outros enfermeiros para cuidar de você, não se preocupe.

— Mas e se os enfermeiros de lá não cuidarem direito de mim, do jeito que você faz?

— Todos os enfermeiros deste hospital têm o mesmo grau de instrução que eu, e te garanto que eles vão saber o que fazer.

— E quem vai cantar para mim todos os dias, me diz? — Marcos cruzou os braços junto ao peito e fez cara de indignação.

Sorri das tentativas de argumentação dele.

— Eu gosto quando você sorri — ele disse.

— E eu gosto de sorrir para as pessoas, não é exclusividade, Ok? — retruquei e ele sorriu.

— Laura, diga o que você sabe sobre mim — perguntou de repente.

— Eu não sei muito sobre você.

— Sabe mais do que eu mesmo. Então, vai em frente!

Pensei por alguns segundos no que eu poderia dizer.

— Você é arquiteto, cantor, toca guitarra e perdeu a memória recentemente.

— Nossa, essa última informação é novidade. Vou anotar aqui no meu bloquinho — disse em tom irônico. — Quero algo com mais detalhes. Por favor, Laura, eu sei que você sabe mais do que isso.

Respirei fundo e o encarei.

— Tudo bem, se você quer assim, vou falar o que eu sei, mas vou logo avisando que não é muito.

— Não tem problema, o pouco que me disser já ajuda.

— Seu nome é Marcos Bitencourt e tem 28 anos. Seus pais se chamam Ana e Ricardo. Você tem uma irmã mais nova, de 17 anos, a Clarinha, que é um amor de menina. Ela é branquinha, tem cabelos claros e olhos cor de mel, parece uma princesa. Aliás, é assim que você a chama: Minha princesa. — Parei de falar, mas ele faz sinal para que eu continue. — Você é formado em arquitetura e montou, com mais quatro amigos, uma banda na qual você é vocalista e guitarrista. Fazem alguns shows por mês em diversos lugares da cidade e já tocaram em outro estado uma vez. E foi na volta de um desses shows que vocês sofreram o acidente.

— Pelo visto eu tenho uma vida agitada.

— Parece que sim.

— Como estão eles? Os meus amigos, que também sofreram o acidente?

— Não tenho informações sobre o quadro clínico deles, sinto muito. Sugiro que pergunte a sua mãe, ela sabe como eles estão.

— Tudo bem. Mas quero te pedir uma última coisa.

— Claro, pode pedir.

— Quero ver o meu rosto. É estranho não lembrar nem do meu próprio rosto.

— Tem certeza? Você pode se arrepender do que vir — falei com a expressão mais séria que consegui fazer, mas ainda assim ele riu.

Fui até minha bolsa, que se encontrava em uma mesinha no canto do quarto, peguei um espelho e entreguei a ele. Marcos fez um suspense, mas no fim das contas admirou seu reflexo por algum tempo.

— Então esse sou eu? — falou pensativo. — Nada mal, não acha?

— Você não leva nada a sério? Tudo se torna uma brincadeira para você — sorri com o comentário dele.

— Obrigado, Laura, por tudo que tem feito — agradeceu com sinceridade.

— Não precisa agradecer, só faço o meu trabalho.

Marcos estendeu a mão e eu a segurei, depois levou minha mão aos lábios e a beijou. Foi um gesto de agradecimento muito lindo e que me causou um estranho arrepio. Então ficamos assim, de mãos dadas e sorrindo um para o outro, por um tempo que pareceu congelar.



Era a última noite que eu passaria na UTI e, por consequência, também seria a última vez que veria Laura. Eu deveria ficar completamente feliz por estar melhor a ponto de ir para um quarto sem constante observação e livre de tantos aparelhos ligados em mim, mas não estava. A única pessoa, fora meus pais, que eu conhecia e sabia que podia confiar era a Laura, a primeira pessoa que vi ao acordar, o anjo que conseguiu me tirar do lugar tenebroso onde me encontrava. Amnésia nenhuma me faria esquecer aqueles olhos castanhos, que brilharam de alegria ao me ver acordado, assim como a voz doce e o sorriso terno que iluminava meu dia.

Porém, para a minha angústia e ansiedade, eu iria para um quarto

comum receber a visita de familiares e amigos que eu não conhecia, ou melhor, não me lembrava. Assustava-me o fato de não saber qual seria a reação deles. Era ainda pior ficar imaginando como me sentiria diante da nova realidade que se apresentava para mim. Sinceramente, eu não estava certo de que iria me sentir bem. Por outro lado, pensar incessantemente nesse assunto também não me faria bem, então decidi aproveitar os instantes que me restavam com a minha tão dedicada enfermeira.

Observei Laura preparar a medicação que seria aplicada em mim; estava séria e concentrada, mas de vez em quando olhava em minha direção e sorria. Ela era muito habilidosa com as mãos, fazia tudo com precisão, mas sem deixar de ser delicada. Antes dela colocar as luvas reparei que tinha mãos pequenas, o que me fez sorrir ao notar esse simples detalhe. Naquele instante, também percebi algo que eu não havia reparado: Laura usava uma aliança discreta e brilhante na mão direita. Tomado por uma extrema curiosidade, resolvi sondá-la.

— Gostei da sua aliança, é muito bonita — disse da forma mais casual que pude.

— O quê? — Laura franziu o cenho e levou a mão direita até o coração.

— A aliança. — Apontei para seu dedo. — Por que você a usa?

— É de noivado — ela respondeu em um fio de voz.

— Seu noivo deve ter orgulho por você ser tão dedicada — falei após alguns segundos de silêncio.

Laura parou subitamente o que estava fazendo, sua expressão endureceu e seus olhos ficaram marejados. Em seguida, foi até outra enfermeira que estava próxima.

— Rebeca, pode concluir esse procedimento, por favor?

— Claro!

Atônito, vi Laura sair do quarto sem dizer mais nada. Rebeca começou de onde Laura havia parado.

— O que houve? — ela perguntou.

— Eu não sei! Apenas comentei sobre a aliança que ela usa.

— Ah! Então foi isso — Rebeca constatou.

— Isso, o quê? O que eu disse de errado? — indaguei atormentado.

— O noivo dela. Ou melhor, ex-noivo. Ele morreu há quase um ano, mas ela nunca tirou a aliança e sempre fica nesse estado quando alguém toca no assunto.

— Eu não sabia, me desculpe — falei arrependido.

— Não se preocupe, você não tinha como saber, Laura é muito discreta com seus assuntos pessoais.

Rebeca terminou de aplicar a medicação, pediu licença e saiu, deixando-me no quarto sozinho com uma série de perguntas sem respostas. Como uma pessoa tão alegre como Laura podia estar passando por algo assim? Como eu pude não perceber que ela estava sofrendo?

Depois de muito refletir, cheguei a uma conclusão: nada é o que parece.



Desde o momento em que Laura saiu do quarto não mais a vi durante toda a noite e nem na manhã seguinte. Estava me sentindo extremamente culpado pelo ocorrido, jamais tive a intenção de magoá-la.

Que tipo de ser humano eu era por fazer mal a uma pessoa boa que só tem me ajudado no período mais crítico da minha vida?

Fiquei me punindo mentalmente até o momento em que doutor César entrou no quarto acompanhado por dois enfermeiros empurrando uma maca.

— Bom dia, Marcos! Pronto para sair da UTI? — perguntou animado.

— Claro, estou sim — falei forçando um sorriso.

Os rapazes me colocaram na maca e me conduziram pelos corredores do hospital, mas daquela vez não prestei atenção em absolutamente nada durante o percurso. Eu queria apenas me desculpar com Laura pelo episódio lamentável do dia anterior.

Ao entrarmos no quarto onde eu ficaria, reparei que o ambiente era bem diferente do outro: tinha maior espaço, as paredes eram brancas e em uma delas havia uma ampla janela de vidro permitindo a entrada da luz do sol. Os meus pais, já ao meu aguardo, receberam-me com efusiva alegria.

— Está entregue — disse o médico para os meus pais. — Marcos será monitorado e cuidado como antes, mas agora sem grandes riscos. Estamos apostando em sua breve e completa recuperação. Qualquer coisa, não hesitem em me chamar.

— Obrigado, doutor — agradeceu o casal.

Doutor César se foi e permaneceu apenas um enfermeiro, regulando a posição da cama e furando meus braços por todos os lados, para variar.

— Então, filho, como se sente? — perguntou minha mãe.

— Estou bem, só minha cabeça que ainda dói um pouco — respondi pouco confortável.

— Já conseguiu lembrar-se de alguma coisa, filhão? — indagou papai.

— Não, ainda não me lembro de nada — falei meio frustrado. Apesar de todo o meu esforço e a ajuda da Laura, minha cabeça parece estar vazia.

— Não se preocupe, vamos ajudar você a resgatar suas lembranças — falou minha mãe muito afável. — Pergunte o que quiser e nós responderemos.

— Tudo bem, vou pensar em algo para perguntar — respondi meio sem ânimo.

— Bom, eu tenho que ir agora, mas volto mais tarde, no horário de visitas, com a Clarinha. Sabe quem ela é, filho? — perguntou meu pai.

— Sei sim, é minha irmã mais nova.

— Quem te falou?

— A Laura. O pouco que eu sei sobre mim, foi ela quem me contou — falei suspirando.

Papai despediu-se e saiu, deixando um silêncio meio constrangedor no ar. Entretanto, minha mãe não se intimidou e contornou a situação.

— Sei que não é fácil o que está passando, Marcos, mas quero que saiba que estou e sempre estarei do seu lado. Sou sua mãe, pode confiar em mim, eu só quero o seu bem.

Ela falou como se soubesse o que eu estava sentindo e me olhou como se lesse os meus pensamentos, como se minha mente, embora vazia do passado, fosse transparente com o que se passa no presente. Era meio assustador, confesso, mas ela era minha mãe e não havia motivo para eu ficar na defensiva, eu tinha que dar uma chance, não só a ela, mas a todos que eu conheceria dali em diante. Decidi, então, contar o que estava me afligindo:

— Ontem — comecei sem jeito — aconteceu algo que me deixou muito mal.

Contei-lhe todo o ocorrido e ela me escutou pacientemente.

— Meu filho, a Laura é uma moça boa e tenho certeza que ela não ficou chateada com você ou algo do tipo.

— Mas então, por que ela reagiu daquela forma?

— Não sei, filho, mas o que acha de falarmos com ela? Posso ligar, se você quiser.

Pensei um instante sobre a opção, porém decidi que seria melhor falar

com ela pessoalmente.

— Quando seu pai voltar eu vou procurá-la, está bem?

— Está certo, obrigado! — Senti um fio de esperança aquecer meu coração.

O restante da manhã transcorreu tranquila, conversei muito com minha mãe e, aos poucos, ela revelou ser uma pessoa maravilhosa. Enfermeiras entravam e saíam do quarto, trazendo comida ou aplicando as medicações, mas nenhuma delas conversava comigo como Laura fazia, estavam sempre sérias e apressadas.

Ainda naquele dia, Igor, o fisioterapeuta, apareceu para fazer alguns exercícios e estimular a musculatura, principalmente das pernas, que eram o foco no momento, para que eu voltasse a me locomover o quanto antes e, finalmente, poder fazer minha higiene sozinho. Ainda da série "Visitas Médicas", um neurologista se apresentou, fez alguns testes e examinou minha cabeça, que por sinal não parava de doer.

— O ideal é você exercitar sua memória todos os dias, Marcos, com jogos e leitura — disse o especialista. — Fotos, vídeos, cartas ou coisas pessoais podem ajudá-lo no resgate das suas memórias.

— Vou trazer algumas dessas coisas de casa — disse minha solícita mãe.

— Ótimo! Se precisarem de algo, me comuniquem.

— E quanto à dor, doutor?

— A dor é normal por enquanto, você ainda não está totalmente recuperado da lesão. Vou receitar um medicamento para aliviar as dores.

Assim que o médico saiu, uma enfermeira veio aplicar o remédio que, como de costume, deixou-me sonolento.

— Vai ficar tudo bem, filho — falou mamãe, passando a mão em meus cabelos. — Descanse um pouco.

Logo adormeci com aquele afago cheio de carinho.



Despertei sentindo um peso anormal sobre mim e uma súbita falta de ar. Abri os olhos e a única coisa que consegui ver na minha frente foi um emaranhado de fios dourados. Apenas alguns segundos foram necessários

para que eu me orientasse e percebesse que tinha alguém me abraçando.

— Oi? — falei com calma.

Uma bela jovem ergueu-se, enxugou uma lágrima contida no canto do olho e sorriu.

— Desculpe, não quis te acordar — ela disse.

— Não acha que já dormi o suficiente, Clarinha? — Eu sorri de volta.

Ela abriu um largo sorriso e voltou a me abraçar.

— Senti saudades, sabia?

— Verdade? Pensei que eu fosse um irmão chato.

— E é! Mas eu senti sua falta assim mesmo.

Clara era exatamente como Laura descreveu: linda e tão doce que era impossível não se encantar por ela.

— Então, filhão, está tudo bem?

Gostava da forma como meu pai me tratava, deixando-me mais à vontade e, de certa forma, até soava familiar.

— Sim, tudo bem — respondi sorrindo.

— Algumas pessoas da família vêm te visitar hoje, espero que não se incomode — informou papai.

— Vai ser bom, talvez eu me lembre de alguém — falei mais animado.

— Mas de mim você lembra, não é? Eu nem precisei dizer quem eu era — Clarinha disse entusiasmada.

— Desculpa, minha princesa, mas eu não lembro. Eu soube quem era você porque me contaram que eu tenho uma irmã linda, inteligente e encantadora. E olha em volta, não tem ninguém com todas essas qualidades aqui, só você! Entendeu?

— Entendi, mas você vai se lembrar de mim algum dia? E se você não gostar de mim como antes? — disse chorosa.

— Isso é impossível, Clarinha. Eu já amo você, princesa!

Ela ficou radiante com minhas palavras e logo acomodou-se ao meu lado, ficando assim pelo restante da tarde. Não demorou muito para que as visitas comesçassem a chegar: tios e tias, primos e até meus avós fizeram questão de vir me ver. Todos já estavam sabendo da minha condição de desmemoriado, contudo, meu atual status não os impediu de me tratar com naturalidade, como se isso não passasse de um detalhe à toa. Deixaram-me bastante confortável, incluíram-me nas conversas e ri muito com as histórias de quando eu era criança.

Minha família era realmente incrível!

Após todos irem embora, fiquei refletindo sobre tudo o que havia acontecido naqueles poucos dias desde que acordei do coma. Percebi que a minha situação não era agradável, de fato, mas não era o fim do mundo. Senti medo de como seria minha vida sem minhas memórias. Pensei que iriam me excluir ou me olhar estranho, o que me apavorou um pouco, mas depois da visita de meus parentes, todos unidos e me incluindo em absolutamente todas as conversas e brincadeiras, eu vi que poderia começar do zero. Uma segunda chance de escrever a minha história.



Rebeca e eu nos tornamos amigas no dia em que nos conhecemos. Além de trabalharmos no mesmo setor, descobrimos que tínhamos muitas outras coisas em comum e isso serviu para solidificar ainda mais a sincera amizade que havia acabado de nascer. Fizemos um acordo de sempre ajudar uma a outra em qualquer circunstância.

Foi por esse motivo que, assim que saiu do quarto do Marcos, após concluir o procedimento que eu havia começado, ela pôs-se a minha procura. A forma como eu saí a deixou preocupada. Ela olhou nos corredores, na lanchonete, no banheiro, na sala de descanso, mas eu não estava em nenhum desses lugares. Continuou procurando, não descansaria até se certificar que eu estava bem.

Depois de vasculhar cada canto do hospital, Rebeca me encontrou em um quartinho desativado, onde antes era um almoxarifado. Eu estava agachada junto à parede, com as mãos tapando os ouvidos e chorando. Eu nem sempre fui uma garota sensível, mas aquele assunto deixava meu emocional totalmente em frangalhos.

— Meu Deus! Laura, você está bem? — perguntou ao me ver naquele estado.

— Ele se orgulhava de mim e sempre dizia que um dia nossos filhos iriam se orgulhar de mim também, que eu seria como uma heroína para eles, pois eu ajudava a salvar vidas — eu falava entre soluços.

— Não estou entendendo. Do que você está falando? — Sua voz estava carregada de preocupação. — Você não pode ficar aqui, vem comigo.

Ela me ajudou a levantar e praticamente me carregou até a sala de descanso. Colocou-me sentada em um sofá e logo buscou um pouco de água para que me acalmasse. Eu não estava nada bem: além do choro compulsivo, tinha a palidez, o corpo tremendo e a pele fria. Rebeca verificou minha pressão e constatou que estava bem mais baixa que o normal.

— Laura, vou chamar um médico, já volto — disse ela, caminhado até a porta.

— Não! Não quero ver ninguém. Só me deixa sozinha, por favor — falei chorando.

— Mas você precisa que um médico venha te ver, sua pressão está anormal.

— Eu não preciso de nada, Rebeca — disse com a voz bastante alterada. — Sai daqui!

— Eu não vou sair. Me deixa te ajudar, você não está bem — suplicou.

— Você sabe que dia é hoje? — perguntei controlando o choro e encarando seus olhos com tristeza.

Ela negou com a cabeça.

— Hoje deveria ser uma das datas mais felizes da minha vida. Nosso casamento seria hoje, no mesmo dia em que completaríamos dez anos de relacionamento — disse com melancolia. — Mas hoje tudo o que tenho é uma vida sem cor, que deixou de fazer sentido

— Eu não sabia, sinto muito — Rebeca falou sem graça e sentou-se ao meu lado.

— Eu estava bem. Pela manhã, quando acordei e me lembrei disso,

fiquei triste, mas não me permiti sentir mais. Até o momento em que Marcos fez aquele comentário. Foi como se tudo caísse como uma avalanche em cima de mim. Eu pensei que já tinha superado esse sentimento de perda, mas agora sei que estava terrivelmente enganada.

Os olhos de Rebeca se encheram de lágrimas ao ouvir meu relato.

— Nunca imaginei que você pudesse sofrer tanto assim, Laura — disse com a voz embargada. — Como conseguiu conviver com isso por tanto tempo e ainda estar disposta, todos os dias, a ajudar as pessoas e sempre com um sorriso nos lábios?

— Eu não sei. Mas agora dói tanto! — falei antes de reiniciar o choro.

— Você tem que se acalmar, vai passar mal se continuar assim.

— Você não entende. Ninguém entende! Sai daqui, Rebeca, quero ficar sozinha! — gritei.

— Eu vou. Mas volto com o médico — falou com seriedade e levantou-se para sair.

Quando ela voltou com o médico, eu andava de um lado para o outro na sala, chorando e falando coisas sem sentido.

— Laura, por favor, sente-se para eu poder te examinar — pediu o médico.

— Não! Eu não preciso de você. Eu só quero ficar sozinha — bradei aos prantos. — Vocês não podem me dar o que eu preciso. Ninguém pode. Sabe por quê? Porque ele não vai mais voltar para mim, nunca mais. Ele morreu e eu não pude fazer nada para salvá-lo. — Minha voz falhou e caí sentada no chão.

Rebeca e o médico olharam para mim comovidos. Estavam preocupados com meu estado: a palidez havia se acentuado e tinha febre. O médico pediu a Rebeca que mandasse um enfermeiro trazer um sedativo para controlar o meu nervosismo.

— E ligue para alguém da família dela vir até aqui — completou o médico.

Minha amiga fez o que ele pediu e, ao retornar para a sala, assustou-se com a cena que viu: o médico tentava aplicar o sedativo em mim, enquanto eu me debatia e dois enfermeiros tentavam me segurar. Eu gritava para que me deixassem sozinha e que ninguém poderia me ajudar.

O sedativo logo fez efeito e alguns minutos depois eu estava adormecida em uma maca que havia na sala de descanso.



Abri os olhos.

Eu estava na minha cama, de pijama e já era dia. Não fazia ideia de como cheguei em casa, lembrava apenas de ter tido uma crise histérica de choro e que Rebeca estava comigo, exceto isso, todo o restante era um borrão. Levantei com dificuldade, a minha cabeça aparentava estar pesando uma tonelada, e senti uma leve tontura. Apoiando-me na parede, fui até o banheiro. A primeira coisa que encontrei quando entrei foi aquele que sempre mostra a verdade, o espelho. Assustei-me com a imagem refletida: olheiras, rosto inchado, olhos vermelhos. Quase não me reconheci.

— A que ponto cheguei, meu Deus? — Soltei um suspiro ainda encarando-me no espelho.

Lavei o rosto, escovei os dentes e voltei para a cama, não tinha ânimo para fazer nada além de ficar o resto da minha vida deitada embaixo das cobertas. Mamãe bateu na porta e, como eu não respondi, ela colocou a cabeça para dentro do quarto.

— Que bom que já acordou, filha! Como está se sentindo?

— Estou bem, mãe, obrigada — menti. Na realidade, estava me sentindo um trapo humano.

— Sente-se para comer alguma coisa. — Ela entrou com uma bandeja repleta de coisas deliciosas.

— Como eu cheguei em casa? — perguntei enquanto comia um pedaço de sanduíche.

— Ligaram para mim do hospital e disseram que você não estava passando bem, então fui te buscar.

Abaixei a cabeça e continuei a comer, tentando lembrar se minha mãe estava no hospital, porém após o médico me aplicar um sedativo, não recordava de coisa alguma.

— Falei com sua chefe ontem e ela te deu folga hoje. Não só para que descanse, mas para que possa ir ao doutor Lúcio.

— Mãe, não é preciso, eu já estou bem. O que aconteceu ontem foi um fato isolado, não vai se repetir.

— Laura, isso não é um pedido. — Mamãe estava bem séria. — É uma ordem! E vai obedecer. Você precisou ser sedada ontem à noite, o que mais vai ser preciso acontecer para que perceba que ainda precisa de ajuda?

Até quando vai ficar se enganando?

Meus olhos marejaram, minha mãe nunca havia falado daquela forma comigo. Eu sabia que tudo que ela dizia era verdade, mas algo dentro de mim lutava para eu não ceder.

— Tudo bem, mais tarde eu ligo e marco um horário.

— Não é necessário — ela falou levantando-se e indo em direção à porta. — Já liguei e o doutor conseguiu te encaixar nas últimas consultas de hoje. E eu vou com você.

Mamãe saiu do quarto batendo a porta e eu fiquei sem saber o que pensar sobre tudo aquilo. Minha mãe tinha razão, eu devia procurar ajuda novamente. Talvez eu não suportasse mais um surto como o de ontem. E também porque eu não aguentava mais esse sentimento que tomava conta de mim há tanto tempo.



Chegamos ao hospital alguns minutos antes do horário marcado, no final da tarde. Mamãe me acompanhava, como havia prometido, mas não falamos muito no caminho e nem enquanto esperávamos na antessala do consultório do doutor Lúcio. Ele era psicólogo e atendia no Helano Richter há muitos anos. Considerado um dos melhores profissionais da cidade, doutor Lúcio era um homem de meia idade, moreno, alto e muito simpático. Eu gostava de conversar com ele, porém, o assunto do qual tratávamos não era dos melhores.

Quando a assistente chamou meu nome, respirei fundo e, antes de levantar do sofá, mamãe apertou de leve a minha mão com carinho; ela sabia que ainda era difícil para mim. Assim que entrei no consultório, que mais parecia uma sala de estar onde o médico recebia suas visitas, ele fez sinal para eu sentar-me em uma poltrona de frente para ele.

— Como vai, Laura?

— Estou bem, obrigada. E com você? — Lúcio não gostava que o chamassem de senhor, abolia as formalidades entre e seus pacientes.

— Eu estou ótimo, obrigado. — Ele acomodou-se melhor em sua poltrona e apoiou a perna esquerda sobre o joelho direito. — Bom, vou direto ao ponto: fale-me sobre o que aconteceu ontem.

Eu não podia acreditar! Como ele soube? A fofoca corria solta

naquele hospital, que absurdo!

— Então? — insistiu ele, após meu silêncio.

Pelo que eu conhecia do doutor Lúcio, seria inútil me manter calada, então contei o que houve, pelo menos até onde eu me lembrava, sem omitir detalhes.

— Agora me diga, Laura, por que não tem vindo mais às nossas sessões?

— Tenho trabalhado muito ultimamente — respondi sucinta.

— E foi apenas por isso? — perguntou arqueando uma sobrancelha.

— Não — confessei de cabeça baixa e demorei um pouco para continuar a falar. — Eu já me sentia bem melhor e achei que havia superado tudo isso. Mas agora vejo que me enganei.

— Laura, você nunca vai superar ou esquecer a morte do Davi. Se seu propósito é esse, desista, pois não vai acontecer. Você vai aprender a aceitar o que aconteceu e aprender a conviver com isso; ser capaz de visitar as lembranças dele sem sentir dor.

— Mas como? Isso é impossível! — falei enquanto uma lágrima corria pelo meu rosto.

— Claro que é possível. — Lúcio fez uma pausa. — Eu sei que está enfrentando sentimentos e situações que nunca imaginou passar ou suportar, mas tenha em mente que com os recursos e apoio que está recebendo, você irá desenvolver formas de enfrentar e lidar com essa crise.

— Crise? — indaguei com sarcasmo. — Crise foi o que eu tive ontem à noite. O que eu estou passando não tem nome.

— É um processo, Laura, você sabe disso.

— Um processo que não tem fim — disse amargurada.

— Só não terá fim se você quiser que não tenha. Está tudo em suas mãos. Você tem o apoio da sua família, dos amigos e eu estou aqui para orientá-la da melhor forma que me é possível. Apesar de não estar sozinha, a decisão de vencer o processo do luto só depende de você, ninguém pode fazer isso no seu lugar.

Por mais que eu tentasse, era impossível não chorar quando falava sobre a ausência dele. Eu já me desmanchava em lágrimas quando doutor Lúcio entregou-me um lenço e aguardou, pacientemente, que eu me acalmasse e conseguisse continuar.

— Eu quero, você sabe disso. Fiz tudo que você mandou e estava dando certo. Mas o surto de ontem foi como se eu não tivesse feito progresso

algum, entende?

— Sim, entendo — falou compreensivo. — Nas nossas conversas anteriores, eu expliquei cada fase do luto pelas quais você poderia passar. E falei também que poderia ocorrer de você voltar para uma fase que já havia sido superada, lembra?

— Sim, me lembro.

— Deve ser o que está acontecendo agora, mas é normal passar por isso, faz parte do processo. O que não pode acontecer é você desistir. Se superou uma vez, pode superar novamente. A minha grande preocupação, desde o início, era que você se afundasse na depressão, que é a pior fase do processo, e olha para você: está se saindo muito bem! Mesmo deixando de vir para as sessões. Você é valente, Laura! Tenha força de vontade e acredite em si mesma.

— Não é fácil e sinto que nunca vai ser. O que eu faço agora, Lúcio?

— Primeiro, acalme-se. Eu nunca disse que seria fácil, mas estou aqui para te auxiliar e não hesite em pedir ajuda, Laura. O luto é um processo solitário, da mesma forma que é vivenciar qualquer tipo de dor, contudo, você deve compartilhar sentimentos e pensamentos. Tem que haver um equilíbrio.

— Como assim? — perguntei confusa.

— Os momentos de isolamento são realmente necessários, já que são a possibilidade de você entrar em contato com seus sentimentos. Entretanto, esses momentos devem ser alternados com horas de partilha, até para que não perca a referência de quem você é.

— O quê? Como eu perderia a referência de quem eu sou? — perguntei assustada com tal possibilidade.

— O luto pode ser bastante violento, Laura. Cada indivíduo reage de uma forma diferente, e há quem desenvolva casos de despersonalização, no qual a pessoa sente uma sensação de irreabilidade e distanciamento de si mesmo, como se estivesse em um sonho. A família e amigos são importantes, pois trazem referências, ligando a pessoa enlutada ao seu mundo e à sua identidade.

— Nossa, não sabia que podia chegar a esse ponto. É assustador!

— Lembre-se que pode ser evitado. Mantenha contato com parentes e amigos, avalie pessoas ao seu redor com quem se sente mais à vontade para conversar e expor seus sentimentos. Não tenha receio de solicitar essa pessoa, isso é importante para você.

— Eu já tentei conversar com algumas pessoas antes, mas elas nunca sabem o que dizer e ficam constrangidas por isso — revelei, acomodando-me melhor na poltrona.

— Você deve explicar que ser ouvida já é o suficiente e que o silêncio em alguns momentos também é uma forma de ajuda.

— Hoje em dia eu não costumo falar sobre isso com quase ninguém, apenas com você e minha mãe.

— Mais nenhum amigo ou colega em quem você confie?

— Não é questão de confiança. Existem muitas pessoas em quem confio e que posso conversar, mas o que eu não suporto é o olhar de pena que todos fazem ao me ver. Eu não quero ser digna da pena de ninguém — concluí irritada.

— Compreendo. Então, aconselho que procure alguém que não a conheça e nem a sua história.

— O quê? — perguntei com certa surpresa. — Quer que eu pegue o primeiro estranho que eu ver passando na rua e derrame as minhas lamúrias no colo da pessoa? — Doutor Lúcio riu da situação que eu coloquei e prosseguiu.

— Não foi isso que eu quis dizer. Estou me referindo aos grupos de apoio, um espaço para compartilhar sentimentos, experiências e informações com pessoas que passam por dor semelhante à sua.

— Tipo os Alcoólicos Anônimos?

— Digamos que tem o mesmo formato do AA — falou entregando-me um cartão de visitas. — Nesse endereço acontecem reuniões uma vez por mês. Caso se interesse, ligue e informe-se qual o dia da próxima reunião.

— Tudo bem, vou pensar a respeito. — Senti um pouco de receio quanto a esse grupo, não achei que talvez fosse uma boa ideia.

— Lembre-se, Laura, ninguém é uma ilha. Peça ajuda e, principalmente, aceite ajuda.

— Obrigada, eu vou me lembrar disso — disse e levantei-me para ir embora.

— Só mais duas coisas, Laura.

— Sim?

— Peça para sua mãe entrar, quero dar algumas orientações a ela.

— Está certo, pedirei para ela entrar. E a segunda coisa?

— Senhora Ling quer falar com você. Pediu que vá até sua sala assim que sair do meu consultório.

— Ok, irei agora mesmo. Obrigada, Lúcio!

— Nos vemos na semana que vem.

Ao sair do consultório, informei a minha mãe que doutor Lúcio desejava falar com ela e dirigi-me até a sala da senhora Ling. Bati na porta e ela pediu que eu entrasse.

— Com licença!

— Ah, Laura! Entre, por favor, sente-se. Como está? — perguntou, educada como sempre.

— Bem, obrigada — respondi acanhada.

— Falou com o doutor Lúcio?

— Sim, acabo de vir da sala dele.

— Que ótimo, fico muito feliz!

— Ele me disse que a senhora gostaria de falar comigo — tentei ir direto ao assunto.

— Exatamente! Pedi que viesse para informar que você vai tirar férias. A partir de amanhã — disse concisa.

— Como? Mas, por quê? — perguntei sobressaltada.

— Ontem eu recebi seu relatório de assiduidade e horários. Depois de avaliar tudo com cuidado, vi que você tem feito muitas horas extras, com dois agravantes. — Ela me encarou com a face severa, o que me fez engolir em seco. — Primeiro, muitas dessas horas extras não lhe foram solicitadas. E segundo, você sequer me informou que estava estendendo seu horário de trabalho.

Senhora Ling estava realmente furiosa, seu olhar vidrado em mim e seus lábios comprimidos em uma fina linha horizontal denunciaram sua fúria. Ela era uma ótima chefe de setor, mas muito rígida. Tomava todas as precauções para garantir que as normas fossem cumpridas à risca e não tolerava que alguém saísse da linha. E naquele momento, eu poderia estar em maus lençóis.

— Alguns enfermeiros precisaram faltar e eu cobri o plantão deles — tentei me explicar.

— Cobrir a falta de um colega é algo esporádico, Laura, e o relatório mostra que você tem feito hora extra quase todos os dias. Passar mais de 24 horas no hospital, sem descanso e sem ser solicitado é inadmissível. Temos pessoal suficiente para que esse tipo de situação não ocorra. Nós, do hospital Helano Richter, nos preocupamos com a saúde física e mental dos funcionários tanto quanto com a dos pacientes. Uma carga horária excessiva

como a sua é altamente estressante, Laura. Por isso não me admira o episódio de ontem à noite.

Era oficial, aquele dia seria lembrado como “O dia em que Laura levou bronca de todo mundo”.

— Peço desculpas, senhora Ling, garanto que não vai se repetir — falei cabisbaixa.

— Não vai mesmo, pois eu cuidarei disso pessoalmente. De hoje em diante, vou fiscalizar os horários de entrada e saída de todos os enfermeiros, e hora extra será permitido apenas se for extremamente necessário. E você, mocinha, voltará a ver o doutor Lúcio regularmente, estamos entendidas?

— Sim, senhora!

— Laura, eu já falei o quanto te admiro. E se estou fazendo isso tudo, é para o seu bem, acredite. Você é uma ótima profissional e uma boa pessoa. Queremos te ajudar a passar por esse momento complicado da sua vida — ela falava de forma tão maternal que até esqueci que acabara de ser chamada atenção.

— Sou muito grata por tudo que tem feito por mim, senhora Ling. Mas eu não sei o que fazer durante esse período de férias. Este hospital é minha vida, quando estou aqui nem vejo as horas passarem — disse pesarosa.

— Descanse, viaje, leia. Faça o que tiver vontade, o que te faz bem, algo útil e que te acrescente. Faça algo por você! Vá à igreja, eu sei que você não a tem frequentado por causa do horário do trabalho. Converse com Deus, aproxime-se dEle e peça direcionamento. Há tanto para fazer, Laura, basta ter força de vontade e os objetivos serão alcançados.

Nunca imaginei ouvir coisas desse tipo da minha chefe, era estranho e bom ao mesmo tempo. Saber que ela se importava comigo, de certa forma, era reconfortante.

— Agora vá e descanse. — Senhora Ling despediu-se de mim com um abraço.

— Obrigada!

Saí da sala estarrecida, ainda assimilando a notícia que havia acabado de receber. O que eu iria fazer? Não podia passar tanto tempo desocupada, tinha que manter-me ocupada. Minha mente deveria estar entretida, para que não pudesse vagar por lembranças que me fariam mal. Meus pensamentos foram interrompidos quando ouvi meu celular tocar dentro da bolsa, e logo sorri ao ver que era Ana quem estava me ligando.

— Oi, Ana! Como vai? — atendi sem muita animação.

— Oi, Laura, estou bem! E você?
— Poderia estar melhor — respondi com um suspiro.
— Aconteceu alguma coisa? — perguntou preocupada.
— Não é nada — respondi rápido e mudei de assunto. — Mas, por que me ligou? Está tudo bem com o Marcos?
— Está tudo bem sim, acontece que o Marcos quer muito falar com você, então liguei para saber quando você pode vir aqui falar com ele.
— Chego em dois minutos.



Assim que cheguei, vi Ana saindo do quarto. Dei-lhe um abraço apertado e começamos a conversar no corredor, já que a medicação o havia feito dormir.

— Laura, será que você pode ficar com ele enquanto eu vou até a lanchonete comer alguma coisa? É rapidinho — pediu ela.

— Claro, Ana, pode ir sem pressa.

No quarto havia apenas uma lâmpada acesa, iluminando a cama e deixando todo o resto do cômodo na penumbra. Sentei-me em uma cadeira do lado da cama e admirei-o, pensativa.

Talvez eu me sentisse melhor se também tivesse minhas memórias deletadas, como as do Marcos. Sem lembranças, sem dor. Mas isso não seria fugir dos meus problemas? Eu não queria ser uma covarde. O que Davi diria se soubesse que eu estava pensando daquela forma? Não, fugir estava fora de questão. Enfrentaria meus problemas de frente, como sempre fazia.

Voltei minha atenção para o Marcos quando o vi se mexer na cama, bastante inquieto. Segundos depois ele começou a balbuciar palavras do tipo "culpa", "acidente" e "carro". Nada que ele falava tinha sentido e supus que estivesse delirando. Verifiquei sua temperatura e constatei que não havia febre. Ele ficou cada vez mais inquieto e com a respiração entrecortada, as palavras passaram a ser ditas mais claramente, e só então percebi que ele estava tendo um pesadelo. Tentei acordá-lo, para que se livrasse do sonho ruim. Marcos despertou suado e ofegante, com um audível "não" saindo de sua boca.

Ele olhou para mim, assustado e atordoadado.

— Fui eu, Laura. Eu que causei o acidente, a culpa foi minha.

— Ei, calma! — Ele estava bastante agitado. — Eu estou aqui, foi só um pesadelo, já passou.

— Não foi só um sonho, eu lembrei.

— O quê?

— Lembrei-me da noite do acidente. Estava muito escuro, tinha chovido e a pista estava molhada. Eu me virei para o banco de trás por algum motivo e não vi que entrei na contramão. Foi tudo culpa minha!

— Marcos, respira. Foi um acidente, você não tem culpa de nada — falei entregando um copo com água para ele.

— Hoje à tarde eu recebi a visita dos meus amigos da banda. O Pedro está andando com auxílio de muletas porque quebrou a perna, o Felipe deslocou a clavícula e ainda não se recuperou, Carlos quebrou um braço e uma costela, André ficou com uma cicatriz enorme no rosto devido a pancada do *airbag*. Todos eles estão sofrendo por causa da minha irresponsabilidade, enquanto eu não sofri nada.

— Como assim não sofreu nada? — perguntei indignada com aquela ideia estapafúrdia. — Marcos, você quebrou duas costelas, deslocou a clavícula, teve luxações, torções e cortes por todo o corpo, além de um traumatismo craniano que te deixou em coma por dois meses e sem memória. De longe, você foi o que mais sofreu fisicamente nesse acidente.

— Mas eu mereço tudo isso, foi o preço a pagar por não ter olhado para frente enquanto dirigia. Eu machuquei meus amigos. Eu sou uma pessoa ruim, por isso coisas ruins têm que acontecer comigo.

Antes que ele dissesse mais alguma coisa absurda, segurei seu rosto entre as minhas mãos e disse:

— Marcos, preste atenção no que vou dizer. Você não é uma pessoa ruim, é um homem bom. E sabe o que mais? Coisas ruins acontecem com pessoas boas, mas tudo tem um propósito. Confie em mim!

— E que propósito é esse? — perguntou intrigado.

— Ainda é cedo para saber. — Dei de ombros.

À medida que Marcos foi se acalmando, sua respiração normalizou, a pulsação desacelerou e ele começou a assimilar melhor as coisas.

— Laura, me desculpa. Não quis te preocupar.

— Não se preocupe com isso, todo mundo tem o seu dia de surto. — Sorri.

Era uma piada, mas ele não riu, obviamente, porque não sabia do que

eu estava falando.

— Quero me desculpar por ontem também, nunca foi minha intenção te deixar triste, eu não sabia — tentou se explicar meio sem jeito.

— Tudo bem, você não tinha como saber. Eu que peço desculpas pelo modo como reagi.

— Não se desculpe por isso — falou segurando minha mão.

— Têm sido tempos difíceis — confessei em um sussurro.

— Quer falar sobre isso?

Olhei para aqueles lindos e inquisitivos olhos verdes e lembrei-me do que o doutor Lúcio falou sobre conversar com alguém que desconheça minha história. Eu confiava em Marcos e ele estava disposto a me ouvir, então, talvez eu devesse aceitar sua oferta. Entretanto, aquele não parecia ser o momento certo.

— Quem sabe outra hora — respondi com um meio sorriso.

— Quando quiser conversar, vou estar pronto para ouvir.



Percebi que Laura não estava bem, parecia abalada, e não era por causa do meu pesadelo. Era algo mais profundo. Ela não queria falar no assunto, então não insisti, mas pretendia descobrir o que estava havendo e tentaria ajudá-la de algum modo, como forma de agradecimento por tudo que fez por mim.

Era incrível como a presença dela me acalmava. Em um instante eu estava quase enlouquecendo de culpa pelo acidente, mas no minuto seguinte se fez calma dentro de mim apenas por admirar seus pequenos olhos castanhos que sempre me inspiravam confiança. Passada a agitação em decorrência do pesadelo, pude me ater mais aos detalhes e notei que Laura não estava usando o habitual jaleco branco.

— Não está trabalhando hoje?
— Não, estou de férias — respondeu desanimada.
— Isso parece bom! E o que pretende fazer nesse tempo livre?
— Para falar a verdade, ainda não sei. Nunca tirei férias antes e essas vieram de surpresa, então não deu para planejar nada. Estou meio perdida — Laura falou com certa angústia na voz.

— Pois eu sei exatamente o que você pode fazer.

Quem falou foi minha mãe, que estava na porta do quarto, observando-nos, e nem percebemos.

— Mãe, há quanto tempo está aí?

— Desde quando Laura falou que está de férias. Peço desculpas, não costumo ouvir as conversas dos outros, mas dessa vez foi inevitável.

— Tudo bem, Ana, não precisa se desculpar. Mas diga, o que tem em mente?

— Não quero explorar sua boa vontade, Laura, mas eu serei muito grata se você aceitar ficar como acompanhante do Marcos por uns dias.

— Como assim, no seu lugar?

— Sim. Estou muito ausente com a Clarinha, as provas finais e o vestibular estão chegando e eu quero estar ao lado dela nesse período para dar apoio, entende?

— Entendo, claro! Eu aceito, não há problemas.

— Tudo bem para você, filho?

Minha mãe trouxe um sorriso sugestivo no rosto. Minha vontade era de levantar e enchê-la de beijos pelas ideias brilhantes que ela tem, contudo, não quis deixar transparecer minha efusiva animação, então apenas respondi:

— Tudo bem, mãe.

— Que ótimo! Laura, não se sinta presa ou na obrigação de ficar, a qualquer momento que você não puder mais vir basta nos informar.

— Não se preocupe, Ana, tenho certeza que vai ser bom para nós dois — respondeu ela sorrindo para mim.

O sorriso dela, para mim, era a certeza de que tudo acabaria bem.

Com os horários acertados, Laura foi embora com a promessa de retornar no dia seguinte bem cedo. Naquela noite não haveria mais espaço para pesadelos ou lembranças ruins, apenas imagens do rosto lindo da Laura.

Laura chegou com os primeiros raios de sol e me encontrou já acordado. Sem demora, ela providenciou minha primeira refeição sem gosto do dia.

— Dormiu bem? — ela perguntou sentando-se na cadeira ao lado da cama.

— Sim, obrigado.

— Mais algum pesadelo?

— Não, só sonhos agradáveis desta vez.

Ela pensou durante um tempo e perguntou intrigada:

— Se você não tem mais memórias e os sonhos têm relação com elas, com o que você sonha, Marcos?

Por essa eu não esperava. O que deveria responder? Não podia deixá-la saber que sonhava com ela, isso seria constrangedor. Resolvi, então, dar apenas uma resposta evasiva.

— Claro que tenho memórias, estou acordado há quase uma semana e já adquiri memórias novas. É com isso que sonho.

Ela me analisou por alguns segundos.

— É, deve ser isso. E por falar em memórias, ontem você disse que se lembrou da noite do acidente.

— É verdade — falei aliviado por ela mesma ter mudado de assunto. — Mas foi pouca coisa, lembrei apenas que estarmos no carro, era noite e estava muito escuro, os rapazes dormiam e eu dirigia. Até que eu olhei para o banco de trás para acordá-los e o Pedro gritou pedindo que eu olhasse para frente.

— Não lembra onde estavam, para onde iriam ou o que estavam fazendo?

— Eu sei disso tudo porque eles me contaram ontem, mas não me lembro.

— Entendo. Sua mãe me disse que tem algumas coisas aqui que podem te ajudar a recordar.

Laura foi até o armário e voltou com uma caixa na qual estava escrita as iniciais *M.B* em cima da tampa. Ela abriu-a e começou a vasculhar o conteúdo, quando, de repente, começou a rir incessantemente até seu rosto ficar enrubescido e seus olhos, marejados. Laura não conseguia parar de rir. O pior de tudo é que eu não fazia ideia do motivo.

— O que houve? Qual o motivo dos risos? — perguntei em vão. — Laura, eu estou ficando constrangido.

Alguns intermináveis minutos depois, ela se recuperou da crise de alegria e conseguiu falar.

— Desculpa Marcos, mas é impossível não rir dessas fotos.

— Que fotos? — questionei sem entender.

— Estas — Laura entregou-me um álbum com fotos de crianças.

— Esse sou eu? — falei enquanto olhava algumas fotos. — Fico contente por te fazer rir, mas eu realmente não sei o porquê das gargalhadas.

— Fala sério! Tem cada pose estranha que você fazia e, sem querer ofender e que Ana não me ouça, você não era uma criança das mais bonitas. — Ela recomeçou a rir.

— Isso é um absurdo! Olhe aqui, eu era uma criança linda — afirmei mostrando-lhe a foto mais bonita que encontrei.

— Mas esse não é você, é a Clarinha. — Mais gargalhadas infinitas.

Confesso que até eu ri da confusão, mas Laura chegou ao ponto de chorar de tanto de rir das minhas fotos. Ela ficava linda sorrindo — mais linda do que já era —, seus olhos se fechavam quase que completamente e suas bochechas rosadas ficavam em evidência.

— Mas vamos voltar ao foco — ela falou devolvendo-me a foto. — Vasculhe toda essa caixa em busca de memórias, lembranças e coisas do tipo.

A caixa estava repleta de fotos, tinha CDs, alguns livros, desenhos que eu fiz quando criança e cartas.

— Cartas? — Laura questionou com um olhar malicioso. — Deixe-me ver.

— Nem pensar! Não vou correr o risco de você ter uma crise de risos outra vez.

— Estraga prazeres. — Laura curvou os lábios para um lado da boca e recostou-se na cadeira, com cara de criança birrenta.

Eram cartas que eu escrevi quando era criança, para minha mãe no aniversário dela, no dia das mães e no Natal. Outras, a Clara havia escrito para mim no meu aniversário. Sorri ao ler curtos trechos daquelas singelas cartas, que me proporcionaram uma sensação de nostalgia mesmo sem eu conseguir lembrar de nada.

Na minha opinião, aquele plano não estava funcionando, porém continuei vasculhando a caixa e encontrei um caderno, uma espécie de agenda. Nela havia alguns endereços, números de telefone, datas e anotações;

coisas referentes a minha banda, talvez. Enquanto eu folheava o caderno, de dentro dele caiu uma folha de papel dobrada ao meio. Deixei a agenda de lado e verifiquei. No topo da página, estava escrito "*Para Ela*" como título e algumas frases logo abaixo. No final da folha havia a observação "*terminar a letra*". Para mim, aquelas informações não fizeram sentido nenhum, então mostrei à Laura.

— Parece a letra inacabada de uma música — disse ela ao avaliar o papel. — É uma letra bem interessante!

— Eu que escrevi essa música?

— Se tudo que está dentro da caixa é seu, creio que sim.

— Mas, quem é *ela*? — perguntei intrigado.

— Essa é uma boa pergunta — Laura disse com o olhar distante.



Visto que a caixa de recordações não ajudou muito Marcos a lembrar do seu passado, pelo menos eu dei boas risadas, coisa que não fazia há bastante tempo. Depois de uma manhã tranquila, no período da tarde começou mais um capítulo da novela “visitas médicas”, como dizia o Marcos. Primeiro o doutor César, que acompanhava Marcos desde o início, e em seguida o fisioterapeuta. Logo após, chegou o neurologista para fazer testes e perguntas. E, por fim, uma surpresinha que ninguém esperava: Doutor Lúcio.

Fiquei um tanto apreensiva ao vê-lo entrar no quarto, mas logo me tranquilizei quando ele disse que seu assunto era com o Marcos.

— Marcos, eu sou o doutor Lúcio, psicólogo do hospital. Vim dizer que eu também vou ajudar na sua recuperação — disse com simpatia.

— Obrigado! Mas ajudar em quê? Por quê? — Marcos pareceu confuso por precisar de um psicólogo.

— Bom, Marcos, é bem simples: sempre que uma pessoa é exposta a um trauma, ela pode desenvolver um problema chamado *Perturbação de Estresse Pós-Traumático*, então o profissional de psicologia entra em cena para contornar ou até mesmo prevenir essa perturbação. E também vou ajudá-lo a lidar com a falta de memória, que não é uma situação fácil de vivenciar.

— Entendi. E quando começamos? — perguntou com um interesse súbito.

— Amanhã faremos nossa primeira sessão. Como você ainda não vai poder andar até minha sala, eu virei até o seu quarto. Combinado?

— Sim, combinado! — Marcos respondeu apertando a mão de doutor Lúcio.

Ele retirou-se do quarto e Marcos e eu ficamos em silêncio por alguns segundos, sem saber o que dizer um para o outro, até Marcos quebra-lo.

— Você conhece o doutor Lúcio? — inquiriu com curiosidade.

— Sim — respondi meio sem jeito. — Conheço a maioria dos médicos do hospital.

— Achei que ficou nervosa enquanto ele estava aqui.

— Impressão sua, Marcos. — Andei pelo quarto, um pouco incomodada com o assunto.

— Tem certeza?

— Não quero falar sobre isso — disse respirando fundo. — E vamos deixar essa conversa de lado, porque o enfermeiro já está vindo te dar banho.

— Outra vez essa humilhação — exaltou-se.

— Para com isso, parece criança birrenta. — Sorri.

— Pois eu me recuso a tomar banho. Se é que eu posso chamar isso de banho. — Marcos revirou os olhos com tédio e eu caí na gargalhada.

— Você é impossível, Marcos!



Era final de tarde e o tempo estava chuvoso, portanto, pouca luz entrava pelas janelas envidraçadas do quarto. Eu estava sentada na cadeira próxima à cama, lendo a bíblia em voz alta, enquanto Marcos mantinha os

olhos fechados, mas eu sabia que não estava dormindo. O livro era Eclesiastes, acabara de começar a ler o terceiro capítulo que diz: *“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou.”*. De repente, fui interrompida por uma batida na porta. Levantei-me, deixei minha bíblia em cima da cadeira, e dirigi-me até a porta.

Ao abrir, me deparei com uma mulher, que não poderia ser descrita, fisicamente, por nada menos que belíssima: pele branca, alta, olhos azuis e cabelos extremamente vermelhos.

— Pois não? — inquiri com um sorriso.

— Este é o quarto de Marcos Bitencourt? — ela perguntou com impaciência.

— É sim, veio visitá-lo?

— Vim. Será que posso entrar ou você vai ficar me barrando aqui na porta como um cão de guarda? — Sua resposta não poderia ser mais grosseira.

Como alguém tão bela podia ser tão rude? Não tive outra opção a não ser dar passagem. Ela entrou, avaliou minuciosamente o quarto.

— Com todo o dinheiro que essa família tem, bem que poderia pagar um hospital melhor para colocar o filho — comentou com expressão de repulsa.

A minha simpatia já havia morrido devido tamanho da sua grosseria, mas ela passou dos limites com aquele comentário. O hospital era um dos melhores da cidade, como poderia dizer uma coisa dessas?

Marcos me olhou inquisitivo, porém, nada pude responder, já que não sabia quem era a sujeitinha arrogante. Eu apenas dei de ombros e ele decidiu tomar a iniciativa.

— Oi! Quem é você? — ele perguntou para a ruiva, que ainda avaliava os aposentos.

A voz do Marcos a fez voltar ao planeta Terra. Ela jogou a bolsa em cima do pequeno armário, caminhou até a cama e beijou o rosto dele.

— Oi, meu amor! Não lembra mesmo de mim? — ela falou com uma voz manhosa que me embrulhou o estômago.

— Desculpe, não me lembro. Quem é você? — Marcos pareceu incomodado com a proximidade.

— Eu sou sua namorada, coração! — respondeu ela com um sorriso

malicioso nos lábios.

— Namorada? — Marcos e eu perguntamos ao mesmo tempo e com o mesmo espanto.

Ela virou-se para mim, fuzilando-me com os olhos, andou dois passos em minha direção com o nariz empinado e me encarou com um olhar mortal.

— Namorada, sim! E você, quem é? — questionou autoritária.

— Eu sou enfermeira deste hospital — respondi sem baixar a cabeça e no mesmo tom.

— Enfermeira? — Olhou-me de cima a baixo com um sorriso de deboche. — Eu acho que você não está vestida adequadamente.

— Você tampouco — respondi, analisando seu vestido preto minúsculo, tão apertado que eu poderia jurar que seus órgãos estariam sendo esmagados com a pressão em seu abdômen. — Não sei como você conseguiu passar da recepção com esses trajes.

— Está falando daquele segurança bonitinho? — Riu ela. — Digamos que eu sou bastante persuasiva.

— Posso imaginar o tipo de persuasão que você usa — respondi encarando-a, sentindo minha paciência se esvaindo.

— Quem você pensa que é, sua...

— Garotas! — Marcos gritou, visivelmente nervoso. — Eu gostei muito que as duas tenham se dado bem, mas vamos nos acalmar, *ok*?

Marcos tinha razão. Eu só poderia estar ficando maluca, agindo daquela forma. Onde estava meu testemunho? Não sei o que deu em mim para querer bater boca com a ruiva arrogante.

— Claro, amorzinho, você tem toda razão, vamos voltar ao que interessa — a visitante falou, indo sentar-se na cadeira onde eu estava antes. — O que é isso? — perguntou segurando minha bíblia.

— É uma bíblia — respondi pegando-a de suas mãos e segurando junto ao peito.

— Quem lê isso? — disse com tom de zombaria.

Meu sangue ferveu. Aquela garota estava conseguindo despertar um lado meu que era bem desagradável. Minha vontade era dar uma boa resposta a ela, mas Marcos fez sinal com a mão, pedindo-me calma, então acatei seu pedido.

— Como é mesmo seu nome? — ela me perguntou, com um sorrisinho cínico.

— Laura Andrade — respondi simplesmente.

— Então, Paula.

— É Laura!

— Tanto faz! — Ela revirou os olhos. — Será que Marcos e eu podemos conversar a sós?

Meio resignada, afirmei com a cabeça e me dirigi até a porta, mas a voz de Marcos me impediu.

— Não! A Laura fica.

Eu parei com a mão na maçaneta e fiquei ali mesmo. A ruiva olhou para ele sem acreditar no que acabara de ouvir.

— Sinto muito — Marcos justificou-se. — Eu não a conheço e não me sinto à vontade ficando a sós com pessoas estranhas.

— Mas a gente se conhece há mais de três anos, enquanto ela você acabou de conhecer. Como pode dizer que eu sou a estranha? — perguntou estupefata.

— Acontece que eu não me lembro de ninguém, e desde que acordei do coma, a única pessoa que está do meu lado 24 horas por dia, é a Laura. E é nela em quem confio.

Ouvir aquilo do Marcos aqueceu meu coração, ainda mais porque estava dando uma boa lição naquela garota irritante.

— E a propósito — continuou ele —, eu nem sei o seu nome.

— Meu nome é Emilly e somos namorados há dois anos.

— Por que minha mãe, ou qualquer outra pessoa, não relatou sobre sua existência? — Marcos indagou intrigado.

— Porque sua mãe me odeia — respondeu com certa fúria na voz. — Ela nunca aprovou o nosso relacionamento, e agora encontrou a oportunidade perfeita de me excluir da sua vida.

— E por que demorou tanto para vir me visitar? — perguntou consternado.

— Porque sua mãe sempre está aqui — Emilly falou como se fosse óbvio. — A namorada do Pedro me falou que ela não viria hoje, então resolvi aproveitar a ausência dela para te ver.

Emilly segurou a mão do Marcos, mas ele a recolheu. Ela irritou-se com a reação e se levantou abruptamente.

— Bom, se é assim, eu volto quando os ânimos estiverem mais calmos. Eu sei que é muita informação para sua cabeça, meu amor, mas faça um esforço — ela voltou a falar com voz manhosa —, tente se lembrar de nós dois, de como éramos felizes! — Ela beijou-lhe no rosto, pegou a bolsa e saiu

batendo a porta.

Marcos ficou desorientado, percebi pelo seu semblante que estava confuso. E não era para menos, a garota veio para bagunçar o pouco que estava em ordem. Eu não sabia bem o que deveria fazer ou o que dizer no momento, até porque eu também não me comportei como deveria, e dessa forma apenas contribui para o estado de espírito atual de Marcos.

— Por que me esconderam a existência dela? — perguntou com os olhos estreitos.

— Eu não sei. — Engoli em seco. Seu tom de voz estava duro e as palavras saíram com aspereza. — Você está bem, precisa de alguma coisa? — perguntei meio sem jeito após longo silêncio.

— Não! Não preciso de nada nem ninguém. Por favor, me deixa sozinho — respondeu irritado e sem ao menos olhar para mim.

Encarei-o, sem compreender seu comportamento hostil, mas ele apenas virou o rosto para o outro lado. Uma tristeza tomou conta de mim e um nó se formou em minha garganta. Toda aquela indiferença só podia significar que os meus modos mudaram a visão que Marcos tinha a meu respeito. Eu fui uma tonta revidando as provocações da tal Emilly. Será que deveria me desculpar? Me explicar? Mas ele estava com as feições tão duras que senti medo de piorar ainda mais as coisas.

Fui até o armário, peguei minha bolsa e desejei-lhe boa noite. Porém, saí do quarto sem resposta, apenas o pesado e doloroso silêncio. Ao fechar a porta atrás de mim, soltei um forte suspiro pesaroso, aquela situação havia me proporcionado uma tristeza incomum que inundou meu peito e chegou até meus olhos, sem que eu pudesse controlar tal emoção.

Apesar da imensa vontade de ir para o mais longe possível dali, não pude deixar Marcos sem assistência, prometi a Ana que estaria lá caso ele precisasse de alguma ajuda. Portanto, continuei no hospital, sentada no corredor ao lado do quarto, mesmo sabendo que ele não me chamaria, pois pensava que eu tinha ido embora.

Passada uma hora e após muito pensar, tomei uma decisão e decidi ligar para Ana, contar o que tinha acontecido e comunicá-la de uma decisão que eu havia tomado. Retirei o celular da bolsa e logo encontrei o contato dela, que atendeu no segundo toque.

— Oi, Ana — tentei imprimir animação em minha voz e não deixar transparecer meu estado. — Como estão você e a Clarinha?

— Oi, Laura! Estamos bem — respondeu com alegria verdadeira. —

Clarinha e eu combinamos de passar uma tarde incrível juntas. Fomos ao cinema, tomamos sorvete e fizemos umas comprinhas básicas. Tudo isso para aliviar a tensão que ela estava sentindo por conta das provas que estão por vir e fiquei feliz por estar surtindo o efeito desejado.

— Que bom, fico realmente feliz que estejam se divertindo. A Clara merece esse tempo.

— Como está o Marcos?

— Ele está bem.

Sem querer, deixei escapar um suspiro, que não passou despercebido por Ana e se pôs a questionar o que estava acontecendo de verdade. Então contei-lhe da visita inesperada e de como Marcos ficou alterado.

— Não posso acreditar que essa mulher reapareceu na vida do meu filho — falou com bastante indignação.

— Ana, há outro assunto que quero tratar com você, mas prefiro que seja pessoalmente. Ainda hoje, se for possível para você.

— Claro, minha querida, em dez minutos eu chegou aí.

Como prometido, Ana chegou poucos minutos após encerrar a ligação. Dei a ela mais detalhes sobre a visita de Emilly, que a deixou mais transtornada do que aparentou estar ao telefone. Nunca a tinha visto naquele estado. Suspeitei que aquele assunto era bem desagradável, por esse motivo resolvi mudar de assunto.

— Ana, daqui dois dias minha família vai comemorar as bodas de ouro dos meus avós — iniciei um pouco sem jeito. — Eu não iria, já estaria trabalhando, e conseguir dispensa por três dias seria quase impossível. Mas, como estou de férias, decidi que irei.

— Isso é ótimo, Laura — disse Ana com sinceridade. — Vai sim, é uma data importante para a sua família e acredito que será uma festa linda! Mas por que esse semblante preocupado?

— Ana, eu me comprometi com você, disse que ficaria aqui e te daria mais tempo com a Clara. Não estou contente em quebrar minha palavra, mas eu preciso me afastar.

Novamente, falhei em tentar esconder meu estado emocional e deixei que a melancolia tomasse conta da minha voz ao afirmar aquilo. Ana fez um afago em meu braço em sinal de conforto.

— Laura, o que está acontecendo? — perguntou de forma afável. — E não adianta negar, porque agora eu vejo que há tristeza em seus olhos.

Eu mirei o chão e respirei de forma pesada algumas vezes antes de

falar.

— Eu agi mal hoje mais cedo, quando Emilly estava aqui, e agora Marcos não me quer mais por perto — falei como se confessasse um terrível crime.

— Ele disse isso?

— Não com todas as letras. Mas ele está chateado, confuso, então acho melhor não forçar a barra. Temo que isso possa ser prejudicial para a recuperação dele.

— Laura, sinto muito que isso esteja acontecendo — disse com pesar. — Eu não deveria ter passado para você uma responsabilidade que era minha. Peço que me desculpe por isso.

— Não fale desse jeito, Ana, você sabe que aceitei ficar com Marcos de bom grado. Mas nesse momento o que importa é o bem-estar dele, não desejo contrariá-lo.

— Está bem, você tem razão, como sempre — falou sorrindo. — Te admiro muito pela sua sensatez, Laura. Obrigada por estar sempre por perto e nos ajudando!

— Não tem nada que agradecer. — Retribuí o sorriso e dei-lhe um abraço apertado. — Agora eu preciso ir, talvez pegue a estrada ainda hoje.

Saí do hospital com o peito apertado, mas estava confiante de que aquela era a atitude certa a ser tomada. Eu precisava de um tempo só para mim, refletir em certos aspectos da minha vida, e estando longe eu conseguiria fazer isso.



Mamãe entrou no quarto, guardou a bolsa e se posicionou na frente da minha cama, de braços cruzados, encarando-me com um olhar repreensivo, como se eu tivesse feito algo de errado. Eu sustentei seu olhar, mas permaneci calado e absorto em meus pensamentos. Então ela respirou fundo, descruzou os braços e deixou-os cair rente ao corpo, em sinal de rendição.

— Vamos lá, pergunte — disse ela tentando soar natural, mas notei a leve alteração em seu tom de voz. — Sei que está confuso e cheio de perguntas, estou aqui para esclarecer tudo.

— Não estou confuso — respondi sem olhar para ela.

— É claro que está! Eu conheço você e sei que essa cara que está

fazendo é porque está confuso.

Eu a encarei por algum tempo, suspirei e então perguntei angustiado:

— Por que escondeu coisas de mim? Por que não me contou tudo que eu preciso saber? Achou que podia me moldar de acordo com sua conveniência?

— Eu não escondi nada de você, Marcos. Emilly não é sua namorada — a voz dela soou dura, parecia que só o fato de mencionar o nome daquela garota a tirava do sério. — Pelo menos, não mais. Vocês terminaram o namoro dois meses antes do seu acidente. O que te faz achar que eu manipulei você?

— Ela me disse que você a odeia e nunca a aceitou como minha namorada — respondi.

— Eu não a odeio, e não nutro esse sentimento por ninguém. Não gosto dela, isso é um fato. Mas tenho meus motivos, eu estava apenas tentando te proteger como uma boa mãe.

— Me proteger de quê?

Mamãe sentou-se na ponta da cama, bem ao meu lado e me olhou com um olhar amoroso e preocupado.

— Depois que você a conheceu, há pouco mais de dois anos, você mudou completamente de comportamento e de atitudes. Distanciou-se de nós, não parava mais em casa, passávamos dias sem te ver ou falar com você. Sabíamos que estava com ela, mas não fazíamos ideia de onde ou o que estavam fazendo. — Ela soltou uma lufada pesada de ar antes de continuar. — Consegue imaginar como eu me senti, o tamanho da minha preocupação? Como quer que eu goste de alguém que afasta meu filho de mim?

Minha mãe seguiu relatando os fatos. Contou que, logo quando comecei a me afastar, a Clarinha sentiu tanto a minha ausência que chegou a ficar doente. Nós éramos muito unidos, eu costumava ajudá-la nas lições de casa e fazíamos várias coisas juntos.

— Você não tem noção do vazio que deixou por tanto tempo, Marcos. Seu pai e eu sempre lutamos muito para manter a nossa família unida e saudável, fazíamos o que era preciso para que nada perturbasse nossa paz, mas, quando Emilly apareceu, foi como se perdêssemos todo o controle da situação, entende? Aquela moça não te fazia bem. Entramos em estado de alerta e o que fizemos foi rejeitar o que ameaçava a nossa harmonia.

— Como assim, ela não me fazia bem? Eu não entendo... — questionei bastante confuso.

— O relacionamento de vocês não era saudável, Marcos. Você era um codependente — disse aflita.

— O que isso significa? É ruim ao ponto de te deixar assim, tão nervosa?

— Codependência é coisa séria, filho. Você se anulou completamente em detrimento daquela garota, abdicou dos seus gostos e opiniões, da sua felicidade. Ela, que não é boba, percebeu isso e se aproveitou de todas as formas possíveis: ameaçava sair da sua vida caso você não fizesse suas vontades.

— Então eu cedia?

Eu estava sem saber o que dizer. Cada palavra dita pela minha mãe pesou em meu coração, causando-me um sentimento de culpa sem tamanho.

— Sim, você cedia. Os codependente não conseguem enfrentar o mundo e a vida sozinhos. O medo de perder aquela pessoa, que tomava as decisões por você, não te permitia pensar racionalmente.

Mamãe levantou-se e começou a caminhar pelo quarto. Passou a mão pelos cabelos algumas vezes e, quando parou de andar, perto da janela, continuou a falar, mas dessa vez sem me dirigir o olhar.

— Quando Emilly decidiu terminar o namoro, você caiu em um poço profundo e passou dois meses em bares, bebendo. Ficou deprimido, ligava constantemente para ela pedindo para voltar e mesmo ela recusando todas às vezes, você não aceitava o término. Duas semanas antes do acidente você começou a retomar sua vida, fazer os shows, conhecer gente nova, eu fiquei radiante por te ver voltando à vida. Mas então houve o acidente...

Ela voltou o rosto para mim, estava com os olhos marejados, o que me deixou profundamente triste e com um aperto no peito.

— Peço desculpas, mãe, por acusá-la. — Baixei os olhos envergonhado. — Eu não sabia o que pensar ou em quem acreditar. Até a Laura, que conheci sendo tão calma e paciente, hoje se mostrou alguém totalmente diferente. Como vou saber em quem posso confiar, se ninguém é quem diz ser? — Cobri o rosto com as mãos, tentando não deixar visível a grande confusão que se formava dentro de mim.

— Marcos, a Laura é calma e paciente, mas ela é humana e tem sangue correndo nas veias. O que você queria? Que ela baixasse a cabeça enquanto Emilly a tratava mal? — perguntou indignada.

— Tem razão, Emilly não foi nada gentil. E por falar nisso, onde Laura está?

— Foi embora. Ligou pedindo para que eu viesse e esperou aqui no corredor até eu chegar. Ela me contou tudo o que houve e saiu daqui muito triste, achando que você está chateado com ela.

— Amanhã eu peço desculpas a ela.

— Ela não virá amanhã — mamãe respondeu de imediato. — Nem nos próximos dias.

— O quê? Por qual motivo? — inquiri um pouco exasperado.

— Eu já lhe disse, ela pensa que você não a quer mais aqui. E além do mais, Laura fará uma viagem. — Deu-me um beijo na testa. — Dê um tempo a ela. E enquanto isso, você coloca as ideias em ordem.

Como eu consegui ser idiota a ponto de duvidar das duas pessoas que mais têm me ajudado nesses últimos tempos, minha mãe e Laura?

De fato, a Emily veio apenas para bagunçar meus pensamentos e pôr em dúvida as poucas certezas que eu tinha. Pensei bastante em tudo que mamãe me contou e não fiquei feliz em saber das minhas atitudes no passado, senti-me envergonhado. Mas isso não se repetiria e faria tudo que estivesse ao meu alcance para não cometer os mesmos erros, faria tudo certo desta vez. E a primeira atitude correta seria me desculpar com Laura.



Durante toda a viagem, só conseguia pensar em Marcos e no estado em que ele ficou no dia anterior. Mas eu já havia decidido não deixar que aquilo me abalasse ainda mais, pensaria somente nos preparativos da festa e em rever meus familiares.

Estacionei o carro na parte de trás da grande casa centenária dos meus avós. A fazenda era da minha família há três gerações e ainda estava bastante conservada. Nada havia mudado desde a última vez que estive ali, há dez anos antes, em uma das incontáveis férias de verão que passara naquele paraíso. O vasto pátio já estava cheio de veículo, de todos os tamanhos, cores, marcas e estilos. Toda a família se reuniria no final de semana para comemorar o aniversário de cinquenta anos de casamento do vovô e da vovó.

Saí do carro e fui até o porta-malas pegar minha bagagem. A minha mala deveria ter engordado uns dez quilos durante a viagem, pois não consegui retirá-la de lá. Para minha sorte, Levi, um dos meus primos com quem mais tinha afinidade, apareceu na lateral da casa.

— Levi! — gritei.

Ele olhou na minha direção, sorriu e veio correndo até onde eu estava.

— Prima, que saudade! — disse ele ao me abraçar.

— Também senti saudades! Como você está? Anda malhando? — comentei enquanto apalpava seu braço bem avantajado.

— Para com isso, Laura, assim fico com vergonha. — Sorriu um pouco constrangido.

— Por falar em vergonha, preciso de ajuda com as malas.

— Continua a mesma donzela de antigamente — criticou e caminhou até a traseira do carro. — Nossa! O que tem aqui dentro, criatura? Não sabia que viria para passar um mês.

— Talvez eu passe algumas semanas aqui — disse com um forte suspiro e fechei o porta-malas. — Agora vamos entrar, já está começando a esfriar.

Caminhamos até a entrada dos fundos, que dava direto na cozinha, de onde eu senti um cheiro maravilhoso de café passado na hora.

— Mas que cheiro delicioso! — falei aparecendo de repente e assustando a todos que estavam no cômodo.

— Minha netinha! — disse vovó vindo até mim com os braços abertos. — Como você está linda, Laura! Quantas saudades eu senti!

— Eu também morri de saudades, vó — respondi apertando-a ainda mais no meu abraço.

— E onde estão seus pais? — Ela olhava para trás de mim, mas só encontrou Levi puxando minha mala.

— Eles só chegam amanhã bem cedo, papai não conseguiu dispensa do trabalho. Já eu estou de férias, por isso vim antes, para matar a saudade que estava sentindo de vocês. — Abracei minha amada avó novamente, dando um beijo estalado no rosto. — E por falar nisso, onde está o vovô?

— Saiu com seu tio Mário, foram resolver alguns detalhes para amanhã. Mas já devem estar voltando.

Nos sentamos à mesa para tomar uma xícara de café com um irresistível bolo de cenoura. Cumprimentei uma tia e duas primas que já estavam lá quando cheguei e conversamos sobre assuntos cotidianos. Uma

das primas começou a contar como estavam os preparativos para o seu casamento, que seria dali seis meses, mas logo se calou e, meio sem jeito, mudou de assunto. Era sempre assim: as pessoas tinham medo de falar algo que me magoasse, por menor que fosse a palavra. E todos sabiam que o assunto “casamento” poderia me deixar desconfortável.

Mas eu não aguentava mais essas situações, assistir a todos pisando em ovos por minha causa, e o mais frustrante era que, por mais que eu não gostasse daquilo, eu não conseguia dizer nada a respeito. Eu simplesmente engolia em seco, baixava a cabeça e após alguns minutos fingia que estava tudo bem, para que a outra pessoa não se sentisse culpada ou algo do tipo.

Minha prima estava feliz com o casamento e ela tinha todo o direito de contar sobre os detalhes sem se preocupar em deixar alguém triste, por isso levantei dizendo que estava cansada e que tomaria um banho e descansaria da viagem.



No dia seguinte, acordei cedo com a intensão de ajudar nos preparativos do evento, seria naquela manhã. Após algumas horas fazendo o papel de decoradora, o local da cerimônia estava lindo e pronto. Os primeiros convidados começaram a chegar, inclusive meus pais, e só então percebi que precisava me arrumar. Tomei um banho e coloquei um vestido rodado, comprado especialmente para aquela ocasião. Fiz uma maquiagem básica, coloquei os cabelos de lado e corri para a tenda que havia organizado há pouco.

A maioria dos assentos já estavam ocupadas quando cheguei. Sentei em uma cadeira na primeira fileira, ao lado dos meus pais. O clima colaborava, o sol não estava tão quente naquela manhã e corria uma brisa leve.

A cerimônia começou com meia hora de atraso, mas valeu a pena a espera. O sacerdote disse palavras lindas, que emocionou a todos. Meus avós estavam radiantes de felicidade por poderem refazer os votos de casamento, com direito a troca de alianças, depois de tanto tempo. Foi tudo lindo! Mas senti uma *pontadinha* de tristeza em meu coração, por lembrar que eu não teria aquilo. O único homem com quem sonhei viver ao lado por toda a vida

não estava mais comigo. Davi havia partido e imaginar um futuro onde ele não estaria era quase inconcebível.

Afastei aquele pensamento, que não condizia com a ocasião, e coloquei um sorriso sincero no rosto. Eu não queria estragar aquele dia tão especial para a minha família. Eu não poderia.

Levi, que me conhecia muito bem, me tirou para dançar, como pretexto para poder conversar comigo e me distrair de qualquer coisa que pudesse abalar minha alegria. A dança foi um tremendo desastre, já que eu tenho dois pés esquerdos, mas eu apreciei a conversa com meu primo, que se prolongou por horas. Por volta das cinco da tarde, eu estava bastante cansada e com pés doendo, despedi-me dos convidados remanescentes e fui em direção ao meu quarto.

Assim que abri a porta, ouvi meu celular tocar em cima da cama. Joguei-me no colchão macio e, sem olhar quem poderia estar me ligando, atendi.

— Alô! — falei com os olhos fechados sentindo meu corpo relaxar na cama, após um longo dia agitado.

— Laura? — respondeu a voz baixa e incerta.

— Sou eu. Quem fala?

— O maior idiota do mundo. — Logo em seguida ouvi um forte suspiro de culpa.

Houve silêncio por alguns instantes.

— Marcos? — perguntei com surpresa na voz.

— Nossa, acertou de primeira! — ele brincou.

— Ah, com essa dica que você me deu ficou fácil. — Eu ri, tentando quebrar o gelo.

— Desculpa te ligar. Estou atrapalhando?

— Não, pode falar. Aconteceu alguma coisa, você está bem? — questionei preocupada.

— Não, está tudo bem. Eu liguei para me desculpar — ele fez uma pausa, talvez esperando que eu dissesse algo, mas eu nada respondi. — Desculpa se agi como um idiota no outro dia. Eu não deveria ter te tratado daquela forma, eu sinto muito.

— Tudo bem, Marcos, esquece isso.

Na realidade, era eu quem desejava esquecer aquele episódio.

— Estou me sinto péssimo! E mesmo depois de eu ter te tratado com tanta frieza, você ainda se preocupa comigo. Deveria nunca mais querer olhar

na minha cara!

— Pare com isso agora mesmo, Marcos Bitencourt! — falei em tom sério, mas logo em seguida sorri ao imaginar seu olhar envergonhado por ter sido repreendido. — Eu compreendo que você está passando por um momento delicado e é normal que fique confuso às vezes. E, para falar a verdade, era eu quem deveria estar me desculpando pela forma ridícula como me portei. Não sei o que deu em mim, eu não costumo agir daquela forma.

— Ei! Eu tenho a preferência das desculpas, não você. Não vire o jogo a seu favor, Ok? — falou em tom de brincadeira.

Eu ri novamente e refleti sobre o fato de ter gostado da atitude do Marcos de se desculpar, mesmo ele não tendo realmente culpa de nada.

— Eu aceito suas desculpas — disse após alguns segundos de silêncio.

— Isso significa que você voltará a ser acompanhante de um jovem convalescente?

— Se o jovem assim desejar...

— Então não há o que discutir! — Silêncio. — Obrigada por não desistir de mim!

— Boa noite, Marcos! — respondi com a voz suave e desliguei.

Por alguma razão, até então desconhecida, eu era simplesmente incapaz de não estar perto e me certificar se Marcos estava bem. Eu havia chegado na casa dos meus avós decidida a dar um tempo em qualquer responsabilidade referente ao hospital, a não pensar mais em nada que dissesse respeito ao Marcos, mas bastou eu ouvir a voz dele outra vez para que tudo fosse por água a baixo. Meu coração saltitava no peito, como se quisesse me dizer que meu lugar era lá, onde eu estaria sendo útil para alguém, ocupando minha mente com coisas que não me trouxessem profundas tristezas.

Dois minutos após encerrar a ligação, levantei-me da cama e comecei a arrumar a mala.



Acordei com um afago em meus cabelos. Esforcei-me para abrir os olhos, mas ainda tinha sono e o simples movimentar das pálpebras parecia um esforço enorme.

— Bom dia, belo adormecido!

Aquela voz me fez despertar de imediato, sem titubear. Laura estava em pé ao meu lado e continuou com a mão em meus cabelos, mas seu rosto demonstrava preocupação.

— Laura! — Foi reconfortante ver o rosto dela após o desentendimento do outro dia. — O que houve, por que essa cara?

— Estou preocupada com você. Está se sentindo bem?

— Sim, estou! Mas, qual o motivo da preocupação? — perguntei um tanto nervoso.

— Você está dormindo há doze horas — disse calmamente. — E para quem acabou de sair de um coma, dormir tanto assim, sem estar medicado, nos preocupa.

— Desculpe, não quis preocupá-la, acho que só estava cansado.

— Não precisa se justificar, o importante é que está bem — falou com um sorriso meigo nos lábios. — Está com fome?

— Sim, estou faminto!

Laura entregou-me a bandeja com a refeição e enquanto comia tentei conversar um pouco com ela.

— Como foi a viagem?

— Tranquila — respondeu simplesmente.

— O que aconteceu? Estou te achando um pouco... triste.

— É melhor se apressar, Marcos, o doutor Lúcio já o aguarda.

Algo não estava bem e aquilo me deixou apreensivo, mas, por hora, preferi manter minhas preocupações em relação a Laura de lado por um momento e me concentrar na minha consulta com o psicólogo. Sendo assim, terminei minha refeição com rapidez e logo em seguida doutor Lúcio entrou no quarto.

Laura deixou-nos a sós e então o médico iniciou.

— Bom, Marcos, na nossa primeira conversa vamos apenas falar um pouco de você, em como se sente, quais seus anseios, desejos, motivações e tudo o mais que puder expor e lembrar. Quero criar com você um elo de confiança, para que possa confiar a mim seus problemas e, assim, para que eu consiga te ajudar.

Doutor Lúcio era um homem tranquilo e conseguia me deixar totalmente à vontade para falar o que sentisse vontade. Conte-lhe o pouco que sabia sobre mim e meu caso clínico, e falei como estava lidando com a falta de lembranças. Comentei também sobre minha relação de Codependência com Emilly, que mamãe havia me contatado. Quando entramos no quesito sentimentos, algo me ocorreu e decidi sondar Lúcio e, quem sabe, ele me desse uma luz de como eu poderia proceder.

— Lúcio, no dia em que nos conhecemos a Laura ficou bastante agitada com sua presença. — Fiz uma breve pausa. — Ela também é sua paciente, não é?

— Você é um rapaz muito observador. Como lhe informei, tudo sobre

os meus pacientes é estritamente confidencial.

— Então ela é! — Sorri ao conseguir a resposta que queria.

— Marcos, eu não posso...

— Não quero saber nada do caso dela, preciso apenas que me diga se há uma forma de eu ajudá-la.

— Pode me dizer por quê? — perguntou arqueando uma sobrancelha.

— Só quero retribuir a ajuda — respondi sucinto. — Durante todo o tempo que estou neste hospital, ela tem me dado forças para conseguir me recuperar, com dedicação e paciência. Mas eu sinto que alguma coisa não está bem e quero poder fazer algo a respeito. Por favor, só quero ajudar!

Após alguns minutos analisando a situação, doutor Lúcio falou de que forma eu poderia ajudar. Não era algo difícil de fazer, mas por Laura, eu faria o impossível.



À tarde, naquele mesmo dia, meus amigos foram me visitar e levaram um violão. Laura os advertiu sobre o barulho e eles prometeram se comportar bem; mas, por via das dúvidas, ela manteve a porta do quarto fechada.

Os rapazes começaram a contar histórias da nossa época de adolescente, sendo algumas delas bastante constrangedoras. Eu ria bastante do que aprontávamos e, na maioria das vezes, duvidava que aquelas situações realmente tivessem acontecido.

— E teve a vez que fomos passar férias no sítio dos avós do Pedro — André começou a contar — e o Carlos foi pular no riacho de cima de uma pedra enorme que tinha lá, vocês lembram?

— Claro que me lembro, como esqueceria aquele dia? — respondeu Pedro.

Todos caíram na gargalhada, inclusive eu. Carlos escondeu o rosto envergonhado.

— O que aconteceu afinal? — quis saber Laura, curiosa.

— Ele pulou da pedra com um salto mortal e quando saiu da água a correnteza tinha levado a sunga dele. — Quando terminei de falar, todos olharam para mim boquiabertos. — O que houve? — perguntei sem entender o motivo das caras de espanto.

— Você lembrou — disse Laura estupefata. — Você lembrou dessa ocasião, Marcos!

Nossa! Foi tão natural e sem esforço que nem percebi que a recordação me veio à mente. Esbocei um sorriso sem graça e meus amigos comemoraram o avanço que conseguimos juntos, pois se não fosse por eles, talvez eu não tivesse recuperado lembrança de coisa alguma.

— Vamos comemorar! — disse Pedro entusiasmado e pegou o violão.

Começou a dedilhar algumas notas antes de começar a cantar. Eu não conhecia a música, mas gostei dela. Os demais acompanharam a letra, inclusive Laura.

— Sabiam que a Laura canta perfeitamente bem? — falei quando Pedro parou de tocar.

Olhei para ela, que me repreendeu com o olhar.

— Verdade, Laura? Canta um pouquinho para gente — instigou Pedro.

— Imagina, isso é exagero do Marcos — recusou envergonhada.

— Não é, não! — defendi-me. — Eu já a ouvi cantar várias vezes.

Meu olhar se encontrou com o dela, que o sustentou durante um bom tempo, até que desviou os olhos e estendeu a mão para Pedro.

— Me empresta o violão?

— Você toca também? — perguntei abismado.

— Um pouco, mas estou enferrujada então me deem um desconto, garotos.

Ela posicionou o violão, manteve a postura ereta e pensou um pouco até começar a demonstrar seus talentos. Com uma voz doce e notas firmes, ela cantou uma música muito bonita, que me transmitiu uma paz indescritível. Laura tinha propriedade e domínio sobre o que cantava, deixando a todos no quarto totalmente hipnotizados. Ao final da música, seu rosto ficara vermelho, mas não sei dizer se estava envergonhada ou emocionada, o que me intrigou um pouco. Os rapazes aplaudiram efusivamente e encheram-na de elogios e cumprimentos, que ela recebeu com alegria e entusiasmo.

— Obrigada, gente! Fazia muito tempo que eu não tocava e estou feliz por me proporcionarem isso — agradeceu com um sorriso tímido.

Eu poderia passar o resto da vida ouvindo Laura cantar, sua voz era maravilhosa! Aliás, ela era incrível de todas as formas possíveis.

Em meio a tantos pensamentos bons que envolviam Laura, um não

muito agradável me ocorreu e fez meu coração ficar apertado: como eu ficaria sem ela depois de ser liberado do hospital? Não conseguia imaginar uma vida em que Laura não estivesse constantemente presente e ao meu lado. Mas o que seria aquilo que eu estava sentindo? Apesar de não saber nomeá-lo, sabia que era forte.



Dois dias se passaram desde aquela tarde em que cantei e toquei violão para Marcos e seus amigos. Aquela era a música que eu costumava cantar com Davi e sem dúvidas não foi uma boa ideia ter feito aquilo. Remexer nas lembranças do passado, quis dizer, eu deveria ter escolhido qualquer outra canção, mas aquela foi a única em que consegui pensar no momento. Ao fechar os olhos para deixar a melodia invadir meu ser, fui transportada para um passado em que Davi ainda estava ao meu lado cantando comigo. Tudo era tão nítido na minha cabeça que parecia estar acontecendo de verdade; senti o seu cheiro e até quase pude tocá-lo novamente.

Forcei meus dedos contra as têmporas para tentar me livrar de tais recordações, mas era inútil, as imagens vinham com ainda mais força. Aquilo

precisava parar, caso contrário eu enlouqueceria.

Marcos dormia há algum tempo. Estava uma linda tarde ensolarada, então resolvi abrir uma pequena brecha da cortina para admirar a paisagem, já que o quarto dele ficava de frente para uma praça bem arborizada e movimentada. Vi crianças brincando com bolas ou no balanço, pessoas sentadas nos bancos ou passeando com seus cachorros, cada um cuidando da sua vida enquanto eu estava ali, encostada naquela janela de vidro, pensando em quem já morreu. Esquecer não é tão fácil quanto muitos imaginam, requer tempo e boa estrutura emocional, além de apoio e força de vontade. Para uma pessoa que sofre com a dor de uma perda, juntar todos aqueles ingredientes não era uma tarefa nada simples. Mas eu tinha fé que conseguiria vencer o luto, só não sabia quanto tempo ainda demoraria. Esperava que fosse em breve, pois não aguentava mais sentir tanta dor.

— Como ele se chamava? — Dei um pequeno pulo de susto ao ouvir a voz de Marcos.

— Meu Deus! Que susto, Marcos — falei com a mão no coração, que acelerou. — Do que está falando?

— O seu noivo, como se chamava? Sei que está pensando nele.

— Como chegou a essa conclusão? — perguntei intrigada.

— Você está rodando essa aliança no dedo há um bom tempo — respondeu cauteloso. — E isso te faz lembrar dele. E desde a visita dos meus amigos está sempre perdida em pensamentos.

Engoli em seco, pasma com tamanha percepção. Não passava pela minha cabeça que Marcos reparasse tanto em mim.

— Conversa comigo, Laura, vai te fazer bem — disse com preocupação. — Me deixa te ajudar.

Lembrei-me da última vez que conversei com o doutor Lúcio. Ele me aconselhou a conversar com outras pessoas, colocar para fora o que tanto me sufoca. Ponderei a opção por um instante: eu confiava em Marcos, ele estava me oferecendo ajuda de bom grado e sabia que não poderia recusar, mas ainda sentia receio em compartilhar minha história com alguém desconhecido.

— Não sei se é uma boa ideia, Marcos. Eu estou aqui para te ajudar e não para falar dos meus problemas — consegui responder enfim.

— Mas eu quero te ouvir — disse com os olhos suplicantes.

— Por quê? Isso não vai te ajudar a recuperar a memória — tentei dissuadi-lo.

— Tem razão, não vai ajudar a mim, mas ajudará você.
— Por que está fazendo isso? — perguntei tentando entender.
— Você me ajuda, eu te ajudo! Acho que é uma boa forma de te agradecer por tudo que tem feito por mim.
— Não sei, Marcos — falei confusa.
— Então façamos um acordo — ele disse após pensar por um instante.
— Que tipo de acordo? — perguntei desconfiada.
— Toda vez que eu lembrar de alguma coisa, você me conta um pouco do que te aflige. O que me diz? — finalizou sua fala com um sorriso matreiro.
— Parece justo — respondi sem poder conter o riso.
— Então está combinado? — Ele estendeu a mão para que eu a apertasse e, assim que o fiz, ele concluiu. — Primeiro as damas!
— Como assim? — Meu sorriso se desfez com a sentença.
— Eu me lembrei daquele dia no sítio dos avós do Pedro, não foi? Agora é sua vez!

Olhei para ele, incrédula. Ele era esperto, eu tinha certeza que ele já estava com tudo planejado. Mas não poderia deixar de rir da situação e, o que mais poderia fazer, além de me render? Sentei-me na cadeira próxima a cama e respirei fundo, preparando-me para encarar minhas lembranças e a dor que viria logo em seguida. Pensei um pouco antes de falar, tentando achar por onde devia começar, então optei pelo óbvio: do começo.

— Seu nome era Davi — comecei. — Ele faleceu há quase um ano, vítima de um câncer. Nossos pais são amigos desde a faculdade, então nos conhecíamos desde sempre. Tínhamos a mesma idade, frequentávamos as mesmas escolas e igreja, e morávamos no mesmo condomínio. Ele era meu melhor amigo, éramos inseparáveis. Até que um dia, aos dezesseis anos, não sei direito como ou por que, percebi que o sentimento que nutria por ele era mais que amizade, e recíproco. Os anos que passamos juntos foram os melhores da minha vida até hoje.

Parei um instante para respirar e tentar conter as lágrimas que já queimavam em meus olhos e continuei.

— Uma semana depois da minha formatura na faculdade, ele me chamou na para ir até sua casa e, junto com os pais dele, contou-me que estava doente. Havia sido diagnosticado com leucemia. Dá para imaginar como o meu mundo ruiu? O medo que senti era palpável! Mas ele não se

abalou nem fraquejou um segundo sequer e, ao invés de eu confortá-lo, era ele quem estava me consolando. O tratamento começou o mais breve possível e o médico nos disse que ele tinha 60% de chance de cura.

Era impossível conter as lágrimas, então as deixei correr.

— Eu tinha acabado de conseguir um emprego aqui neste hospital, mas decidi abandonar tudo para cuidar dele integralmente. Davi não permitiu que eu fizesse isso, dizendo que não havia motivos para eu abandonar minha carreira e meus sonhos pois, se fosse da vontade de Deus que ele morresse, nada do que eu fizesse iria impedir que isso acontecesse. Acatei seu desejo, mas todo o tempo que tinha livre eu estava com ele, fosse no hospital ou em casa. Foram oito meses de tratamento e sofrimento, e nem por um momento ele desistiu ou deixou de acreditar. Tinha sempre um sorriso no rosto e uma palavra de conforto. Deixou para mim, um crescimento espiritual incrível e uma visão de mundo que só ele conseguia ter. Davi foi a melhor pessoa que conheci na vida, ele é minha inspiração!

Marcos segurou minha mão com força, para me encorajar a prosseguir.

— Depois que Davi morreu, foi como se eu também tivesse morrido. Não sentia vontade de nada além de chorar e passei dias trancada no meu quarto sem comer, beber ou dormir; tudo o que eu queria era silenciar o mundo e os meus pensamentos, mas não conseguia. Foi doloroso! Um dia, quando eu já estava um pouco melhor, minha chefe aqui do hospital me ligou dizendo que entendia pelo que eu estava passando e que não me preocupasse com o emprego, porque a vaga estaria esperando por mim e que um psicólogo estaria disponível no momento que eu precisasse. Todos aqui no hospital foram muito gentis comigo quando voltei ao trabalho, após três meses. Os diretores também foram bastante compreensivos, ao permitirem que eu me ausentasse por tanto tempo e me aceitando de volta. Sou muito grata a todos, pois sem eles eu não estaria aqui te contando tudo isso.

Marcos me ouvia atentamente, sem nenhuma interrupção e notei que seus olhos estavam marejados.

— Sinto muito, Laura — ele disse com a voz embargada.

— Pelo quê?

— Sinto por você ter passado por tudo isso. Você é uma pessoa boa, gentil, educada, gosta de ajudar todo mundo. Não é justo que sofra tanto.

— Nada é em vão, Marcos, tudo tem um propósito. Lembra? — Fiz um esforço para sorrir. — Eu pensava assim como você no início, mas agora

consigo ver as coisas com mais clareza.

— Será que um dia vou ver as coisas com a mesma clareza que você?
Para mim ainda é tudo muito turvo.

— Claro que vai, tenha só um pouco mais de paciência.

Nossos olhos fixaram-se um no outro por um tempo, até que senti minha mão formigar e só então percebi que ele ainda a segurava. Mas apesar do desconforto, não fiz objeção quanto a isso. Meu desejo era que ele nunca mais a soltasse.



O dia havia começado sem graça sem Laura ao meu lado. Ela tinha ido à consulta com doutor Lúcio e chegaria mais tarde, mas nem por isso a minha rotina mudou: refeição, banho e médicos. Igor, o fisioterapeuta, disse que faríamos uma surpresa para Laura e, mesmo sem saber o que ele pretendia, sorri com a ideia.

Embora eu estivesse contente, a história que Laura me contou naquela noite não saía da minha cabeça, fiquei bastante impressionado; não só pelo fato de ter um final triste, mas pelo sentimento que havia entre ela e Davi. Eu senti que era forte, verdadeiro e sincero. Após saber pelo que passava, consegui compreender um pouco mais a dor que Laura sentia e a dificuldade

que tinha em superar. E estava disposto a ajudá-la, não importando o que eu tivesse que fazer.



— Alô — disse ela ao atender o celular.

— Laura, onde você está? — perguntei com falso desespero na voz.

— Acabei de sair da sala do doutor Lúcio. O que houve, aconteceu alguma coisa? — perguntou preocupada.

— Sim, aconteceu. — Após essas palavras, desliguei o telefone por ordens de Igor.

Não achei justo deixá-la preocupada, mas Igor insistiu tanto em ver como Laura reagiria que não consegui evitar, eu também estava ansioso pela sua reação. Não foi preciso esperar muito para que ela entrasse quarto adentro com a cara mais preocupada do mundo, o cenho franzido ao máximo, a respiração alta e entrecortada por ter corrido para chegar o quanto antes no quarto e os olhos brilhantes, como se estivessem rasos d'água.

Mas logo a preocupação se transformou em medo ao ver minha cama vazia. O plano tinha dado certo! Laura entrou tão apressada no recinto que não nos viu escondidos atrás da porta.

— Algum problema, moça? — perguntei de onde eu estava, tentando conter o riso.

Laura virou-se abruptamente.

— Você ficou maluco? O que tem na cabeça para me deixar preocupada desse jeito? — disse alterada, deixando a raiva fluir, transtornada. — Porque fez isso? Você... você... — Seu rosto mudou de expressão tão rápido, ao se dar conta do que realmente estava acontecendo, que eu não soube decifrá-la. — Você está de pé!

Igor, não aguentando mais segurar o riso, caiu na gargalhada, achando tudo divertido. Eu, em contrapartida, pude fazer algo que ansiava há bastante tempo. Dei dois passos na direção dela e, apesar da expressão indefinida no seu rosto, envolvi meus braços ao redor do seu corpo num abraço. Laura demorou alguns segundos para corresponder ao meu gesto, talvez por ainda estar atordoada com toda a situação.

— Marcos, isso é maravilhoso! — falou se afastando um pouco.

— Desculpe pelo susto, mas foi tudo culpa dele. — Olhei para Igor, que ainda ria.

— Você me paga! — Laura o ameaçou com uma falsa raiva, mas não conseguiu conter o riso. — E o que esse progresso significa?

— Significa o fim da humilhação — respondi erguendo os braços. — Vou poder tomar banho sozinho.

Todos nós caímos na gargalhada, mas depois Igor nos explicou que sua missão estava cumprida e eu já não precisava mais da fisioterapia, o que me deixou feliz, pois seria um médico a menos na minha lista.

— Trouxe essas flores para você — eu disse e estendi o pequeno ramalhete, mas ela deu dois passos para longe de mim com o semblante assustado. — O que foi, não gosta de flores?

— Eu sou alérgica a pólen, sabia? — perguntou ela de forma séria. — Ao menor contato, minha pele fica cheia de brotoejas, meus olhos incham e minha glote se fecha, impedindo a passagem de ar.

— O quê? — Nervoso e sem pensar duas vezes ao ouvir aquele relato, joguei as flores do outro lado do quarto. — Me desculpa, eu não...

— Uma gargalhada estridente me interrompeu. Apesar de eu amar o som da sua risada, naquele momento não me soou conveniente. — Qual a graça?

— Eu estou brincando, não sou alérgica — respondeu com um sorriso travesso, que aqueceu meu coração. — Foi engraçada a cara que você fez!

— *Touché!* — falou Igor, que observava tudo de uma distância segura.

Após os ânimos se acalmarem e Igor ir embora, conversamos por alguns minutos sobre a minha rápida recuperação. De repente, eu parei de falar e fiquei a observá-la atentamente.

— O que foi? Tem alguma coisa errada no meu rosto? — Ela passou as mãos pela face.

— Não, muito pelo contrário. — Eu ri antes de continuar. — Você acredita em milagres?

— Claro que sim. Por quê?

— Minha mãe diz que foi um milagre de Deus eu ter sobrevivido ao acidente, que foi a mão de Dele que me protegeu. Mas eu tenho outra teoria.

— E qual seria?

— Eu acho que Deus tem coisas mais importantes para fazer do que salvar motoristas desatentos. Então acredito que Ele tenha mandado um anjo

para fazer esse serviço em seu lugar. Um anjo que está ao meu lado desde aquele dia trágico.

Laura ficou atônita, abriu a boca algumas vezes, porém nada conseguiu pronunciar; os olhos bem abertos de surpresa. Eu não sabia porque estava falando aquelas coisas, mas algo ardia em meu peito e me compelia a falar. Quando percebi, eu segurava as suas mãos nas minhas.

Uma batida na porta nos interrompeu antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa. Era o neurologista, dando a notícia de que eu estava apto para voltar a minha vida normal, mas que devia vê-lo regularmente, pelo menos duas vezes ao mês. E por fim, doutor César chegou ao quarto com alguns papéis em mãos.

— Marcos, você está de alta do hospital. Estamos muito felizes por sua recuperação e não queremos te ver tão cedo por aqui — disse o médico fazendo graça e entregando-me os papéis. — Aqui tem a sua liberação e algumas receitas com os remédios que você deve tomar e as instruções. Assine tudo e os entregue na recepção pela manhã. Quero que retorne para uma avaliação daqui um mês.

— Obrigado, doutor — agradei.



Laura e eu estávamos sentados perto da janela, mas dessa vez com uma certa distância um do outro. Eu não me atrevi a retomar a conversa de mais cedo e ela pareceu estar grata por isso. Falávamos sobre música quando ouvimos batidinhas na porta. Olhamos para ver quem era e levantei-me assim que vi Clara com seus fios dourados entrarem no quarto.

— Minha princesa! — exclamei de braços abertos.

— Marcos, você está de pé! — disse entusiasmada com meu abraço.

— E não é só isso: poderei ir para casa amanhã!

— Verdade? Mamãe já sabe? — perguntou radiante.

— É verdade sim! Vou contar para a mamãe mais tarde.

Clara soltou-se dos meus braços e correu até Laura para abraçá-la.

— Devo sentir ciúmes? — falei estreitando os olhos.

— Claro que não! — falaram ao mesmo tempo e riram.

A tarde transcorria bem. Voltei para a cama e Clara deitou junto

comigo. Ouvimos música, conversamos sobre as provas e rimos das histórias engraçadas que ela contou sobre a escola e algumas sobre mim também. Laura, em pé olhando pela janela, apenas ouvia e ria de nós dois, mas sei que estava confortável por poder participar daquele momento, via isso pela expressão plácida em seu rosto. Apesar da falta de memória, senti-me preparado para a vida lá fora. Com minha família ao meu lado, me apoiando, e a amizade de Laura, sabia que o caminho a ser trilhado seria mais fácil.

Meus pensamentos foram interrompidos por uma batida na porta. Laura fez um movimento para ir abrir, mas não foi necessário, Emily entrou no quarto sem a menor cerimônia. Senti o corpo de Clara tremer um pouco e, imediatamente, pulou da cama, indo até a janela e ficando ao lado de Laura, que também não pareceu muito contente com a presença da visitante.

— Olá, querido — disse inclinando-se para me dar um beijo no rosto.
— Como tem passado?

— Bem — respondi ainda surpreso com a visita. — O que veio fazer aqui?

— Te visitar. Não posso? — respondeu com um sorriso de lado.

— Pode, claro — disse hesitante.

Emily olhou para os fundos do quarto e se dirigiu até Clara.

— Olha só quem está aqui. Nossa querida princesinha! Como vai, Clara?

Clarinha deu um passo para trás, recusando-se a ter qualquer contato com Emily e encarou-a com certa fúria.

— Olá, Paula!

— É Laura — respondeu com tom sério.

— Tanto faz. Será que hoje eu posso ter um pouco de privacidade com meu namorado?

— Ex-namorado, Emily — falei antes que Laura respondesse alguma coisa.

— O quê? Como assim, ex? — perguntou franzindo o cenho. — Deixe-me adivinhar: sua mãe falou isso?

— Isso mesmo, me contou tudo que preciso saber. E nós não somos mais namorados, aliás, foi você quem terminou comigo. Lembra? — Tentei ser o mais ríspido possível, queria acabar com essa visita o quanto antes.

— Uma briguinha à toa, Marcos. Já aconteceu isso várias vezes e sempre voltamos numa boa.

— Sinto muito, Emily, mas não me lembro de nada ainda e não posso

resolver um assunto como esse nas minhas condições. Quando eu recuperar a memória, procuro você e decidimos o que fazer, tudo bem?

Emilly suspirou e revirou os olhos antes de responder:

— Tudo bem, se é assim que você deseja.

Ela pegou uma pequena caixa de dentro da sua bolsa, colocou-a na cabeceira da cama e disse ao meu ouvido:

— Eu não vou desistir. — Deu-me um beijo rápido e saiu do quarto.

Assim que a porta se fechou, Clara pôs-se a andar, de um lado para o outro no quarto.

— Você não vai abandonar a gente outra vez, vai? — ela falava com uma raiva crescente, mas sua voz também demonstrava medo. — Por favor, Marcos, não reate o namoro com ela.

— Calma, princesa, eu não vou abandonar ninguém.

Olhei para Laura e notei seu olhar triste, mesmo tentando disfarçar com um sorriso. Clara, por mais que tentasse, não conseguiu se conter e algumas lágrimas escorreram por seu rosto. Chamei-a para um abraço, então enxuguei suas lágrimas e beijei suas bochechas rosadas.

— Eu prometo!

Ela balançou a cabeça em concordância e endireitou-se na cama.

— Não quer ver o que tem na caixa?

— Na verdade, não.

— Mas eu sim — disse pegando a caixa e abrindo-a.

Laura, que naquele instante estava às costas de Clara, mexendo em seus cabelos dourados, se entristeceu ainda mais ao ver o conteúdo da caixa. Com uma curiosidade súbita, peguei a caixa das mãos da Clarinha e vi um porta-retratos com uma foto minha e de Emilly num beijo apaixonado, com a Torre Eiffel toda iluminada atrás de nós.

Após encarar a foto por alguns instantes, olhei para Laura.

— Bonita foto — disse e sorriu.

Ela afastou-se para a janela, com Clara logo atrás dela.

Deixei a caixa de lado e passei as mãos no rosto. Como eu gostaria que isso tudo fosse um pesadelo. Precisava resolver aquilo, mas não sabia como. Entretanto, sabia quem poderia me ajudar: mamãe.



Clarinha aproximou-se de mim na janela.

O pôr do sol deu uma cor espetacular às árvores da praça e o céu tinha vários tons de laranja. Tentei distrair-me observando aquela paisagem incrível, mas não estava funcionando. Distrair-me de quê, afinal? Da raiva que senti com a visita da intragável Emilly ou da estranha sensação que senti ao ver aquela foto? Nada daquilo fazia sentido.

Percebi que Clara me encarava, como se esperasse uma resposta minha.

— Desculpe, Clarinha, não ouvi o que você disse.

— A Emilly, ela nunca gostou de mim, mas sempre fingia que gostava quando estava na frente do Marcos. — Clara baixou a cabeça, como

se estivesse envergonhada. — Um dia, ficamos a sós uns instantes na sala, ela apertou meus pulsos e disse que se eu tentasse separar eles dois, levaria Marcos embora para sempre.

— Meu Deus, Clara! Você não contou para ele? — perguntei indignada.

— Não, ele não acreditaria em mim. Para ele, Emilly é uma santa e me adora. Mas é tudo mentira! Também não contei para os nossos papais, tive medo que eles fizessem ou falassem alguma coisa e Emilly levasse meu irmão embora.

— Eu acho que você deveria ter contado. Essa criatura é uma terrorista! — Clara riu e eu continuei. — Olha, sei que você ainda é novata nessa viagem louca chamada Vida, mas me permite te dar um conselho?

— Permito. O que é? — perguntou animada.

— Você passará por situações que te darão várias opções de escolha — disse olhando em seus olhos. — Mas não importa se existe uma opção mais rápida ou mais fácil, escolha sempre o que é certo! Entendeu?

— Entendi. Pode deixar, não vou me esquecer disso Laura — respondeu após um momento de silêncio. — Sabe, eu queria ter uma irmã para poder conversar sobre coisas de menina. E você seria uma irmã perfeita!

Seus olhinhos brilharam de contentamento ao me confidenciar aquilo, e os meus brilharam devido às lágrimas que se acumularam em meus olhos.

— Eu também iria adorar ter você como irmã! Mas eu posso ser sua amiga, se quiser.

Recebi um abraço apertado como resposta. Sempre quis ter irmãos, mas meus pais acharam suficiente apenas um filho. Nunca soube o que é brigar por um brinquedo, defender alguém do valentão da escola ou ter um cúmplice para as brincadeiras de mau gosto. E nunca saberia o que é ter sobrinhos. Isso costumava me entristecer bastante, mas eu não me sentia mais tão incomodada, já havia aceitado a realidade.

— Laura, você acha que eles vão voltar a namorar? — Clara perguntou livrando-se do abraço.

Notei revolta nos olhos dela. Eu sei que ela sofreu com o distanciamento de Marcos e temia que isso voltasse a acontecer.

— Vamos torcer para que não — disse dando-lhe mais um abraço apertado.



Clarinha havia saído para comer alguma coisa e eu permaneci no mesmo lugar, sem nenhuma motivação para encarar Marcos. Mas ele, por outro lado, estava disposto a quebrar o clima tenso entre nós.

— Você está bem, Laura?

— Estou — respondi sem desviar os olhos da janela.

— Me desculpa por tudo isso.

— Você não me deve desculpa alguma, Marcos. Não fez nada de errado. — Aproximei-me confusa.

— Mas me sinto responsável pela visita da Emilly. Sei que a presença dela a incomoda.

— E isso te surpreende? — alterei um pouco voz. — Não sei se notou, mas a sua irmã possui alguns traumas por causa dessa ruiva insuportável.

— Tudo bem, Laura, calma — falou estranhando minha reação.

Levei as mãos ao rosto e respirei fundo.

— Desculpa, Marcos! De verdade, estou envergonhada, não deveria ter me alterado desse jeito. Eu só...

— Só o que, Laura? Você sabe que pode conversar comigo, o que está acontecendo? — pergunta, com preocupação.

— Não é nada, só estou um pouco cansada. Nada que uma boa noite de sono não resolva. — Forcei um sorriso.

Marcos apenas concordou com um movimento de cabeça. Ficamos em silêncio por um momento, até ele falar.

— Posso pedir uma coisa? — indagou meio envergonhado. — Sei que não tenho o direito de te pedir mais nada, tendo em vista tudo que já fez por mim.

— Para com isso, Marcos, você sabe que pode pedir o que quiser. — Segurei sua mão. — O que é?

— Quero que me acompanhe até em casa amanhã. Faria isso?

— Claro, não vejo problema — respondi hesitante. — Mas por qual motivo está me pedindo isso? Está de alta, não precisa mais de enfermeira.

— Mas preciso de você — respondeu imediatamente.

— Como? — recuei surpresa com a resposta tão imediata.

— Bom, é que... — Ele se mostrou bastante nervoso. — Você é minha amiga agora. A única que tenho.

— Claro que não, Marcos, você tem os seus amigos.

— Mas eu mal os conheço.

— E nem a mim!

Eu não estava gostando do rumo que aquela conversa estava tomando, então afastei-me da cama com a intensão de voltar para o outro lado do quarto, onde eu estava antes, mas ele segurou minha mão, fazendo-me virar e encará-lo.

— Laura, desculpa se falei algo errado, não foi minha intenção, é que... eu ainda não estou pronto para dizer adeus, pois sei que não te verei mais a partir do momento que eu sair do hospital. E isso me assusta, porque eu vou perder a primeira pessoa que conheci nesta nova vida que eu tenho agora. — Ele parou de falar e umedeceu os lábios procurando palavras para continuar. — Laura, você esteve ao meu lado todo esse tempo, cuidando de mim, me dando força e conselhos. Toda a rotina que eu conheço, em tudo o que eu faço ou digo, você está lá. Eu não conheço nada fora daqui, vai ser tudo diferente e estou com medo do que vou encontrar. Só quero ter algo familiar comigo.

Não soube o que pensar ou dizer diante do seu discurso. Fiquei feliz ao ouvir palavras tão sinceras e, ao mesmo tempo, senti medo pela emoção que elas me causaram.

Vi que Marcos suspirou aliviado ao terminar de falar, como se aquilo tivesse sido um desabafo. Encarei aqueles olhos verdes por um longo tempo, tentando encontrar minha voz para dar uma resposta. Ele apertou minha mão um pouco mais, querendo me incentivar a falar e esse foi o estímulo necessário para as minhas cordas vocais voltarem a funcionar.

— Eu acompanho você, Marcos. Obrigada pela confiança — respondi com a voz fraca. — Preciso ir agora. Até amanhã!

Soltei minha mão da dele, peguei minha bolsa e, como um raio, saí do quarto. Decidi ir até o estacionamento pelas escadas afim de, com o exercício, fazer o sangue fluir pelo corpo, pois sentia como se não tivesse uma gota sequer em minhas veias. Precisava pensar, colocar minha cabeça em ordem, estava tudo uma enorme bagunça e eu nem ao menos era capaz de discernir o motivo de tanta confusão.



Em casa, depois do jantar, fui para o meu quarto e deitei na cama, abraçando um travesseiro. Pela janela conseguia ver o céu estrelado e a lua com seu brilho reconfortante. Sempre fui fascinada pela lua, gostava de admirá-la e da forma como ela me inspirava enquanto pensava sobre assuntos sérios, como os meus sentimentos. Tinha que arrumar aquela bagunça, descobrir o motivo de tanta confusão. Provavelmente era por causa de tudo que tinha acontecido nos últimos tempos: meu surto, as conversas com o doutor Lúcio e com o Marcos.

Marcos!

Pensando no que ele falou, senti que também não estava pronta para uma despedida definitiva. Passei tanto tempo com ele que me acostumei com sua presença, seu rosto, sua voz e até as brincadeiras bobas. Mas não havia o que fazer, essa hora chegaria cedo ou tarde. Ele retornaria à sua vida, à rotina, aos amigos, à família. E aos poucos tudo se tornaria familiar e esqueceria que um dia eu existi na vida dele. Era uma forma depressiva de se pensar, mas era a verdade e não me apegaria a qualquer tipo de esperança de que manteríamos algum contato. Porque era isso que eu era para ele, uma amiga. Ele mesmo disse isso. Mas o que ele era para mim, senão um amigo também? Poderia ir mais além e dizer que ele era um confidente, alguém em quem confiava.

Eu nutria um imenso carinho por ele, isso era um fato. E a família dele era maravilhosa comigo: Gostava muito de Ana e Ricardo, que sempre me tratavam muito bem. Clarinha era um doce de menina e prometi ser sua amiga, não podia quebrar a promessa. E Marcos era... Não sei como classificá-lo, nada parece suficiente.

Olhei para o relógio e vi que já se aproximava da meia noite. Que coisa! Estava há horas deitada em minha cama, com o olhar perdido no cosmos, pensando em como pôr minhas ideias no lugar, mas parecia que esse nó não desataria nunca. Irritada demais para pensar e confusa demais para dormir, peguei um livro na minha estante e comecei a ler, na esperança de que o sono não demorasse a chegar.

Em meio às palavras do livro, vi a frase que Marcos disse mais cedo: *Preciso de você!* Aproximei mais o livro para conferir, mas essa frase não estava escrita lá. Deveria ser o sono que estava chegando e me fez ver coisas onde não existiam. Então, guardei o livro, apaguei a luz e fechei os olhos. Mas não, o sono não veio. E meus pensamentos continuaram a vagar pelo

desconhecido.



— Mãe, liga para ela — pedi impaciente.

— Filho, eu liguei não tem dez minutos — mamãe respondeu rindo.

— Por que está demorando tanto? Será que desistiu de vir? Ou será que aconteceu alguma coisa?

Minha mãe deu uma gargalhada divertida.

— Marcos, eu já falei que ela vem. Só está um pouco atrasada porque dormiu além do horário, só isso. Ok, nervosinho? — Ela riu e deu uma piscadinha para mim.

Ri comigo mesmo da situação. Eu estava mesmo exagerando um pouco por conta do atraso de Laura. Mas o que eu poderia fazer? Estava nervoso, não sabia como seria minha vida de hoje em diante e a Laura me

deixava mais seguro. E ainda tinha o sonho que tive com Emilly para me atormentar. Na verdade, não sei se foi sonho ou mais uma lembrança que voltou. Mamãe me falou que fui à Europa com Emilly quando fizemos um ano de namoro, daí a origem da foto — e do sonho também, eu acredito.

Pouco tempo depois, Laura chegou usando um vestido com estampa de flores e os cabelos ainda molhados. Nunca a vi tão casual e tão linda!

— Desculpem o atraso, meu despertador não tocou e dormi demais — desculpou-se sem jeito.

— Tudo bem, nem reparei que se atrasou — respondi tropeçando nas palavras.

Minha mãe fingiu uma crise de tosse para esconder o riso.

— Você está bem, Ana? — Laura perguntou preocupada.

— Sim, estou bem! Podemos ir? Já assinamos todos os papéis necessários.

— Claro, vamos! Vou buscar uma cadeira de rodas, volto em um minuto.

Fui de cadeira de rodas até o estacionamento do hospital, onde entramos no carro de Laura e seguimos para casa. Eu, bastante apreensivo, fui no banco de trás e mamãe, feliz e satisfeita, foi na frente conversando com Laura. Não era uma viagem longa, em questão de minutos paramos em frente a uma casa duplex muito bonita, a mais bonita da rua, aliás. Um lindo jardim com uma árvore frondosa e flores de todas as cores nos recebeu, contrastando com as cores vibrantes da fachada e as grandes janelas de vidro. Na porta de entrada havia uma faixa com a frase *Bem-vindo de volta, Marcos!*

Estava prestes a entrar na casa onde cresci, mas que desconhecia. Dormir e acordar ao lado da minha família, da qual não tinha nem vaga lembrança dos momentos bons que tivemos juntos todos esses anos. Teria que começar do zero, como se estivesse nascendo naquele dia.

— Está pronto? — pergunta mamãe com a mão na maçaneta da porta.

Olhei para Laura, que sorri da forma mais confiante possível, suspirei e acenei positivamente. Sim, eu estava pronto para a minha nova vida.

Quando minha mãe abriu a porta, quase enfartei de susto. A casa estava repleta de pessoas, que gritaram “Bem-vindo!” e aplaudiram. Clarinha correu para me abraçar, seguida por papai. Fiquei paralisado por alguns segundos, tentando assimilar o que estava acontecendo e quem eram todas aquelas pessoas. Reconheci apenas meus amigos da banda e alguns parentes que foram me visitar no hospital.

Entrei na companhia de Clara, que começou a me mostrar a casa.

— Aqui é a sala de visita, ali é a sala de jantar, ali na frente fica o escritório do papai.

Não contive o riso. Dei-lhe um beijo estalado na bochecha e fui cumprimentar as pessoas que estavam ali para me receber. Mamãe servia água e suco para os convidados junto com alguns quitutes e logo em seguida me chamou para sentar ao seu lado no sofá.

— Gostou da surpresa? — perguntou sorridente. — Tudo ideia da Clara.

— Sim, gostei muito! Mas não conheço a maioria das pessoas que estão aqui.

— Conhece, só não lembra. Mas não se preocupe, logo você lembrará de todos!



Depois de horas de conversas, perguntas curiosas e brincadeiras, a casa foi ficando vazia e silenciosa. Papai foi trabalhar, Clara acompanhou uma amiga até em casa e mamãe estava na cozinha. Avistei Laura, pensativa, olhando pela janela da sala de jantar e resolvi ir até ela.

— Admirando o jardim?

— Nossa, Marcos — ela diz pondo a mão no peito. — Avisa quando estiver chegando, qualquer hora eu morro de susto.

Eu ri e me pus a observar a paisagem além da janela. Estava um dia lindo e ensolarado, pessoas passavam tranquilamente na rua, tudo o mais é paz, exceto meus pensamentos, que eram um turbilhão. Tinha sintomas estranhos: garganta seca, mãos suando, coração acelerado. Só poderia ser uma doença grave e precisaria voltar para o hospital imediatamente! Sorri com esse pensamento bobo, eu tinha consciência que estava apenas adiando algo que não queria fazer.

— No que está pensando? — Laura perguntou sem olhar para mim.

— Em nada específico. Minha cabeça está a mil!

— Sei como é.

— E você, no que está pensando?

Laura demorou um pouco para responder. Baixou a cabeça, suspirou,

alisou o vestido e por fim me encarou.

— Eu preciso ir, Marcos.

— Mas já? Fica mais um pouco, a Clarinha deve voltar logo e...

— Não, Marcos, você não entendeu. — Olhou para o chão e entrelaçou as mãos em frente ao corpo. — Você precisa me deixar ir. Entendo que se sinta inseguro ainda por estar em um lugar estranho cercado por pessoas desconhecidas, mas você não pode se apegar a mim como um bote salva-vidas, eu não ficarei na sua vida para sempre.

Estremeci com suas palavras. Abri a boca para dizer alguma coisa, mas nada consegui pronunciar. Respirei fundo e pensei por um instante antes de responder.

— É tão ruim assim?

— O quê? — perguntou confusa.

— Ficar na minha vida.

Laura mirou a janela e deu um meio sorriso. A luz do sol realçou ainda mais seus olhos castanhos que possuía um brilho angelical. Como poderia seguir sem ver o seu sorriso ou sem ouvir a sua voz todos os dias? Não podia deixar isso acontecer.

— A questão não é ser bom ou ruim, Marcos. É bem mais complicado.

— Então qual é a questão? Porque para mim não há nada de complicado, ficar ao teu lado é a coisa mais natural do mundo — argumentei.

— O que eu vou fazer quando você recuperar sua memória e todos os espaços forem preenchidos? Eu vou ficar sobrando. Sairei da sua vida de qualquer forma, só estou adiantando as coisas.

Peguei uma de suas mãos e a olhei nos olhos, na esperança de encontrar uma forma de reverter a situação.

— Não, Laura, ninguém vai ficar sobrando. O espaço que você conquistou é seu e ninguém tira. — Engoli em seco. — Eu preciso de você!

Laura recolheu sua mão bruscamente.

— O que está dizendo, Marcos? Você não precisa mais de mim e sabe disso.

— Não estou dizendo que preciso de você como enfermeira. Preciso de você como...

— Chega, Marcos! Não quero que alimente uma dependência em relação a mim. Em relação a pessoa alguma, na verdade — disse com voz embargada. — Você não precisa de ninguém para poder seguir em frente.

Laura caminhou até a saída com os olhos marejados e, antes de fechar a porta atrás de si, virou-se para mim e esboçou um sorriso.

— Adeus! — disse simplesmente e se foi.



Quando cheguei em casa subi direto para o meu quarto e tranquei a porta. Joguei a bolsa de lado e me pus a andar de um lado para o outro, tentando conter as lágrimas. E o mais importante: descobrir por qual motivo eu estava prestes a chorar.

— Filha, está tudo bem? — perguntou mamãe batendo na porta.

— Sim, mãe, tudo bem. Só quero ficar um pouco sozinha — respondi.

Não conseguia entender o que estava acontecendo comigo. Tinha algo errado, fora do lugar, mas o quê? Por que despedir-me do Marcos foi tão dolorido? E por que não encontrava respostas para as minhas perguntas?

Junto a tantos questionamentos vieram as lágrimas e com as lágrimas um aperto no peito. Sentei-me no chão, rendida, olhando para o nada e

tentando esvaziar minha cabeça, mas sem sucesso. Voltei minha atenção para o criado-mudo ao lado da minha cama e lá estava minha bíblia. Corri para pegá-la. Acomodei-me na cama e abri a bíblia sem procurar um livro específico ou nada do tipo, queria apenas que Deus falasse comigo, ansiava por uma palavra de consolo, um alento para o meu coração. Então me deparei com o seguinte versículo:

“Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás.”
(Salmos 50:15).

As lágrimas brotaram copiosamente. Eu não vinha colocando Deus em primeiro lugar na minha vida, e essa simples constatação doeu demais. Sim, agora estava tudo tão claro! Eu vinha deixando Ele em segundo plano; recorri a tudo, menos a Ele, conversei com todos, menos com Ele. Desde quando tem sido assim? Em que momento desci do colo do Pai para andar com minhas próprias pernas? E a consequência desse meu afastamento era o mar de confusões no qual minha cabeça estava afundando.

De repente, me veio na memória uma das frases que Davi costumava falar. Ele dizia que a oração é a arma do cristão.

Davi tinha o dom de falar as coisas certas nos momentos certos. O seu relacionamento com Deus era incrível! Dos jovens da igreja, ele era o mais engajado nas obras, estava sempre presente nos cultos e nas orações, e quando tinha evento era o primeiro a se voluntariar para ajudar no que fosse preciso. Não que ele fosse fanático ou qualquer coisa desse tipo, ele apenas sentia prazer em ajudar. Para Davi, falar de Deus era tão natural quanto respirar. Sempre admirei seu empenho e tentava ser igual, agir da mesma forma. Davi foi uma bênção que Deus me concedeu e serei grata a Ele até o último dia da minha vida por isso.

Naquele momento, tudo que queria era que ele estivesse comigo outra vez. Seu abraço sempre me acalmava e achava uma solução para tudo. A saudade de Davi me fez chorar ainda mais.

Estava na hora de reatar meu relacionamento com Deus. Desci da cama, ajoelhei-me e fechei os olhos. Entre as lágrimas e os soluços, fiz minha oração, conversei com Ele e entreguei minha vida em Suas mãos. Aos poucos a turbulência que habitava em mim foi se acalmando, uma paz tomou conta do meu coração e eu não sentia mais um desespero por respostas ou soluções, porque sabia que se eu entregasse o meu caminho ao meu Deus e nEle confiasse, tudo o mais Ele faria!

Era muito bom ouvir a voz de Deus! E era ainda melhor saber que Ele

me amava e não iria me desamparar, e por mais que eu estivesse longe dos seus caminhos, se eu clamasse por seu nome com fé e sinceridade, Ele sempre viria ao meu socorro.

Depois da alma renovada e o coração leve, tomei um banho e fui até a cozinha comer alguma coisa. Encontrei minha mãe na sala, que me acompanhou com os olhos, sem dizer nada. Na volta, sentei no sofá ao seu lado e encostei minha cabeça e seu ombro.

— Quer conversar? — perguntou.

— Não.

Mamãe riu, colocou uma almofada em seu colo e sinalizou para que eu deitasse minha cabeça ali. Não resisti e logo ela começou a afagar meus cabelos. Colo de mãe é a melhor coisa do mundo!

— O que está te incomodando, filha? Tem estado diferente ultimamente; distante.

— Para falar a verdade, eu não sei, mãe. Eu tenho me sentido estranha esses últimos dias, mas não sei o que está acontecendo.

— Tem relação com o Davi? — perguntou hesitante.

— Talvez — respondi após pensar por alguns segundos.

— E como foi hoje na casa do Marcos?

— Foi... estranho!

— O que aconteceu?

— Nada de mais, eu só me despedi dele — disse entristecida. — Eu não queria fazer isso, mas tive que fazer. Entende?

— Sinceramente, não entendo — respondeu franzindo o cenho. — De dez assuntos que você fala, nove envolve o Marcos. Esse rapaz tem grande importância para você e não vejo motivo para uma despedida.

— Eu sinto que, talvez, ele esteja confundindo as coisas.

— Como assim?

— Marcos tem um histórico de Codependência — comecei a explicar. — Ele fica dizendo que precisa de mim, como se minha presença fosse essencial para a existência dele. Mas eu não desejo que ele volte a nutrir esse tipo de dependência, principalmente em relação a mim.

Ficamos em silêncio por um tempo.

— E você acredita que se afastar é a única solução?

Permiti-me sentir o peso das palavras que acabei de ouvir.

— Sim, é isso. — Levantei-me e a encarei. — Eu sei que estou fazendo a coisa certa, mãe, mas por que não consigo me sentir melhor?

Mamãe afagou meu rosto e deu-me um beijo na testa.

— Algumas situações são como um espelho manchado, filha — disse antes de se levantar. — Acreditamos no reflexo que vemos, mas há manchas que te impedem de ver as coisas como elas realmente são.

Ela saiu e me deixou na sala digerindo suas palavras, tentando ler nas entrelinhas o que realmente quis me dizer.



Eram sete da noite e eu estava no quarto tentando colocar a leitura em dia quando mamãe bate na porta.

— Laura, você tem visita.

Não pude acreditar, na melhor parte do livro!

— Não quero ver ninguém, mãe, diz que eu estou dormindo.

— Mas é alguém bem insistente, filha, e acho que não vai sair daqui enquanto não falar com você.

— Por Deus, quem é tão inconveniente?

Levantei-me, preguiçosa, para receber minha visita fora de hora e quando abri a porta do meu quarto dei de cara com os intensos olhos verdes de Marcos. Estarrecida, fiquei ali parada como uma estátua de sal, sem saber o que fazer. Aquilo estava mesmo acontecendo ou era um delírio? A prova de que tudo era real foi o toque de Marcos no meu ombro.

— Você está bem, Laura?

— O que está fazendo aqui? Como sabe onde eu moro? Como chegou aqui? — perguntei atordoada.

— Será que a gente pode conversar? Prometo responder a todas essas perguntas — respondeu com um sorriso.

— Vou deixá-los conversar, fique à vontade, Marcos!

Nem havia percebido que minha mãe ainda estava ali, tamanha era minha falta de reação.

— Muito obrigado, a senhora é muito gentil — agradeceu.

Minha mãe sorriu e saiu. Quando vi que ela tinha descido totalmente as escadas, virei-me para Marcos e retomei o interrogatório.

— O que você quer, Marcos? Já falamos tudo o que tínhamos para falar hoje pela manhã. E como descobriu onde eu moro?

— Laura, você falou tudo hoje de manhã, eu não tive a chance de dizer nada. — Ele foi bastante incisivo em sua sentença. — Posso entrar para podermos conversar e te explicar como cheguei até aqui?

Tinha algo diferente nele, nunca o tinha visto tão seguro de si. Sai da frente da porta para que ele pudesse entrar e, ao passar por mim, deixou no ar a fragrância marcante e amadeirada do seu perfume. Admirei-o por um instante. Usava uma calça *jeans* e uma camisa preta de mangas longas, o cabelo estava penteado para trás e a barba foi feita. De fato, um colírio para os olhos!

Balancei a cabeça para espantar tal pensamento e indiquei a cadeira que estava na escrivaninha para se sentar, enquanto eu me sentei na cama, de frente para ele.

— Então, estou ouvindo — disse sucinta.

— Bom, liguei para você, mas seu celular estava desligado — começou ele. — E como não tinha outra forma de me comunicar com você, fui até o hospital, falei com a Rebeca e ela me deu seu endereço.

— A Rebeca fez o quê? — perguntei indignada. — Por que todo esse trabalho para falar comigo? O que quer tanto me dizer?

— Vim pedir que reconsidere a sua decisão de se afastar de nós. Minha mãe e Clarinha te adoram, Laura, não será justo com elas esse seu afastamento. Quanto a mim. Eu não me sinto bem ficando longe de você, tanto que estou aqui agora.

— Eu gosto muito de todos vocês, Marcos — falei com um sorriso. — Mas há algo que me impede de continuar a me relacionar com você.

— O que é, Laura? — perguntou suplicante. — Diga e eu tentarei solucionar o problema, eliminar esse incômodo.

Mordi o lábio inferior, apreensiva, e respirei fundo, mas antes que eu respondesse, Marcos segurou minhas mãos, beijou-as carinhosamente e disse olhando em meus olhos.

— Não precisa falar nada, se não quiser. Não vim aqui te pressionar.

— Ana me contou como era a sua relação com a Emilly e temo que, talvez, você esteja desenvolvendo uma dependência excessiva em relação a mim, e eu não quero isso — falei com calma. — Esse tipo de relação causa muito sofrimento, e você não acha que já sofreu o bastante por uma vida inteira?

— Eu fico muito lisonjeado com a sua verdadeira preocupação com meu bem-estar — disse com os olhos brilhantes. — Sabe, eu tenho

conversado com o doutor Lúcio sobre esse assunto. Eu também não desejo mais ser um ser dependente de outro e estou aprendendo que cada pessoa, apesar de ter sido feita para viver em sociedade, é um indivíduo diferente e pensa por si mesmo.

— Que bom, Marcos! — Sorri ao saber do seu progresso. — Fico muito feliz que suas consultas estão surtindo o efeito desejado.

— Sim, eu também estou feliz por isso! — Ele me lançou um sorriso de lado que fez algo dentro de mim derreter. — Eu refleti sobre o que você falou antes de sair da minha casa hoje mais cedo e cheguei à conclusão que a relação que tenho com você não é do tipo parasita, que faz mal.

— Você não pode saber com certeza ainda.

— Sim, eu sei. Na verdade, eu sinto, bem aqui. — Ele levou a mão ao peito esquerdo. Algo na forma como Marcos falou, com tanta convicção, fez meu coração saltitar. — É forte, Laura. Não consigo evitar sentir, mas é algo bom, disso eu tenho certeza.

— E o que é? — perguntei de maneira quase inaudível, incerta se realmente queria saber da resposta.

— Eu não sei — respondeu com um leve balançar de cabeça, mas nunca desviava os olhos dos meus. — Pensei que talvez pudesse me ajudar com isso também.

Meu coração saíria da caixa torácica, de tanto que pulava. As palavras de Marcos causaram um efeito estranho sobre mim e isso começou a me preocupar.

— Marcos, eu não posso...

— Por que não? Dê-me um motivo incontestável e então irei embora para sempre. — Ele manteve o olhar sobre o meu e sua expressão se tornou séria.

Encarei Marcos, ofegante e com a garganta seca. Sentia que minha cabeça iria explodir, aquela situação estava acabando comigo, precisava decidir o que fazer e rápido. Marcos ergueu uma sobrancelha, estranhando a minha demora em responder.

— Tudo bem, Marcos. Não vou mais me afastar, eu juro!

Ele levantou sorridente e abraçou-me. Absorvi aquele perfume, como se fosse meu oxigênio. Há tempos não recebia um abraço tão aconchegante e protetor, era como se aqueles braços fossem feitos sob medida para me envolver.

— Ainda bem que reconsiderou, porque tenho algo para contar —

Marcos disse ainda me abraçando.

— O que é? Me conta! — Afastei-me e perguntei curiosa.

Voltamos a nos sentar e sorri ao perceber que todo aquele clima tenso se dissipou em um abraço e tudo voltava ao normal, como éramos no hospital.

— Eu me lembrei de mais coisas ontem — começou a contar. — Coisas referente à Emilly.

— Ah! Interessante — disse pouco entusiasmada. — Continue, conte suas lembranças.

Fingi um interesse imenso pelo assunto, mas, na realidade, nada que tinha relação com aquela ruiva arrogante me interessava. Mas como Marcos era meu amigo e estava animado por conseguir lembrar de mais alguma coisa, eu o escutei sem interrupções. Ele contou da viagem pela Europa que fez com ela e do quanto foi incrível e mais uma porção de informações nada relevantes, das quais eu só absorvia o básico para me manter um pouco atenta. Mas logo despertei completamente quando ele falou que estava pensando em dar uma segunda chance a Emilly.

— Espera! O quê? — perguntei de súbito.

— Por que, você não aprova?

— Não que eu tenha algo a ver com sua vida — tentei me esquivar da pergunta —, mas sua mãe não aprova, não é? Ela sabe o que diz.

— É verdade, ela não concorda. Mas nas minhas lembranças éramos tão felizes e passamos tanto tempo juntos que talvez algo de bom entre nós dois pudesse ser salvo. — Forçou um sorriso que não me convenceu. — O que você acha? Estou certo ao fazer isso?

— Marcos, você faz o que achar melhor — respondi evasiva. — A vida que irá construir a partir de agora depende unicamente de você. Só peço que pense bem e pondere as consequências antes de tomar qualquer decisão.

— Tudo bem, eu vou pensar bastante, pode deixar.

— Faça isso. — Coloquei a mão em seu joelho, como forma de apoio. — E não se preocupe, você vai se sair bem!

Ele deu um sorriso sincero e se levantou.

— Preciso ir, mamãe deve estar preocupada.

— Te levo até a porta.

Descemos as escadas em silêncio e ao chegar à sala, encontrei meus pais em pé ao lado da porta. Eu podia jurar que eles estavam discutindo, mas não falei nada até Marcos sair. Ele despediu-se de mamãe com um abraço e

um aperto de mão em meu pai. Ao fechar a porta atrás de Marcos, voltei-me para meus pais.

— Que caras são essas? Aconteceu alguma coisa?

— Eu que pergunto o que está acontecendo aqui — disse meu pai alterado. — Quem é esse rapaz e o que fazia no seu quarto?

Dei um suspiro e pus as mãos na cintura.

— Pai, o Marcos é meu amigo e a gente só estava conversando.

— Não podia conversar na sala, onde sua mãe podia ver vocês?

— Pai, eu não sou mais criança, não estava fazendo nada de errado.

— Dei-lhe um beijo no rosto e completei: — Não fica vendo coisas onde não tem, Ok?

Voltei para o meu quarto, exausta e com a cabeça fervendo com tantos acontecimentos. Eu nutria fortes esperanças de que as coisas estavam sob controle, mas ao mesmo tempo tinha a leve impressão de que aquela história ainda não havia acabado. Apesar do pensamento negativo, por hora eu queria apenas que o dia acabasse. Apaguei as luzes e me joguei na cama. O sono logo veio, mas não adormeci antes de lembrar do cheiro delicioso do Marcos.



Quando cheguei em frente à casa de Laura, encontrei dona Ângela cuidando do pequeno jardim e conversamos um pouco enquanto a senhorita atrasadinha terminava de se arrumar.

— Se apresse, Laura! — Dona Ângela entrou em casa e gritou do pé da escada, enquanto eu aguardava na varanda. — Marcos não tem o dia todo.

Na verdade, eu tinha, sim, o dia inteiro para passar com ela.

Laura desceu as escadas apressada e logo chegou onde eu estava. Ela não vestia nada de mais naquela ocasião — apenas calça jeans, sapatilha e blusa florida —, mas mesmo usando o básico ela era estonteante. O que mais chamou minha atenção foi o sorriso que surgiu em seu rosto ao me ver.

Impossível não sorrir de volta.

Laura se despediu da mãe e começou a ir em direção à garagem, mas eu a atalhei.

— Não vamos no seu carro hoje — falei, enquanto a levava de volta para a frente da casa.

— Como assim? Por quê? — Ela resistia em me acompanhar.

— Porque vamos no *meu* carro. — Apontei para o *sedan* preto estacionado do outro lado da rua.

Ela me olhou com incredulidade, mas quando me viu atravessar a rua e entrar no veículo tomando o lugar do motorista, a expressão dela mudou de incredulidade para assombro.

— De jeito nenhum, eu não vou entrar aí com você — falou assustada.

— Que foi, está com medo? — provoqueei-a.

— Claro que não! É cuidado, apenas — respondeu com os braços cruzados em frente ao corpo. — Quem, em sã consciência, sairia com você dirigindo?

— Você, é claro — falei dando risada. — Vamos, entra logo! Eu preciso de apoio moral e você é a pessoa perfeita para isso.

Nas últimas semanas, eu havia feito aulas de direção para reaprender a dirigir, não dava mais para ficar dependendo apenas da minha mãe ou de táxi. Era preciso pôr em prática as lições que eu recebia, mas ninguém aceitava sair comigo; nem minha própria mãe. Minha última esperança era a Laura, ainda que não estivesse muito confiante nas minhas habilidades. Mesmo temerosa, ela entrou no carro e pôs o cinto.

— Para onde vamos? — perguntou curiosa.

— Ao cinema — respondi com um sorriso.

— Tudo bem! Mas antes de irmos, me deixa fazer uma oração e pedir que Deus nos proteja. — Ela fechou os olhos por alguns instantes. — Pronto, podemos ir.

As atitudes de Laura eram incomuns, ninguém do meu ciclo de amizade ou familiares agiam como ela. Não que isso fosse ruim, muito pelo contrário, eu admirava muito sua forma de encarar a vida.

Depois da conversa que tivemos quando fui à sua casa, nossa relação ficou mais leve. Na última semana, nos vimos todos os dias, fomos à praia, ao cinema, ao teatro, andamos — e caímos — de patins, fizemos um passeio de bicicleta e, por fim, um piquenique. A Clara estava sempre conosco, não

desgrudava um segundo sequer da Laura, conversando e cochichando quando eu não estava olhando. A amizade das duas evoluiu bastante nesse curto espaço de tempo. E a nossa também, é claro. Ela me contou um pouco da sua história, mas quando o assunto envolvia o Davi, ela desconversava. Também não insisti, sabia que ela falaria quando estivesse pronta.

Gostei muito da dona Ângela, uma senhora muito gentil e simpática que não dispensava uma boa conversa. Notei incríveis semelhanças entre as duas, não só na aparência, mas na forma de falar e agir e a mesma forma de ver o mundo. Já o pai, apesar de só tê-lo visto uma vez e mal termos trocado duas palavras, soube que não gostou muito de mim.

No tempo livre que eu tinha, quando não estava com Laura, ia à academia ou saía com meus amigos da banda. Voltei ao sítio dos avós do Pedro, numa cidadezinha do interior onde passamos o fim de semana. Após alguns dias de descanso, papai achou que já estava na hora de me contar que eu tinha uma sociedade com dois colegas da época da faculdade de arquitetura. Fomos até o escritório no centro da cidade e conversei com meus sócios, que me trataram muito bem e disseram para eu não me preocupar, pois cuidariam de tudo enquanto eu me recuperava totalmente.

Minha vida antes do acidente era um turbilhão e tinha pouco tempo para a minha família ou para mim mesmo. Tudo se resumia ao trabalho, à banda e à Emilly.

Quando eu já estava totalmente confortável em relação aos meus amigos, arrisquei perguntar como era meu relacionamento com ela. Pedro me relatou que nosso namoro era turbulento, brigávamos dia e noite, mas logo fazíamos as pazes. Mamãe dizia que ela nunca me amou e só estava comigo por interesse, porém não estava totalmente convencido daquilo. Meu pai falou que Emilly e eu frequentamos muitas festas e por isso eu não cumpria os horários dos meus compromissos. Já a Clarinha não gosta nem de ouvir falar o nome Emilly.

Após colher tantas informações a meu respeito, pude fazer uma avaliação de como eu queria que a minha vida fosse daquele momento em diante. Não pretendia mais cometer os mesmos erros, faria tudo certo, da forma mais saudável possível e que deixasse a todos felizes e satisfeitos, inclusive a mim mesmo.

Deixei meus pensamentos de lado e olhei para Laura, que parecia estar mais relaxada. Ela sorriu para mim e em seguida suspirou.

— E a Emilly? — perguntou como quem não quer nada.

— O que tem ela? — Tentei esconder o sorriso.

— Vocês reataram o namoro? — disse olhando pela janela.

— Não. Saí com ela duas vezes e apenas conversamos. Ela entendeu que eu não estou bem o suficiente para resolver nossa situação.

Laura apenas balançou a cabeça e permanecemos calados até chegarmos ao cinema.

— Eu escolho o filme. — Ela se ofereceu.

— Nem pensar! Da última vez, você escolheu um filme melodramático demais. Hoje, eu escolho.

— Que mentira, Marcos! — Virou-se para mim e colocou as mãos na cintura. — Aquele filme era um romance e não melodrama.

— Como não? O protagonista morre e deixa a mulher grávida e desamparada. Isso não é melodrama? Hoje vamos ver um filme de ação.

— Não gosto de filme de ação. Vamos ver este! — Apontou para um cartaz com um casal em um beijo apaixonado. — Li o livro em que foi inspirado e é muito bom.

— Nada de romance, dona Laura. E fim de papo!

Me dirigi ao caixa para comprar os ingressos e ela ficou me encarando com cara de poucos amigos. Àquela altura eu já sabia que Laura detestava ser contrariada. Parecia impossível, mas Laura ficava ainda mais linda quando estava com raiva.

Compramos as pipocas, os refrigerantes e fomos para a sala, que estava quase vazia.

— O filme é de ação? — ela quis saber quando nos sentamos.

— Não. Você falou que não gosta, então não o escolhi.

— Então é o romance? — perguntou com um largo sorriso.

— Também não, porque eu não gosto. Optei pelo filme de terror.

— Você não fez isso. — Seus olhos arregalados me encararam com incredulidade.

— O que foi, você tem medo?

— Claro que não, não seja ridículo! Eu só...

Antes de Laura terminar de falar, as luzes se apagaram e uma risada assustadora ecoou pela sala, fazendo ela agarrar no meu braço com toda a força que ela pôde usar.

— Não tem medo, não é? Acredito! — Eu soltei uma gargalhada.

Ela deu um tapa em meu braço e resmungou alguma coisa que não consegui entender, pois o filme já estava começando. Como uma criancinha

assustada, Laura mantinha os olhos fechados para não ver as cenas de susto. Quando não dava tempo de ela cobrir os olhos, se assustava, soltava um gritinho e escondia o rosto em meu ombro. Evitei sorrir, porque sempre que ria da reação dela, eu ganhava um tapa no braço.

Na metade da sessão, um rapaz que estava sentado à direita de Laura, catou seu saco de pipoca e o copo de refrigerante, levantou-se dizendo que mudaria de lugar e pediu licença para passar pela nossa frente no estreito corredor entre as poltronas. Mas o jovem não esperou que ela recolhesse as pernas, que estavam esticadas e tomavam conta de quase todo o espaço do minúsculo corredor, e tropeçou nelas, projetando-se para frente e, acidentalmente, virou o copo de bebida no meu rosto. Cômico, se não fosse trágico.

O jovem desastrado desculpou-se incessantemente, mesmo eu dizendo para não se preocupar, pois acidentes aconteciam. O rapaz afastou-se de nós, visivelmente envergonhado. Laura já não conseguia mais conter o riso e cobriu a boca com a mão, para impedir que sua risada ressoasse pelo ambiente e atrapalhasse as demais pessoas da sala. Encharcado de refrigerante, lancei um olhar repreensivo para ela, que se controlou e decidiu fazer algo para amenizar aquela situação. Abriu a bolsa e tirou um lenço de dentro dela.

— Vem aqui, deixa eu limpar o seu rosto — pediu e eu me aproximei mais da sua poltrona.

Laura começou a passar o lenço pela testa, depois limpou a região dos olhos, passando para o nariz e bochechas, descendo em seguida para o queixo. Notei que seus olhos acompanhavam, compenetrados, os movimentos do lenço, como se estivesse desenhando o meu rosto em sua memória. Ela subiu um pouco o lenço e o passou delicadamente em meus lábios. Não conseguia parar de olhá-la, sua expressão séria e avaliativa. Admirei sua bela face tanto tempo quanto pude até perceber que nossos rostos estavam demasiadamente perto um do outro, tanto que podia sentir sua respiração quente e forte.

Como se despertasse de um transe, Laura retirou a mão do meu rosto e se afastou. Seus olhos encontraram os meus e neles eu vi culpa. Não era necessário que ela dissesse, mas eu sabia que, naquele momento, pensou em Davi.

— É melhor você ir lavar o rosto — ela falou desviando o olhar para as mãos em seu colo.

— Tem razão! Eu já volto.

Quando cheguei ao banheiro fui até a primeira pia que vi e lavei o rosto que estava pegajoso por causa do açúcar do refrigerante. Desliguei a torneira e olhei para frente, para o espelho e encarei meu reflexo. Meus pensamentos vagaram de volta para os instantes em que Laura ficou tão próxima de mim, mas logo fechei os olhos, me recriminando por ter permitido aquela aproximação. O que ela pensaria a esse respeito?

Minha cabeça começou a criar mil e uma possibilidades do que poderia acontecer após aqueles instantes em que estivemos tão perto um do outro. Muita coisa poderia mudar. Porém, havia chances de tudo permanecer como estava, e era para isso que eu torcia.

Já tinham se passado vários minutos que eu estava no banheiro perdido em suposições quando eu recordei que Laura estava sozinha assistindo a um filme de terror. Voltei correndo para a sala e a encontrei admirando o conteúdo do seu recipiente de pipoca. Sentei no mesmo lugar de antes e a ouvi soltar um suspiro de alívio. Passamos o restante do filme em silêncio, o que fez minha esperança de que tudo estava como antes morrer um pouquinho.

Assim que saímos da sala de cinema, Laura disparou uma sequência de tapinhas em meu ombro e braço.

— Não acredito que me obrigou a assistir esse filme horrendo — falou fingindo estar com raiva.

— Você não foi obrigada a nada, fez tudo por livre e espontânea vontade — respondi dando risada, feliz pelo clima não ter ficado chato ou algo do tipo. — E a melhor parte foram os gritinhos que você deu.

Laura fez uma expressão furiosa e veio em minha direção com fortes intenções de me punir pelo que acabara de dizer, mas eu fui mais rápido e corri. Para a minha surpresa, ela correu atrás de mim. As pessoas pararam para olhar nós dois, correndo nos corredores do *shopping*, como duas crianças brincando de pique-pegas. Não consegui conter o sorriso ao reparar na cena ridícula que estávamos fazendo, então me virei e corri de encontro a Laura, pegando-a no colo e indo em direção ao elevador.

— Me põe no chão, Marcos! Todo mundo está olhando.

— Pois que olhem — falei olhando em volta. — Nunca viram pessoas felizes como nós?

— Ai, meu Deus! Você é louco? — disse escondendo o rosto com as mãos.

Ao entrarmos no elevador, coloquei Laura de chão, que começou a rir compulsivamente, como no dia em que viu as fotos de quando eu era criança. Não resisti e também caí na gargalhada. Os risos foram cessando aos poucos e depois ficamos apenas nos olhando. Eu não sabia se ela falaria do incidente na sala de cinema ou se estava esperando que eu tocasse no assunto. Preferi não pensar mais nisso e afastei qualquer pensamento que estragasse o momento bom que estávamos tendo. Aproximei-me um pouco mais dela e peguei uma de suas mãos.

— Eu me diverti muito!

— À custa dos meus gritos de susto, é claro. — Ela me lançou um olhar irônico e depois sorriu. — Mas eu também me diverti.

— Poderíamos repetir o dia de hoje mais vezes, não acha?

De repente, o elevador parou e a porta se abriu. Laura retirou sua mão da minha e suspirou pesadamente.

— Precisamos ir, volto para o trabalho hoje.



Deixei-a em casa e segui para a academia. No percurso, perdi-me em lembranças. *Flashes* do seu rosto tão próximo ao meu, o cheiro do seu perfume que ficou em minha blusa quando a peguei no colo, o som da sua risada. Eu não poderia mais negar que Laura mexia comigo, mas não desejava estragar nossa amizade, que era bonita e sincera. O que mais me incomodava em toda essa história era não saber se conseguiria sufocar tantas sensações dentro de mim.

Porque, quando a via, os dias ficavam mais radiantes. Quando estava com ela, meu coração palpitava descompassado, sentia uma felicidade súbita e uma vontade enorme de congelar o tempo para que os segundos ao seu lado fossem eternos. E nos dias em que não havia a presença de Laura, tudo ficava cinza, sem cor, sem vida.

Eu tinha que fazer algo a respeito. Mas o quê?



Um ano.

Fazia exatamente um ano ele tinha morrido.

As lembranças daquele fatídico dia eram tão fortes que eu tinha a sensação de estar vivendo tudo outra vez, o meu dia não poderia ser mais doloroso. Pedi folga no hospital, pois não conseguiria trabalhar no estado em que estava: abalada emocionalmente. O melhor a se fazer seria ficar no meu quarto, sem ver ou falar com ninguém e chorar a minha dor, que ainda era grande mesmo depois de tanto tempo.

De repente, meu celular tocou. Era uma ligação do Marcos, mas recusei a ligação. Havia feito a mesma coisa nas últimas cinco vezes em que ele me ligou.

Se tratava de um dia triste e não queria saber de ninguém.



Houve duas batidas leves na porta do meu quarto. Eu não me movi um milímetro sequer de onde eu estava, anestesiada, alheia a tudo e qualquer coisa a não ser minha dor. Ouvi mais uma batida.

— Eu não quero nada, mãe — falei o mais alto que pude, para que ela pudesse me ouvir. A porta se abriu e tomei um susto ao ver que era Marcos. — O que está fazendo aqui?

— Você não atendeu minhas ligações, então vim ver o que aconteceu — respondeu cauteloso.

— Vai embora, Marcos, hoje não é um bom dia.

— Eu sei. Estou aqui para te dar uma força — disse condescendente.

Não respondi. Ele fechou a porta atrás de si e se encaminhou até minha cama, sentando em seguida perto de mim. Não o queria ali, eu estava um lixo! Chorava desde a madrugada e não tinha nem mesmo penteado os cabelos. Que imagem ele teria de mim depois disso? Sem contar que na minha cama havia mil coisas espalhadas: fotos, cartas, presentes que ganhei de Davi. Estava tudo guardado em uma caixa no fundo do meu armário. Cada objeto daqueles me fazia reviver momentos inesquecíveis que tive com o grande amor da minha vida, que não estava mais comigo.

Endireitei-me na cama, de modo a ficar de frente para Marcos. Eu queria dizer que não precisava de sua ajuda e mandá-lo embora. Mas não consegui. A única coisa que fiz foi me jogar nos braços dele e chorar como uma criança. Marcos me envolveu num abraço caloroso e acariciou minha cabeça. Pelos longos minutos que ficamos assim, ele se manteve em silêncio, até eu me recompor e voltar a me sentar. Senti-me envergonhada por tal manifestação exagerada de emoções; talvez ele pensasse que eu era uma louca desesperada, mas, ao encará-lo, o que vi em seus olhos foi tristeza, como se estivesse sofrendo junto comigo.

— Laura, eu sinto muito! — Marcos enxugou uma lágrima do meu rosto e segurou uma de minhas mãos. — De verdade, não suporto te ver sofrendo assim. Tem alguma coisa que eu possa fazer por você?

Balancei a cabeça em negativa antes de conseguir falar.

— Você não precisa estar aqui, mas só o fato de estar já é o suficiente.

Marcos me olhou por um tempo antes de desviar o olhar para a bagunça em minha cama e pegar uma fotografia. Analisou-a por um instante e sorriu.

— Vocês estavam tão felizes nesta foto!

— Sim, nós estávamos. — Sorri de volta. — Tiramos essa foto no dia em que recebemos a notícia que um doador de medula compatível havia sido encontrado. Decidimos comemorar e fizemos a maior festa, chamamos todos os nossos amigos e no fim do dia todo mundo se jogou na piscina, fazendo a maior bagunça. — Interrompi uma lágrima que caía. — A mãe dele ficou uma fera, nos mandou sair e arrumar tudo. No final da noite estávamos exaustos, mas ninguém quis voltar para casa, então dormimos todos no jardim, em colchonetes, admirando as estrelas.

— É, foi um dia e tanto — ele disse rindo.

— Foi sim! — Forcei um sorriso. — Nesse dia minha fé foi renovada e a minha esperança cresceu como nunca. Naquele momento, na minha cabeça, tudo ficaria bem. Mas não ficou...

— Shhh! Calma, Laura! Não precisa falar se não quiser — Marcos disse me abraçando. — Não quero que chore mais.

— Mas eu preciso, Marcos. — falei um tanto exasperada. — Preciso botar tudo isso para fora ou vou sufocar. É como se eu estivesse submersa, com o peso de uma tonelada me impedindo de emergir.

— Tudo bem, se prefere assim, eu estou aqui para te ouvir. Quer que eu te pegue um copo com água para se acalmar um pouco?

Fiz que sim com a cabeça, então ele saiu e voltou instantes depois. Tomei um gole de água e respirei fundo. Sabia que tinha que fazer isso, o doutor Lúcio havia previsto que isso aconteceria e era fundamental que me livrasse daquele peso que eu carregava sozinha já há tanto tempo. E se Marcos estava disposto a me ajudar, eu não hesitaria mais, seguramente ele era a pessoa certa para isso.

— Há um ano, nesse mesmo horário, eu estava no hospital com o Davi. — Dei início à minha narrativa. — Saí do meu plantão no Helano Hichter e fui direto para o hospital onde ele estava internado, como todos os dias. Naquele dia eu consegui chegar mais cedo que de costume e pude passar mais tempo com ele, antes de sua mãe chegar.

Eu não olhava para Marcos, não suportaria ver qual seria suas reações à medida que ficaria sabendo de toda a dolorida história. Escolhi um ponto

aleatório do quarto e fixei meu olhar ali, permitindo-me perder em lembranças.



Eu estava na cama junto com ele, deitada em seu peito, ouvindo seus batimentos fracos e sua respiração irregular. Já não era mais tão corpulento como antes e não tinha mais os cabelos loiros que eu amava acariciar, mas ainda era ele ali, o mesmo cheiro, o mesmo sorriso e a mesma fé, senão maior, e isso era o que importava. Ele estava bastante cansado e por isso não conversamos muito, ficamos abraçados, absorvendo a presença um do outro.

— Amor, vá para casa descansar — disse Davi quando sua mãe chegou. Sua voz não passava de um sussurro.

Levantei-me e, antes de sair, ele me puxou para perto dele.

— Eu tenho orgulho da mulher maravilhosa que você se tornou. Eu te amo muito!

— Eu também te amo e sempre vou amar!

Dei-lhe um beijo terno nos lábios, apreciei um pouco mais o seu rosto e fui embora.

Quando estacionei o carro em frente à minha casa, vi meus pais esperando por mim na porta. Não havia nada de anormal naquilo, exceto o fato de papai ainda não ter saído para o trabalho. Ao me aproximar deles, notei que algo estava errado, pois minha mãe estava chorando. Perguntei a ela o que estava acontecendo, mas não me respondeu. Olhei para meu pai, que me conduziu para dentro de casa e me forçou a sentar.

— Eu não quero me sentar, quero saber o que está acontecendo, estou ficando angustiada — falei, já nervosa.

— Filha — começou meu pai —, a notícia que temos para dar é muito difícil de dizer.

— O que tem de tão difícil? Apenas fale!

Papai engoliu em seco, mirou bem nos meus olhos e disse:

— O Davi faleceu.

Após ouvir aquelas palavras senti o chão sumir debaixo dos meus pés, o mundo a minha volta começou a girar e tudo ficou embaçado. Me veio

uma incrível ânsia de vômito, mas ao mesmo tempo minha garganta estava com um nó imenso que me sufocava. Ouvi alguém chamando meu nome ao longe e cada vez mais longe, até que a escuridão me consumiu.

Acordei totalmente desnorteada. Estava no meu quarto, deitada na minha cama e sozinha, então supus que tudo não tinha passado de um terrível pesadelo. Levantei e corri para a sala, onde encontrei meus pais e mais uma dúzia de pessoas, todas com as mesmas características: olhos vermelhos, rostos abatidos e lenços nas mãos. Todos olharam para mim quando entrei no recinto. Analisei cada rosto daquele cômodo, procurando alguma evidência de que aquilo não era real, que era tudo mentira. Mas tudo que vi foi dor, tristeza e pena nos olhos daquelas pessoas. Mamãe veio ao meu encontro e me abraçou chorando.

— Eu sinto muito, querida!

Afastei-a bruscamente de mim.

— Sente pelo quê? — gritei. — Tudo isso não passa de uma mentira, uma brincadeira de mau gosto. Eu acabei de vir de lá. Eu estava com Davi, ele falou comigo. Como vocês vêm me dizer que ele está morto?

— Filha, acalme-se, por favor!

— Eu não vou me acalmar! — gritei ainda mais alto. — Eu vou voltar para lá agora mesmo e acabar com essa palhaçada.

Saí desesperada rumo à porta e, assim que a abri, vi os pais do Davi vindo em minha direção, arrasados. Só então comecei a acreditar que era verdade. Caí de joelhos ali mesmo, com as lágrimas rolando pelo rosto e um grito preso na garganta.

Após isso, todos os acontecimentos eram apenas flashes, pois tive que ser sedada várias vezes devido o meu descontrole emocional. Quando o efeito da sedação passava, era como se eu estivesse no pé de uma montanha e uma avalanche caísse em cima de mim, não conseguia me controlar, chorava e gritava o nome dele na esperança de ser ouvida. No dia do enterro dele, eu não pude ir porque estava sob efeito de medicamentos que me faziam dormir por horas a fio. Passados dois dias não me medicaram mais, mas em compensação eu me confinei no meu quarto, sem comer nem dormir, apenas chorando e lembrando.



— Foram os piores dias da minha vida — lamentei com a voz embargada. — A dor que sentia era tão grande, que eu acreditava não suportar e morrer a qualquer momento.

Marcos empertigou-se no seu lugar e me volvei para ele, mas ainda sem realmente vê-lo.

— Mas eu não morri. Em contrapartida, estou há um ano convivendo com essa maldita dor que me consome, que suga minha vida. — Meus olhos ardiam com as lágrimas represadas. — Eu não me despedi dele, Marcos. Não lhe dei um último adeus, nem disse o quanto eu o amava. Eu fui uma covarde, me escondi atrás da minha dor e não encarei a verdade de frente. Eu fui fraca e me deixei levar pelas emoções do momento. Agora tenho que carregar isso comigo para sempre.

— Não fale assim, Laura, você não é covarde nem fraca. É apenas um ser humano com sentimentos. Existem certas coisas que não conseguimos controlar, por mais que a gente tente. Nada disso é culpa sua. Vem cá! — Fui para o seu lado e ele me abraçou forte.

Após alguns minutos de mais choro e Marcos me consolando, ele afastou-se um pouco a fim de ver meu rosto. Não consegui decifrar sua expressão, estava com o pensamento longe e preocupado. Por fim, disse:

— Laura, troque de roupa. Eu volto em poucos minutos.

— Por quê? — perguntei sem entender.

— Vou te levar a um lugar.

— Não quero sair, Marcos. Não percebeu ainda que estou mal? — relutei com veemência.

Mas ele não esperou para ouvir meus protestos, saiu do quarto tão rápido quanto uma rajada de vento. Logo em seguida, minha mãe entrou no quarto e me ajudou a ficar um pouco mais apresentável. Eu sabia que ela tinha conhecimento do que Marcos estava planejando, mas não revelou nada para mim, o que me deixou um pouco nervosa. Não gostava de surpresas, ainda mais em um dia como aquele, que não tinha ânimo para nada.

Coloquei um vestido preto de comprimento até o joelho, busto colado, solto na saia e com mangas rendadas. Prendi o cabelo num coque e calcei uma sapatilha também preta. Mamãe achou que estava muito sem vida, mas era justamente o que o dia representava. Desci até a sala para esperar Marcos, que não demorou a aparecer, e então saímos.

— O que está planejando, Marcos? — perguntei após entrar no carro e colocar o cinto de segurança.

— Laura, eu só estou tentando te ajudar.
— Por que está dizendo isso?
— Porque não sei qual vai ser sua reação quando chegarmos lá.
— Marcos, estou ficando nervosa.
— Não fique, apenas confie em mim. E sem mais perguntas, por favor.

Não trocamos uma única palavra durante todo o caminho. Não estava com raiva dele, de forma alguma. Sabia que tudo o que estava fazendo era para me ajudar, mas eu não conseguia não ficar ansiosa e curiosa para saber o que ele estava tramando. Quarenta minutos mais tarde, Marcos estacionou em frente a um portão grande e imponente. Não reconheci o lugar, então, sem entender, voltei-me para ele, que se virou para o banco de trás e retirou de lá um lindo buquê de rosas brancas, que me entregou junto com um cartão.

— O que significa isso? — perguntei atordoada.

— Entre pelo portão e siga as coordenadas que estão no cartão. Vou ficar esperando aqui, demore o tempo que precisar — disse com alguma tristeza na voz.

Não ousei perguntar mais nada, apenas obedeci.

Fui até o grande portão e entrei. Havia um belo jardim em frente a uma capela religiosa, onde dei a volta e, ao chegar aos fundos da capela, vi uma imensa alameda com árvores frondosas e percebi que ao lado dos canteiros das árvores, tanto à direita como à esquerda, havia túmulos. Vários deles. Então minha ficha caiu: eu estava em um cemitério.

Olhei no cartão, li as indicações contidas nele e segui as instruções. Em pouco tempo encontrei um túmulo no qual estava escrito *Davi Marques de Araújo*. Por isso as rosas brancas! Eram as flores preferidas dele. Ajoelhei-me e coloquei as flores junto a algumas outras, que haviam sido colocadas ali muito recentemente. Passei os dedos sobre o seu nome, como se assim fosse possível sentir que o estava tocando novamente; mas era apenas uma pedra fria e sem vida, e essa nunca seria a imagem que eu teria de Davi.

Parecia ser loucura, idiotice ou qualquer outra coisa do gênero, mas eu senti uma necessidade de falar o que eu estava sentindo. Mesmo sabendo que ele não me ouviria e que nunca iria me responder, eu conversei com aquela pedra gelada à minha frente.

— Eu não sei o que estou fazendo aqui ou porque estou falando com o nada, mas eu sinto que é aqui eu devo estar. Era aqui que eu deveria estar há um ano, para poder me despedir, para te dizer pela última vez que você é o

amor da minha vida. — As lágrimas brotaram novamente. — Eu sei que tudo o que aconteceu foi porque Deus permitiu que acontecesse, e que os planos dEle são maiores que os nossos. Só que nada disso me impede de sentir sua falta todos os dias. Eu tinha tanta coisa para te falar, mas no momento a única coisa que me vem na cabeça é um pedido de desculpa.

Enfraquecida, desabei ao lado da lápide e me permiti sentir aquela agonia, que poderia ser comparado a ter seu coração arrancado do peito a sangue frio.

— Desculpa por não estar segurando tua mão nos últimos momentos. Desculpa por não ter dado um último adeus. E me desculpa por eu ser tão fraca. Eu sempre quis ter a tua força, a tua coragem e confiança, mas nem tudo eu consegui absorver de você. Só quero que saiba que sou grata a Deus por cada segundo que Ele permitiu que eu ficasse ao teu lado, para mim foi uma honra ter vivido com alguém tão abençoado. E obrigada por sempre ter feito o melhor por mim, por nunca me deixar esmorecer e por sempre me dar a força que era preciso para seguir em frente. — Depois de uma sequência de soluços, concluí: — Eu te amo, Davi, e sempre vou amar!

Permaneci no mesmo lugar por algum tempo, em um choro compulsivo, porém, ao mesmo tempo em que doía, sentia um alívio crescer cada vez mais rápido dentro de mim. Enxuguei as lágrimas remanescentes. Levantei e sacudi a saia do vestido para me livrar dos vestígios de terra e grama, então respirei fundo várias vezes até me sentir preparada para ir.

Preparada para um adeus final.

Preparada para erguer a cabeça e mirar o caminho que eu tinha à frente.

— Adeus, Davi! — disse, com o coração um pouco mais leve.



Fazia uma hora que Laura estava lá dentro. Por vezes me perguntava se eu deveria entrar e verificar se ela estava bem, ou se algo havia acontecido, mas prometi esperar no carro e era isso que faria. Aquilo era uma coisa que ela tinha que fazer sozinha, e se eu fosse até lá só iria atrapalhar. Ainda tinha dúvida se fiz a coisa certa. Mas o que mais eu poderia fazer numa situação como aquela? Vendo Laura sofrer de modo tão brutal, leva-la até o cemitério era minha única opção.

E mesmo soando como uma preocupação egoísta, eu estava ansioso para saber se ela estava chateada comigo por agir sem seu consentimento. Entretanto, independentemente de qualquer coisa, minha consciência estava

tranquila, pois tudo o que havia feito foi com a intenção de ajudar. Tudo o que mais desejava era vê-la bem e feliz, mesmo que para isso eu tivesse que me afastar dela.

Minha atenção voltou-se para a porta do carro, por onde Laura entrou. Ela colocou o cinto em silêncio. Seus olhos estavam vermelhos e marejados, as mãos trêmulas e o olhar perdido. Entreguei-lhe um lenço. Perguntei se podíamos ir e ela respondeu que sim apenas com um meneio de cabeça, mantendo seu olhar para além da janela do carro. O silêncio durou todo o caminho de volta, o que me deixou bastante angustiado, e pressenti que ela não me perdoaria pelo que a fiz passar.

Ao chegar em frente à sua casa, saí do carro e dei a volta para abrir a porta para ela, que me agradeceu com um sorriso forçado.

— Obrigada, Marcos. Era disso que eu precisava hoje — ela disse, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

— Não precisa agradecer, só quis te ajudar.

— Eu sei. E me ajudou muito, de verdade. Você é um ótimo amigo!

Amigo. Engoli aquele título em seco e me obriguei aceitar que aquilo era uma coisa boa. Eu sabia que éramos bons amigos, desde o início, mas ainda assim não consegui ficar feliz com aquela declaração. Apesar da tristeza que aquela palavra me causou, ignorei por completo, meus sentimentos não vinham ao caso naquele momento. O que importava era o bem-estar de Laura.

— Vem, é melhor a gente entrar, dona Ângela deve estar preocupada. — Comecei a caminhar para a porta, mas ela me deteve.

— Marcos, agradeço imensamente tudo que tem feito por mim. Mas acho que você já fez muito, não quero ocupar seu tempo. Você tem sua vida e seus compromissos, não quero atrapalhar.

— Para com isso, Laura! — falei olhando em seus olhos. — Eu estou aqui porque escolhi passar o meu tempo contigo. Você não atrapalha em nada, pelo contrário — segurei suas mãos —, com você as coisas fazem mais sentido.

— Não, Marcos, por favor.

— Por favor, digo eu! — Apertei suas mãos contra o meu peito. — Por favor, Laura, me deixa cuidar de você.

Ela me encarou e em seguida olhou para o lado, como se o ambiente a sua volta fosse lhe dar respostas.

— Você me ajuda, eu te ajudo. Lembra?

Seu semblante foi mudando aos poucos e logo era possível ver um tímido sorriso, o que eu interpretei como um ponto para mim.

— Tudo bem, vamos entrar — ela finalmente respondeu

Andamos de mãos dadas em direção à porta, mas quando ela percebeu, soltou de imediato. Entramos e logo vimos dona Ângela vir ao nosso encontro, com uma expressão preocupada.

— Oh, filha! Como foi lá? — perguntou abraçando Laura.

— Doloroso, mãe — a voz de Laura saiu embargada.

Laura contou alguns detalhes enquanto tomava, à força, um suco de laranja. Não entendia como ela ainda estava de pé, já que estava o dia inteiro sem comer. Quando conseguiu que a filha comesse algo, dona Ângela estendeu um envelope a Laura, que ficou lívida assim que o viu.

— O que é isso, mãe? — perguntou com a voz falha.

— Mais uma carta, filha. Ela veio deixar enquanto você estava no cemitério.

— Ela veio aqui? — Laura pôs a mão na boca, tentando conter o choro.

— Disse que depois vem te dar um abraço.

Laura pegou o envelope com cuidado e o prendeu contra o peito, como se fosse algo muito valioso. Dona Ângela olhou a cena com como se já tivesse visto tudo aquilo antes. Eu estava perdido, sem saber o que estava acontecendo. Após breves segundos, Laura avisou que iria para o quarto e me chamou para ir junto.

O quarto fora organizado. A cama estava feita, não havia nenhum objeto espalhado e a janela foi aberta. Com certeza a mãe dela tinha feito aquilo enquanto estávamos fora. Laura foi em direção à caixa com seus pertences, que antes estavam em cima da cama, e após vasculhar por um tempo, tirou de lá mais alguns envelopes. Sentou-se na cama e me convidou para me juntar a ela.

Aconcheguei-me ao seu lado e ela, ainda com os olhos nos envelopes, começou a falar.

— Davi era psicólogo, formou-se um ano antes de mim. Ele sempre gostou de ajudar as pessoas e encontrou uma forma de fazer isso através da psicologia. Com o apoio de alguns colegas e professores, fundou um projeto no qual atendia pessoas de graça, na faculdade onde se formou. Ele se dedicava ao máximo para ajudar, da melhor forma possível, pessoas com todos os tipos de problemas e traumas. Mesmo trabalhando como braço

direito na empresa do pai dele, todos os dias Davi estava na faculdade atendendo seus pacientes.

Laura falava com um sorriso orgulhoso nos lábios. Era evidente a admiração que ela tinha pela pessoa que Davi era. Até aquele momento, tendo a oportunidade de saber um pouco mais sobre o homem que Laura tanto amou, eu começava a nutrir um grande respeito por ele.

— Sem dúvida, foi uma das suas maiores realizações. Davi era bom no que fazia e amava a profissão. Às vezes, eu ficava por horas escutando ele falar dos casos que atendia, de como conseguiu ajudar e de quando o paciente voltava para agradecer. Os olhos dele brilhavam quando o assunto era aquele. Eu nunca havia visto tamanha paixão por aquilo que se faz.

Laura estava com o olhar e o pensamento longe. Não tive a ousadia de interrompê-la, por mais que eu não estivesse entendendo por que ela estava me contando aquilo.

— Nos primeiros dias após a morte do Davi, minha atitude foi me confinar aqui neste quarto, não saía por nada. Mas passados alguns dias, eu simplesmente resolvi sair. Isso seria uma coisa boa, se eu não tivesse enlouquecendo.

— Como assim, enlouquecendo? — interrompi, curioso e confuso ao mesmo tempo.

— Entenda, eu não saí do quarto por estar me sentindo melhor. Eu saí porque, na minha cabeça, nada havia acontecido.

— Eu continuo sem entender, Laura. Como isso é possível?

Ela respirou fundo e ficou com o olhar perdido novamente, como aconteceu quando me contou sobre o dia em que Davi havia morrido. As feições, sempre doces e alegres, davam lugar à angustia e tristeza. Eram as lembranças que a assolavam.



Eu estava dormindo e sonhando com Davi. Não me recordo do conteúdo daquele sonho, mas despertei feliz. Levantei da cama e contatei que já era noite, então me apressei e corri para o banheiro tomar um banho. Em seguida, procurei no armário o meu melhor vestido e arrumei o cabelo como nunca tinha feito antes, ficando satisfeita com a minha imagem que era

refletida no espelho quando terminei de arrumar.

Saí do quando, depois de vários dias reclusa. Desci as escadas com animação, sustentando um sorriso largo, e vi meus pais sentados no sofá, conversando, meio taciturnos. Fui até eles e beijei a face de cada um, sem dizer nada. Logo depois eu fui até a janela e lá fiquei, olhando para fora. Meus pais, assistindo a tudo aquilo sem entender nada, foram até mim.

— Laura, você está bem, querida? — perguntou meu pai preocupado.

— Sim! Só estou esperando — falei sorrindo, sem tirar os olhos da janela.

— Esperando o quê, filha? — quis saber minha mãe.

— O Davi, é claro — respondi como se fosse óbvio. — Ele vem me buscar para irmos à igreja juntos, como todos os domingos.

Meus pais ficaram sem reação. Eles não esperavam por uma situação como aquela e ficaram sem saber o que fazer ou dizer. Eu estava fora da realidade, estava bastante óbvio.

— Filha — mamãe começou a falar com cautela. — São dez horas da noite.

— Não acredito — falei exasperada, finalmente tirando os olhos da janela e olhando para minha mãe. — Como pôde me deixar perder o horário? A senhora sabe que Davi não gosta de perder o culto de domingo.

Papai se colocou à minha frente e colocou as mãos em meus ombros, sacudindo-os um pouco. Em sua face só se via desespero e dor por me ver naquele estado.

— Querida, hoje é quarta-feira. E o Davi não virá mais buscar você, porque ele...

— Ele deve ter ficado chateado, claro — eu falava com tristeza, não suportava a ideia de ter meu noivo aborrecido comigo. — Preciso ligar para ele e me desculpar.

Minha mãe começou a chorar. Papai passou as mãos pelo rosto, esgotado. Ver a filha falando coisas sem sentido deveria ser apavorante para qualquer pai e mãe. Mas no fim, eles me convenceram a dormir sem tentar ligar para a casa de Davi.

Na manhã seguinte, também acordei disposta e me arrumei para ir ao trabalho.

— Laura, você está de licença por causa do luto — minha mãe avisou.

— Luto? — Eu ri com vontade. — Isso é um absurdo! Como posso

estar de luto, se ninguém morreu.

Naquele momento, mamãe resolveu ligar para o hospital e marcou uma consulta de emergência com o doutor Lúcio. Durante várias horas, o psicólogo tentou me convencer de que meu noivo havia morrido e eu estava sofrendo o luto. Aquilo me pareceu a maior idiotice que eu já havia escutado na vida. Em minha cabeça perturbada, Davi estava vivo e tudo estava como sempre foi.



— Nossa! — Foi tudo o que consegui dizer diante daquela revelação.

— Quase ninguém tem conhecimento disso. As únicas pessoas que sabem de tudo são minha mãe, doutor Lúcio, a mãe de Davi e agora você.

— Obrigado por confiar em mim e contar algo tão íntimo — respondi envergonhado. — Mas tem uma coisa que eu ainda não entendi.

— O que é?

— Qual a relação disso tudo com essas cartas? — Indiquei os envelopes em suas mãos.

Laura pensou por um instante, pegou um dos envelopes e entregou para mim.

— Esse surto que eu tive logo após a morte de Davi é chamado de negação, a primeira fase do luto. Depois desse incidente, a mãe dele veio aqui conversar comigo e disse que ele havia deixado uma carta para mim e que só poderia ser entregue em uma circunstância como aquela. — Laura olhou para mim. — É essa aí que está em suas mãos.

Olhei para o envelope que eu segurava, um papel meio amarelado em que estava escrito "*Para Laura*". Olhei outra vez para ela, que pediu que eu abrisse. Abri a carta com cuidado e percebi que estava bastante nervoso com tudo aquilo, mas respirei fundo e comecei a ler.

Querida Laura,

Se está lendo esta carta é porque as coisas não estão muito bem.

Escrevo estas linhas pensando em como você estará lidando com minha partida. Sei que está passando por um momento bem difícil e

doloroso. É exatamente por saber disso que resolvi te ajudar, mesmo não estando mais presente, portanto, quero que preste atenção no que escreverei a seguir e siga as instruções.

Primeiro, meu amor, tenho que lhe dizer: eu morri.

Dói ler isso, mas é a verdade, e é a isso que você deve se apegar. Não adianta negar, se esconder ou fugir do assunto, nada disso vai mudar o que aconteceu ou me trazer de volta. Eu sei que se você negar que isso tudo aconteceu, vai parecer doer menos, mas é tudo uma ilusão, é passageiro.

Lembra quando você percebeu que sentia por mim algo mais que amizade, e se recusou a crer que era verdade, por medo do que poderia acontecer com nossa amizade? Mas, no final, acabou se rendendo aos seus sentimentos verdadeiros. O que você está passando agora é parecido com o que aconteceu naquela época: você não aceita a minha partida e por isso nega. Mas para quê, se no final vai cair na real, ver que estava apenas se enganando e se render a dor? Você tem todo o direito do mundo de sofrer, de chorar, de sentir minha falta, então faça isso agora, não fique omitindo a verdade, porque isso não lhe trará mais conforto.

Esse vai ser um longo e doloroso processo, mas você tem que passar por ele. Chore, ponha para fora toda sua dor e não se envergonhe disso. Desabafe com alguém em quem confie e encare a situação de frente, como sempre fez.

“O próprio Senhor irá à sua frente e estará com você; ele nunca o deixará, nunca o abandonará. Não tenha medo! Não desanime!”
Deuteronômio 31:8

Agora, quero que se lembre, todos os dias, que Deus sabe o que faz e para tudo há um propósito. Esta verdade é irrefutável!

Saiba que também estou sofrendo, minha querida.

Não pela doença, mas por deixar você. Por não poder cumprir minha promessa de te levar a Fernando de Noronha na nossa lua de mel, por não poder te ver vestida de noiva caminhando até mim no altar e, principalmente, por saber que você vai sofrer com minha partida. Mas eu estou em paz, confio nos planos de Deus e você também deve confiar, sempre!

Não esqueça que você não estará sozinha, tem sua família e amigos para te apoiar. E tem a mim, não em carne e osso, mas nos seus pensamentos e lembranças. Nunca se esqueça do que aprendemos juntos sobre o amor de Deus por nós, Ele tem o conforto para o seu coração.

Peço que, assim que possível, procure um psicólogo para te ajudar a

passar pelas fases do luto.

Tudo vai ficar bem, meu anjo! Não perca a fé nem a esperança.

Com Amor,

Davi

Fiquei sem reação. Li a carta mais uma vez.

Laura, ao meu lado, me analisou atentamente. Esperava que eu dissesse algo, mas o que poderia ser dito diante daquelas palavras? Não foram só as palavras que me deixaram impressionado, mas a atitude de Davi em ajudá-la mesmo não estando mais presente.

Eu não era bom em nomear coisas, ainda mais em meu estado de amnésia, mas, o que Davi fez por Laura, sem dúvida era amor.

Dobrei cuidadosamente o papel e coloquei-o no envelope. Ainda sem saber o que dizer, encarei os brilhantes olhos de Laura e entreguei-lhe a carta.

— Eu não sei o que dizer, Laura — comecei. — Foi impactante ler essa carta. Contém a cruel verdade, mas dá para sentir a gentileza e o cuidado que ele teve com você.

— Eu sei. Doloroso, mas reconfortante — respondeu. — Davi era assim, desse jeito que você leu na carta: mostrava o seu erro, mas não o julgava, apenas dizia que você estava no caminho errado e te mostrava qual era o certo. E sempre falava a verdade, por mais que doesse.

— O que aconteceu quando você leu esta carta? — perguntei curioso.

— Chorei.

Rimos da resposta, pois era óbvio que ela faria isso.

— Davi me conhecia muito bem — Laura voltou a falar, mas sem nenhum traço de sorriso. — Ele sabia que se eu tivesse uma crise de negação não ouviria a ninguém. Porém, também sabia que a única pessoa no mundo em quem eu acreditaria era nele. Saber a verdade através dele, me fez abrir os olhos para o que estava acontecendo. Reli a carta incontáveis vezes, até me dar conta de que tudo era real e segui os conselhos dele. Mas, mesmo assim as coisas não ficaram fáceis.

— Como assim?

— Passei um bom tempo sem sair de casa e sem ver ninguém além dos meus pais. Eu simplesmente não tinha disposição. Após meses de confinamento em meu quarto, com muita insistência dos meus pais decidi ir à igreja com eles em um domingo à noite. Foi então que começou a segunda fase do luto.

— Segunda fase? — indaguei confuso. — Do que se trata isso?

— Basicamente, trata-se da raiva. Nessa fase eu fiquei bastante hostil com todo mundo. Agredia verbalmente a todos que vinham me dar palavras de conforto, tudo me parecia falso. Eu não acreditava que as pessoas estavam sendo verdadeiras comigo.

— Mas como isso é possível? — perguntei indignado. — Não imagino você sendo agressiva com ninguém.

Exceto com Emilly. Na primeira vez em que se viram, senti um pouco de hostilidade em Laura, mas apenas porque Emilly a provocou. Fora isso, não consigo enxergar Laura como alguém que trataria mal ou agrediria, mesmo que verbalmente, qualquer pessoa que fosse.

— Era o meu psicológico agindo, Marcos. Os meus sentimentos estavam inflamados, como se eu não pudesse conter a raiva.

— Entendi. Mas o que aconteceu naquela noite de domingo?

Laura acomodou-se melhor na cama e pensou um pouco antes de dar início a mais um relato do seu passado não muito distante.



Quando meus pais e eu chegamos à igreja, o culto já havia começado, por isso não falamos com ninguém. Eu estava totalmente absorta, não prestei atenção em nada que era dito durante toda a noite. Tentei esvaziar minha mente ao máximo, mas tudo ali me lembrava o Davi: os lugares que sempre nos sentávamos, os instrumentos que ele tocava e a família dele, que estava toda lá. Chorei algumas vezes, mas nada exagerado. Quando saímos para ir embora, várias pessoas vieram ao meu encontro para prestar suas condolências.

Algumas amigas me abraçaram, me pedindo para ser forte e garantindo que tudo aquilo iria passar. Eu apenas ouvia e assentia, desejando com todas as forças sair correndo dali. Por mais que tentasse, não consegui sentir a sinceridade das palavras e dos gestos de amizade. Fiquei enjoada com a cena deplorável de falsidade e hipocrisia que se desenrolava ao meu redor.

— Ele não gostaria de te ver triste — uma das meninas ousou dizer. Aquilo foi demais para mim. E então, mais uma vez, eu surtei.

— O que vocês sabem sobre como eu estou me sentindo? Ou como ele se sentiria em relação a isso? Vocês não sabem nada — gritei encarando cada um. — Nunca perderam alguém que amassem, então como podem dizer que vai passar?

— Filha, por que está agindo assim? — Mamãe entrevistou, mas as súplicas dela pedindo que eu me calasse não surtiram nenhum efeito naquele momento.

— Se qualquer um de vocês estivesse no meu lugar, nunca me mandariam ser forte — continuei a disparar palavras duras para os meus amigos. — Não sabem como é difícil viver sem ele a cada dia que amanhece. Nenhum de vocês sabe como é acordar e desejar que tudo não passasse de um terrível pesadelo. Não sabem como dói sentir a ausência de quem se ama.

— Laura, nós só queremos te ajudar — falou uma amiga.

— Ajudar? — Enxuguei as lágrimas que banhavam meu rosto. — Como pretende me ajudar? Você é a que menos me entende. Olha para o seu lado. Quem é esse que está aí de mãos dadas com você? Seu noivo, não é? E o meu noivo, onde está agora? — Eu cuspi as palavras, sem me importar se magoaria alguém. — Ninguém pode me ajudar, entendeu? Vai ser feliz com seu noivo e me esquece.

Foi uma noite terrível!

Não consegui dormir depois disso, passei toda a madrugada rolando na cama de um lado para o outro. Minha cabeça se inundou de pensamentos ruins, questionando a Deus e acusando todo o mundo. Eu só queria saber por que tudo aquilo havia acontecido comigo. Ansiava por explicações, mas nunca obtinha resposta alguma. A única coisa que eu tinha e que não me deixava esquecer, era a dor.



— Não sou capaz de imaginar como você se sentia com tudo isso — falei enternecido.

— Só sabe quem passa por situação parecida, Marcos. Não desejo isso para ninguém, é sério!

— Eu acredito. — Confirmei com a cabeça. — O que aconteceu depois?

— A raiva permaneceu por bastante tempo, é uma fase que demanda tempo até ser superada. Doutor Lúcio falou que o surto que tive no hospital pode ter sido da raiva, mas eu não tenho tanta certeza. Já não questiono mais

as coisas, tenho sempre em mente que tudo aconteceu por permissão de Deus e o conforto que as pessoas me oferecem. Mas eu também tive uma ajudinha especial.

Laura me passou outro envelope.

— Duas semanas após o vexame que dei na igreja, a mãe do Davi veio me deixar essa carta.

Segurei o envelope e pensei por alguns instantes em todas as informações que recebi até aquele ponto. Minha cabeça parecia confusa e algo que eu considerava importante sobre tudo isso precisava ser esclarecido.

— Laura, posso fazer uma pergunta?

— Claro, pergunte o que quiser — respondeu com um sorriso fraco.

— Por que está me contando e me mostrando as cartas? — Procurei ser direto.

— Estou te chateando? Você não quer saber nada disso, não é? — falou exasperada. — Ai, meu Deus, como sou inconveniente!

— Não é nada disso, Laura — tentei acalmá-la. — Estou gostando de saber da história toda, mas é que antes você evitava esse assunto a todo custo, e agora está se abrindo comigo. Qual o real motivo dessa mudança de atitude?

Laura me olhou por um bom tempo e balançou a cabeça em negativa.

— Desculpa, Marcos, mas eu não tenho a resposta para sua pergunta — disse ela com mansidão. — Eu não sei o porquê, mas senti que devia te contar. Foi mais forte do que eu, não pude evitar.

— Tudo bem! Não precisamos de justificativas, não é mesmo? Fazemos o que achamos certo.

Ela me observou admirada, como se não estivesse acreditando no que eu acabara de falar.

— Isso. É exatamente isso — falou com um sorriso. — Vamos, leia a carta.

Novamente, com cuidado, retirei e desdobrei o papel que estava no envelope. Não sabia o que esperar, então respirei fundo antes de começar a ler

Querida Laura,

As coisas estão ficando mais complicadas, não é verdade? Espero poder te ajudar com esta segunda carta.

O único desejo do meu coração neste momento em que te escrevo, é que você saia ilesa (psico, mental e emocionalmente) desse processo doloroso e longo. Quero que sorria sempre, todos os dias, em qualquer circunstância. Seu sorriso é o mais lindo que já vi na vida, é encantador! Apenas ele me basta para que eu ganhe o dia!

Laura, eu sei que a dor é insuportável, mas ninguém tem culpa do que aconteceu, foi uma fatalidade. Não há motivos reais para sentir raiva. Lembre-se da frase que sempre digo: “Não importam os porquês, mas sim os propósitos.”

Não abra seu coração para um sentimento feio e que não é digno de você. Não deixe a amargura apagar seu sorriso lindo, o mundo precisa dele.

Foque sua mente e seu tempo em coisas que você goste, algo que te faz bem, canalize sua energia em algo produtivo. Volte ao trabalho, pois sei que é lá onde você se realiza; ajude as pessoas, vai te fazer bem! Cante, meu amor, você tem uma voz tão doce! Faça da música sua válvula de escape, uma barreira contra os sentimentos ruins que possam querer te assombrar. E lembre-se de procurar ajuda, pois não vai conseguir passar por tudo isso sozinha.

Deixo esta passagem, para que reflita: “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida.”
Provérbios 4:23

*Com Amor,
Davi*

— Ele tem toda razão! — Olhei de esguelha para Laura.

— Em quê, especificamente? — perguntou com um sorriso maroto.

— Seu sorriso é lindo, sem igual!

Laura deu um sorriso tímido e abaixou a cabeça, envergonhada, mas ainda consegui ver o rubor em suas bochechas.

— O que achou desta carta? — ela perguntou para mudar de assunto

— Mais curta que a primeira, mas com bastante conteúdo. — Analisei. — O que me deixa mais impressionado é a capacidade que ele teve de prever pelo que você passaria e ainda por cima achar uma forma eficaz de te ajudar.

— Sim, sem dúvida essas cartas me ajudaram muito. Mas Davi era assim mesmo, sempre bolando formas de ajudar quem estava precisando, e ao contrário do que muitos diziam, ele não esquecia de si mesmo. Não era

desleixado com a aparência ou negligente com a saúde. Saía para se divertir como qualquer jovem da idade dele. Ele era feliz e realizado com a vida que tinha.

— E você é?

— Não no momento. Mas pretendo ser feliz e realizada com a minha vida, assim como ele. Tenho um grande caminho a percorrer até alcançar esse objetivo e tenho fé que conseguirei.

— Então, dê agora mais um passo nesse longo caminho.

— Como assim? — indagou franzindo o cenho.

— Leia a próxima carta.

Nossos olhos se encontram por longos segundos e neles pude ver que, talvez, ela ainda não se sentisse pronta para isso.



Comecei a tremer ao tentar abrir o envelope contendo a terceira carta que Davi me deixou. Quantas mais estariam por vir? Será que um dia conseguiria lê-las sem sofrer ou chorar? Como das outras vezes, fiquei imaginando o que Davi teria para me dizer e, apesar de estar nervosa, ansiava por cada palavra escrita naquele papel meio amarelado pelo tempo, porque, quando eu lia as palavras dele, era como se pudesse ouvir sua voz novamente.

Marcos me encorajou e perguntou se queria privacidade para ler, mas eu lhe disse que podia ficar, sua presença me acalmava um pouco. Enquanto abria o envelope, ele levantou da cama e começou a andar pelo quarto, para lá e para cá, de cabeça baixa e com as mãos nos bolsos da calça. Adoraria saber o que se passava em sua cabeça naquele momento, pois estava com a

expressão séria, o cenho franzido e o maxilar contraído. Desviei o olhar, constrangida, quando ele percebeu que o estava admirando e voltei minha atenção para a carta.

Querida Laura,

Escrevo esta carta para que lhe seja entregue quando completar um ano de minha partida. Um curto período de tempo para os que comemoram, mas uma eternidade para os que sofrem.

Escrevo porque minha preocupação continua, e temo que você tenha entrado na pior fase do processo do luto: a depressão. Espero que as outras cartas tenham realmente ajudado nesse primeiro ano da minha ausência, e desejo que esta tenha o mesmo efeito. Sinto-me responsável por tudo que você está sofrendo e sentindo.

Mas eu sinto, no fundo do meu coração, que não irá entrar em depressão. Sei que você é forte e tem apoio de muita gente, além, é claro, de ter procurado ajuda profissional. E o mais importante de tudo, sei que deixou Deus cuidar da sua dor. Tudo o que eu falei nas cartas anteriores foi para evitar que ficasse deprimida, para que não deixasse de enxergar o mundo com todas as suas belezas e para que você possa seguir com sua vida em paz e sem fantasmas.

“Tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas.” Filipenses 4:8

Em minhas orações, peço ao Pai que te guie para o fim do sofrimento, para que encontre paz para o seu coração, para que você seja feliz e, quem sabe, encontrar alguém para dividir essa felicidade.

Para mim, a despedida é insuportavelmente dolorosa e sinto que esse dia está próximo, mas quero que saiba que até o meu último suspiro estarei pensando em ti. Você é a benção mais linda que Deus me deu. O melhor presente que eu ganhei na vida foi poder ser amado por você. E eu não quero que passe o resto de sua vida sofrendo por mim ou vivendo à minha sombra. Eu sou apenas um capítulo nesse maravilhoso livro que é a sua vida, e você tem muitas e muitas páginas para escrever ainda. Então, comece logo essa sua longa jornada sem depender do passado e vivendo o presente da melhor forma possível, seguindo os direcionamentos de Deus. Desejo-lhe uma vida

plena!

Seja feliz!

Davi

Chorei copiosamente sobre o papel, que ficou encharcado pelas minhas lágrimas. Do outro lado do quarto, Marcos me olhava, apreensivo, sem saber o que fazer ou falar. Pensei em quando todo o sofrimento e a dor que corroía o meu peito iriam passar. Tantas lembranças maravilhosas me vieram à mente, tantos sorrisos, abraços e beijos que compartilhei com Davi. Senti tudo isso se esvaindo entre meus dedos, como se tudo não passasse de cinzas que foram levadas pelo vento. Senti que estava deixando-o partir.

Eu sabia que isso teria que acontecer um dia, mas não esperava que ele chegasse e que seria tão angustiante. Davi fez parte do meu passado, mas não significaria deixar de amá-lo ou lembrar dele. Todas as minhas tentativas de levar minha vida adiante não deram em nada por sentir a necessidade de tê-lo ao meu lado para que tudo ficasse bem. Após a terceira carta, pude sentir, eu conseguiria deixá-lo no passado. Tudo que estava escrito ali era verdade, e como segui todos os seus conselhos anteriores, faria o mesmo com a última. Porque era definitivo. Incontestavelmente, foi um adeus.

Quando estava um pouco mais calma, chamei Marcos entreguei-lhe a carta para que lesse. Enquanto isso, fui até o banheiro me recompor. Não reconheci minha própria imagem refletida no espelho, parecia que eu tinha envelhecido trinta anos em menos de vinte e quatro horas. Lavei o rosto e dei uma arrumada nos cabelos, mas não adiantou muito, então decidi tomar um banho, com esperanças de que toda aquela tristeza fosse embora pelo ralo. Embaixo da água morna que caía do chuveiro, chorei mais um pouco. Mas já estava cansada de chorar, de me lamentar. Quando isso teria fim, meu Deus?

Por longos minutos, deixei a água me lavar e levar consigo todo o peso que carregava comigo há um ano, até lembrar que Marcos estava no quarto me esperando. Sequei-me e vesti uma muda de roupa que já estava separada e voltei para o quarto, ainda secando os cabelos com a toalha. Ao me ver, Marcos endireitou-se na cadeira e abriu um sorriso.

— Está com uma carinha melhor agora!

— Obrigada — agradei. — Nada que um bom banho não resolva, não é mesmo?

Ele riu e acenou que sim com a cabeça. Notei que ainda estava com a carta na mão, então arrisquei perguntar.

— O que achou dessa carta?

— Davi é a pessoa mais altruísta que eu conheço — respondeu, após pensar por um instante.

Comecei a rir. Marcos, sem entender, perguntou o motivo dos risos.

— Me desculpe, não quis rir de você, mas não pude controlar.

— Falei algo de engraçado e não percebi, é isso? — ele inquiriu sério.

— Não, imagina, de forma alguma — tentei me explicar. — É que você não conhece tantas pessoas, então...

Ele entendeu o que eu quis dizer e riu também.

— Você não deixa passar nada, não é? — disse com um ar brincalhão.

— Imagina! Eu até que deixo passar muita coisa.

— Ah, é? Tipo o quê? — perguntou curioso.

— Tipo esse seu vocabulário rebuscado. Como pode alguém que tem perda de memória, usar tantas palavras cultas em suas conversas?

— Pois eu tenho a resposta para isso — falou vitorioso. — Minha perda de memória afeta quase exclusivamente a memória episódica, ou seja, esqueci o que vivi até o momento do trauma, mas minha memória semântica, aquela responsável por arquivar a nosso conhecimento da realidade que traduzimos em palavras, não foi afetada. Por isso continuo a saber que pássaro se chama pássaro, ou que carro se chama carro. Entendeu?

— Muito bem, fez a lição de casa direitinho — disse aplaudindo-o.

Nós dois rimos e logo em seguida ficamos em silêncio, olhando um para o outro, até que Marcos quebrou o silêncio.

— Você sabe que ele está certo, não sabe?

— Em relação a quê?

— Em relação a seguir sua vida. Você não pode se entregar, Laura, tem que continuar em frente e deixar o passado para trás. Tem que começar a pensar mais no seu futuro.

— Eu ainda não estou pronta para pensar no futuro, Marcos — falei cabisbaixa. — Vou fazer uma coisa de cada vez. Primeiro, deixar o passado para trás e viver o presente. O futuro é algo sobre o qual não tenho controle, então entrego-o nas mãos de Deus, pois Ele sabe o que é melhor para mim.

— Claro, como quiser! — Ele aproximou-se e beijou-me a testa.

Fiquei meio sem jeito com essa atitude e para esconder o rubor em meu rosto, peguei a carta de sua mão, junto com as outras duas, e coloquei-as na caixa que estava em cima da cama. Guardei-a dentro do armário e voltei para a cama. Levei uma mão à boca para cobrir um bocejo.

— Você deve estar exausta — Marcos disse. — Vou embora para que possa descansar.

— Não! — exclamei de súbito. — Fica mais um pouco, não quero ficar sozinha.

— Mas você tem que descansar, Laura — insistiu.

— Então fique até eu dormir — propus. — Por favor?

Ele ponderou a possibilidade por dois segundos até decidir que ficaria. Indiquei um lado da cama para ele se sentar, enquanto me acomodei ao seu lado. Começamos a conversar sobre amenidades e rimos algumas vezes, até que meus olhos começaram a pesar de sono.

— Laura, você sabe que pode contar comigo, não sabe? — perguntou depois de um minuto de silêncio. — Sempre que precisar de alguma coisa pode me chamar, a qualquer hora.

— Sei, sim, Marcos! Eu chamarei.

Encostei minha cabeça no ombro dele, que ergueu uma de minhas mãos e a beijou com carinho. Eu já estava me entregando ao sono, mas ainda consegui ouvir sua voz, que parecia distante.

— Descanse, meu anjo!



Estacionei o carro na garagem de casa e permaneci dentro do veículo por mais alguns minutos, pensando em tudo o que havia acontecido naquele dia. As cartas, a ida ao cemitério, a história toda de Laura e Davi, tudo isso serviu para me deixar ainda mais confuso em relação aos meus sentimentos por Laura. Eu nutria algo forte por ela, mas tentava reprimir o que sentia ao máximo, por não saber seus sentimentos em relação a mim e para não ter que me afastar.

No entanto, algo estava se modificando: meu sentimento estava criando raízes em meu coração, ficando ainda mais firme. Conheci um lado da Laura que nunca imaginei existir. A Laura forte e sempre sorridente, deu

lugar a uma jovem frágil e sensível, que me permitiu uma maior aproximação. Minha afeição por ela só crescia, o que eu pensava não ser possível. Desejava cuidar dela nos momentos difíceis, fazê-la sorrir para espantar a tristeza e gostaria de tê-la dormindo em meu ombro todos os dias. Sentir seu perfume doce e seus cabelos fazendo cócegas em meus braços, admirar seu peito subindo e descendo pela respiração e a expressão angelical que seu rosto assume ao pegar no sono. Também adoraria estar em seus sonhos, assim como ela estava nos meus.

Entrei em casa pela porta dos fundos e encontrei mamãe na cozinha, que se veio até mim, preocupada.

— Marcos, onde você estava? Liguei várias vezes para o seu celular e só dava desligado.

— Deve ter ficado sem bateria — falei com ar cansado. — Desculpe por ficar o dia todo sem dar notícias.

— Filho, está tudo bem? Aconteceu alguma coisa? — perguntou apreensiva.

— Está tudo bem, mãe, só estou cansado e com um pouco de dor de cabeça.

— Dor de cabeça? — Ela se exasperou. — Faz bastante tempo que você não sente dor. Vou ligar para o doutor e...

— Mãe, calma — a interrompi. — Não se preocupe, é uma simples dor de cabeça. Tomarei um analgésico, um banho e vou dormir. Amanhã estarei novo em folha!

Mamãe ainda tentou contra argumentar, mas dei-lhe um beijo no rosto, desejei boa noite e caminhei, esgotado, para o meu quarto. Tomei um longo banho, vesti apenas uma calça de moletom e me deitei na intenção de dormir, mas foi inútil, as lembranças de todo o dia estavam fervilhando em minha cabeça, impedindo-me de relaxar. Ouvi um pouco de música para me distrair ou mudar o foco dos pensamentos, mas não surtiu efeito. Peguei um livro na estante, mas após ler cinco vezes o mesmo parágrafo sem compreender o que estava escrito, deixei-o de lado também. Tentei ver um filme na televisão, jogar videogame, navegar na internet, mas nada adiantou. Não consegui me desconectar dos acontecimentos, não sabia mais o que fazer.

Pensei em tomar um daqueles remédios que me faziam dormir. Levantei para procurar os comprimidos no mesmo momento em que minha mãe entrou no quarto.

— Te trouxe um leite morno, para que não durma de estômago vazio — falou entregando-me o copo.

— Obrigado, mãe — agradei após tomar um gole do leite. — Não precisava se incomodar.

— Não é incômodo nenhum, querido, só estou cuidando de você — respondeu sentando-se ao meu lado na cama. — Onde esteve o dia todo?

— Na casa da Laura.

— E como ela está?

— Quando saí de lá, deixei-a dormindo — respondi enquanto colocava o copo vazio no criado-mudo. — Mas antes disso, ela não estava nada bem. Foi um dia muito difícil.

— O que está acontecendo, filho? — perguntou afagando meu rosto. — Você não me parece bem, está abatido.

Contei-lhe a história toda, desde as minhas ligações rejeitadas, até Laura pegar no sono.

— Meu Deus! — exclamou impressionada. — Nunca imaginei que Laura estivesse passando por algo assim.

— Ela é bastante reservada, mãe, poucas pessoas sabem.

— Mas não é esse o motivo da sua agitação, é? — questionou.

— Eu não estou agitado — defendi-me.

— Claro que está! Quantas vezes tenho que dizer que sou sua mãe e te conheço bem?

— É verdade — concordei com um sorriso. — Me conhece melhor do que qualquer outra pessoa no mundo. Tenho que confessar que estou bastante confuso, mãe, não sei o que fazer.

— Conversa comigo, filho, quem sabe eu possa te ajudar. Confuso em relação a quê?

— Em relação à Laura. Ao que eu sinto por ela. — Suspirei antes de continuar. — Eu gosto da Laura, mãe, quero ficar ao lado dela, que é onde tudo faz sentido. Mas não sei o que fazer em relação a isso, não sei se ela corresponderia a isso.

— Eu já suspeitava que você sentisse algo por ela, Marcos — disse ela com um sorriso. — Laura é uma moça especial e não é como as outras garotas com quem você costumava se envolver, ela tem princípios. Percebi isso quando você estava no hospital. Mas devo te dizer, querido, os caminhos de vocês são paralelos.

— Quer dizer que não sou digno dela, mãe? — questionei

consternado.

— Não, meu filho, não quis dizer isso! Você é mais que digno, é merecedor de ter alguém como Laura ao seu lado. Mas vocês são muito diferentes.

— Mamãe, a senhora está julgando a situação com base no que eu era antes do acidente. Aquele Marcos morreu naquele dia, não sou o mesmo de antes.

— Tem razão, você está mudado. E para melhor!

— Isso mesmo, quero ser melhor, como a Laura — falei com entusiasmo. — Ao lado dela me sinto forte e confiante, tudo fica melhor e mais bonito. Ela tem o poder de aquecer um dia frio e colorir um dia escuro. Que mal há em querer isso para minha vida?

— Não há mal algum, meu filho — mamãe afirmou de modo afável. — Pois se esse é o desejo do seu coração, abra o jogo com ela, seja sincero. Tenho certeza que vocês irão se entender. Saiba que ficarei muito feliz pelos dois! E já sei exatamente o que fazer para ajudar.

— Obrigado, mãe, seu apoio é importante para mim.

— Tudo bem, querido! — Beijou-me o rosto. — Agora durma. Amanhã é a prova da Clarinha e vamos com ela, para dar apoio.

— Está certo, boa noite!



Clara saiu radiante da sala onde acabara de fazer a prova e pelo visto se saiu melhor que o esperado.

Fomos almoçar fora, como comemoração, em um famoso restaurante da cidade. O ambiente era aconchegante e impecavelmente limpo, as mesas dispostas de forma que os clientes tivessem privacidade e não ficassem ouvindo as conversas das mesas próximas. O cardápio era bem variado e os funcionários, bem receptivos. Esse era o tipo de lugar que, sem dúvida alguma, eu voltaria e indicaria.

— Por que não convida a Laura para jantar aqui? — Mamãe, vendo minha admiração pelo espaço, indagou.

— É uma ótima ideia! — respondi sorrindo.

Dona Ana sempre tinha as melhores ideias. Como isso não havia passado pela minha cabeça antes? Tirei o celular do bolso e liguei para Laura,

convidando-a para jantar. Conversamos por poucos minutos e tudo ficou acertado para a semana seguinte, tempo suficiente para eu pensar e planejar bem tudo que diria a ela.



A minha apreensão aumentava a cada minuto que se passava no relógio. Estava chegando a hora de abrir o jogo com Laura e o medo de estragar tudo me consumia desde o dia em que a convidei para jantar. Pensei várias vezes em desistir de revelar meus sentimentos a ela, mas minha mãe sempre dizia que é melhor viver com a certeza do que morrer com a dúvida.

Mamãe e Clara estavam tão ansiosas quanto eu, tanto que, assim que saí do banho, dei de cara com as duas remexendo no meu guarda-roupa e separando peças e mais peças em cima da cama. Vesti, uma a uma, as roupas que foram escolhidas por elas e andei de um lado para o outro do quarto, como em um desfile de moda, para que o *look* passasse pela aprovação das duas, mas nada as agradava.

— Não. Esse sapato não combina com cinto — disse uma.

— A cor da camisa não realça os seus olhos — a outra completou.

Olhei para o relógio e vi que tinha apenas quinze minutos para sair de casa.

— As madames podem se decidir, por favor? Caso contrário vou perder a reserva no restaurante — falei um tanto irritado.

— Calma, ainda não encontramos o *look* perfeito — respondeu Clara.
— Pegue, vista esta.

Na esperança de que fosse a última, e que elas me liberassem para sair, fiz mais uma troca de roupa: calça de brim preta com uma camisa azul celeste, sapato e cinto marrom. Quando entrei no quarto novamente, o olhar de satisfação nos olhos das duas me disse que conseguiram alcançar seu objetivo.

— Está perfeito! — exclamou Clara. — A Laura vai amar, pode apostar.

— Está ainda mais lindo, meu filho — elogiou mamãe.

Dei uma última conferida na camisa e dobrei as mangas até os cotovelos. Passei um pouco de perfume, peguei as chaves do carro, dei um

beijo nas mulheres da casa e saí. Combinei com Laura de pegá-la em casa, já que seu carro estava na oficina mecânica. Chegando, toquei a campainha e dona Ângela me atendeu.

— Como vai, Marcos? Está muito bonito hoje!

— Olá, dona Ângela. A senhora está linda como sempre!

Ela riu do meu gracejo e convidou-me para entrar, dizendo que Laura já estava para descer. Andei pela sala, com as mãos nos bolsos, admirando os porta-retratos em cima de um móvel ou olhando o céu pela janela, tentando conter o nervosismo.

— Admirando as estrelas?

Virei-me e vi Laura ao pé da escada, com um sorriso matreiro. Estava usando um vestido brilhante de cor marfim com um discreto decote em V e de comprimento até os joelhos, maquiagem leve e uma sandália preta. Os cabelos, antes lisos, estavam ondulados e caídos sobre o ombro.

— Nenhuma estrela cintila mais que você — comentei extasiado por tamanha beleza.

— Exagerei, não é? — perguntou olhando para o vestido. — Vou trocar rapidinho — falou já subindo as escadas.

— Ei, volta aqui. — Caminhei em direção à escada. — Isso não foi uma crítica, foi um elogio. Você está linda!

Laura agradeceu e abaixou a cabeça com a face enrubescida. Cheguei mais perto dela e ofereci-lhe o braço.

— Nossa, que cavalheiro! — Ela riu e enlaçou seu braço ao meu.

— Podemos ir, senhorita?

— Certamente, senhor!

Rimos da brincadeira boba e fomos em direção à porta, despedindo-nos de dona Ângela na saída. Conversamos com descontração no caminho e eu mal consegui me concentrar no trânsito, de tanto que olhava para ela. Laura estava radiante, deslumbrante! Em um momento como aquele, eu me perguntava se merecia mesmo tê-la ao meu lado. Parecia sorte demais. Foi com minha cabeça tomada por tais pensamentos que chegamos ao restaurante. Ao entrarmos, uma recepcionista nos acompanhou até nossa mesa, que ficava em uma das laterais do salão. As paredes eram de vidro e tinha vista para um lindo jardim iluminado.

Sentamos e logo em seguida um garçom nos trouxe os cardápios, perguntando se queríamos algo para beber.

— O que você quer beber, Laura?

— Apenas água, por favor — comunicou ao garçom.

— Para mim também, obrigada.

O jantar transcorreu bem, a comida era realmente deliciosa e o ambiente, muito agradável. Laura estava à vontade e eu, bastante nervoso. Tentei iniciar o assunto entre uma conversa e outra, mas não consegui, as palavras saíam todas emboladas e acabei desistindo. Enquanto Laura falava bastante animada sobre diversos assuntos, eu respondia com monossílabos.

— Você está bem, Marcos? Está tão calado hoje. E nervoso — Laura comentou depois que nos servirem a sobremesa.

— Nervoso? — perguntei inquieto. — Acha que estou nervoso?

Laura confirmou com a cabeça e deu um sorriso de lado, revelando uma charmosa covinha em sua bochecha esquerda.

— Está tão aparente assim? — Forcei um sorriso.

— Está sim! Qual o motivo de estar assim? Está acontecendo alguma coisa? Não está se sentindo bem? — perguntou preocupada.

— Não, está tudo bem! É que eu... Bom, eu quero falar uma coisa.

— Então fale — respondeu com expressão curiosa no rosto.

— Certo, vou falar. — Tomei o restante da água em minha taça, como se aquilo fosse me dar a coragem necessária. — Primeiro quero agradecer por ter aceitado o meu convite e também dizer que você está linda!

Laura sorriu e sua face assumiu uma expressão divertida. E, vendo que estava sem entender, diz:

— Marcos, nunca vi você se perdendo nas palavras! Ir direto ao assunto talvez seja mais fácil.

— Direto ao assunto, entendi — respondi sem graça. — Mas isso é muito difícil para mim, Laura, nunca fiz isso na vida! Ou melhor, não me lembro de ter feito.

Ela deu uma gargalhada contagiante.

— Agora estou oficialmente curiosa para saber do que se trata. — Ela apoiou o cotovelo na mesa e pousou o queixo na palma da mão, olhando nos meus olhos, inquisitiva. — Vamos, diga logo o que quer me dizer.

— Desde que eu acordei do coma, você tem estado ao meu lado, ajudando e dando força para eu superar meus obstáculos. Sou muito grato por isso! — Segurei sua mão livre. — E à medida que o tempo foi passando, algo foi crescendo em meu coração, Laura. Eu gosto de você, mas não só como amigo.

O seu semblante foi de curiosidade para surpresa.

— O que está dizendo, Marcos?

— Que o meu maior desejo é ficar com você — respondi apertando um pouco mais sua mão.

— Ficar comigo? — Olhou-me confusa e ofegante. — Marcos, não está confundindo as coisas? O que você sente por mim é gratidão, apenas isso.

— Claro que tenho gratidão por ti! E afeto, carinho e uma infinidade de sentimentos mais. — Inclinei-me um pouco mais para frente. — Te trouxe aqui hoje para abrir meu coração para você, Laura, porque não aguento mais reprimir o que eu sinto, não quero mais esconder essa verdade.

Ela afagou meu rosto e me olhou com o rosto cheio de ternura.

— Você é bom e gentil! Também sou grata por tudo que fez por mim e por estar sendo sincero comigo agora. Gostei de saber dos seus sentimentos por mim, mas...

— Mas? — perguntei apreensivo.

— Eu não sei, Marcos — respondeu após alguns segundos em silêncio. — Não sei se posso correspondê-lo. Não sei se sou capaz.

— Claro que você é capaz!

— Como pode ter tanta certeza, se eu mesma não tenho? — Laura desviou os olhos dos meus e passou a admirar o jardim através das portas de vidro. — Naquele dia no cinema, quando ficamos bem próximos, eu senti algo novo. Uma promessa de felicidade, talvez, mas não sei ao certo, foi por apenas um momento.

— Laura. — Deslizei o polegar no dorso de sua mão, que estava fria e trêmula. Ela voltou a me olhar. — Eu sei que ainda está ligada ao Davi, afinal, é tudo muito recente. Mas como ele mesmo disse, você merece uma chance de seguir em frente. Nós dois merecemos!

Ela pareceu gostar do que falei, pois sorriu e apertou a minha mão.

— Estou confusa, Marcos. Preciso pensar sobre isso.

— Claro, leve o tempo que achar necessário. Não quero que se sinta pressionada a nada, só quero que também seja sincera comigo.

— Eu jamais te enganaria! Mas por hora, vamos deixar as coisas como estão.

Deixar as coisas como estavam era um bom plano. Dependendo do que ela decidisse, ainda poderíamos manter a amizade. Entretanto, eu me mantinha confiante, ainda havia a possibilidade de Laura retribuir, de alguma maneira, os meus sentimentos. Esse foi o primeiro passo em um novo

caminho rumo ao futuro, do qual não trilharia sozinho, pois teria uma mulher incrível ao meu lado.



Marcos deu a volta no carro e abriu a porta para mim, como um perfeito cavalheiro. Já era tarde e éramos as únicas pessoas na rua silenciosa, com apenas um ou outro gato passeando pelas sombras. Reparei que a luz da sala ainda estava acesa e supus que mamãe estivesse me esperando chegar, então me despedi dele.

— Foi uma noite ótima, Marcos, obrigada.

— Eu também gostei muito! Poderíamos fazer isso mais vezes — disse sugestivo.

Mordi o lábio inferior, sorrindo.

— Seria incrível! Mas, por hoje, boa noite!

Ele fez uma reverência, pegou minha mão e beijou.

— Boa noite, senhorita!

Sorri e fui em direção à entrada, mas antes de abrir a porta, olhei para trás e vi Marcos encostado no carro com as mãos nos bolsos, a me observar. Fiz um rápido aceno e entrei em casa. Deparei-me com meu pai sentado em sua poltrona, braços cruzados em frente ao corpo e com uma carranca que me fez tremer pelo que estava por vir.

— Oi, pai! Ainda acordado? — tentei melhorar o clima.

— Isso são horas de chegar em casa, Laura?

— Desculpe, pai, nós perdemos a noção do tempo. Da próxima vez chegarei mais cedo, não se preocupe.

— Nós? Próxima vez? — Papai cuspiu as palavras. — Quem é esse rapaz, Laura? O que ele quer com você?

— É o Marcos, meu amigo. Apenas saímos para jantar, não há nada de mais.

— Espero realmente que não seja nada de mais, Laura. Não conhecemos esse rapaz ou a família dele, e nem sabemos se ele é cristão. Imagina o que vão falar se ao menos desconfiarem que você mantém um relacionamento com alguém assim.

— Quem vai falar o quê, pai? — perguntei consternada. — E por que vão falar alguma coisa? Não estou fazendo nada de errado.

— Não está fazendo nada ainda — levantou um pouco a voz. — Você não sabe com que tipo de gente está lidando, ele pode ser uma má influência para você, minha filha, te levar a fazer coisas que não deve.

— Pai, eu não sou influenciável e nem me deixo levar pelos outros, o senhor sabe disso — respondi transtornada. — Foi o senhor quem me educou, lembra?

— Sim, lembro! E também lembro que te ensinei a respeitar o seu pai — esbravejou.

Abaixei a cabeça e meus olhos ficaram marejados, meu pai nunca havia se exaltado comigo.

— Desculpe, pai, o senhor tem razão — disse envergonhada.

— Tudo bem — respondeu mais calmo. — Agora vá dormir, já é tarde.

Subi as escadas correndo, lutando contra as lágrimas, e assim que entrei no quarto elas começaram a correr, quentes, pelo meu rosto. O que houve com meu pai? Ele nunca agiu dessa maneira antes, pelo menos, não comigo. Eu sei que ele sempre se importou com o que as pessoas,

principalmente os membros da igreja, falariam sobre nossa família, porém, sempre tivemos boa reputação perante a sociedade, portanto não existia motivos para ele ficar tão alterado.

Eu suspeitei que o rompante de meu pai não tenha sido apenas por causa da minha amizade com o Marcos, já que eu sempre tive amigos e ele nunca reclamou de nada. Se houvesse outro motivo, com certeza mamãe saberia e me contaria o que estava acontecendo.

Deitei-me para dormir e, quando fechei os olhos, as imagens daquela noite vieram à tona. Marcos estava tão charmoso, e ficou ainda mais lindo estando nervoso, se confundindo todo com as palavras. Sorri ao me lembrar daquilo e do motivo que o levou a me convidar para jantar. Marcos gostava de mim! Saber daquilo aquecia meu coração, mas o que ele poderia ter visto em mim, alguém com tantos problemas e defeitos? Não que eu não reconhecesse minhas qualidades, tinha plena consciência delas, contudo, Marcos era tão diferente, poderia ter quem ele quisesse com apenas um estalar de dedos. As mulheres caíam aos seus pés, porque preferiria ficar comigo?

Não, Marcos não era assim!

Antes do acidente, talvez, mas ele havia mudado.

Mesmo sabendo que ele era uma boa pessoa e conhecendo a sua família e sua história, não sabia se seria correto dar a chance que ele me pediu, eu ainda não estava pronta para recomeçar. Havia muito o que ponderar, muito o que pensar, mas, enquanto isso, eu só queria sonhar com aqueles olhos verdes.



Acordei mais tarde que de costume e percebi que estava sozinha em casa. Papai havia ido trabalhar e mamãe, ao mercado, segundo o bilhete que ela deixou na geladeira. Tomei café da manhã e lavei algumas louças que estavam sujas na pia, até que mamãe chegou. Enquanto ela guardava as compras nos devidos lugares, eu contei tudo sobre a noite anterior, sem mencionar o real motivo do jantar, e sobre a conversa que tive com papai.

— Ah, filha! Você sabe como o seu pai é, se preocupa com o que o povo diz — afirmou ela.

— Eu sei, mas por que isso agora? Ele estava nervoso, furioso, e eu não entendo.

— Filha, seu pai só está preocupado com você. — Ela se sentou em uma cadeira de frente para mim.

— Mas por que? — perguntei sem entender.

— Jorge ficou muito angustiado com seu estado quando Davi se foi — mamãe falou com tristeza. — Ele não dormia nem comia direito de tanta preocupação. Nós temíamos que você nunca se recuperasse. De nós dois, foi ele quem mais sentiu medo, apesar de toda a fé que ele tem.

— Mãe, por que eu nunca fiquei sabendo disso? — inquiri desolada.

— Para quê? Você iria se sentir culpada e isso não te ajudaria a melhorar — falou suspirando. — O fato é que seu pai só está tentando evitar que sofra novamente.

— Eu deveria saber disso, mãe — disse entristecida. — Sinto muito por ter causado tanta dor a vocês.

— Você não tem culpa, meu amor. Não pense mais nisso, está bem? — Ela levantou e me abraçou. — O que mais está lhe afligindo?

— Como assim? — Fiz-me de desentendida.

— Eu conheço esse olhar, sei que tem algo te preocupando — disse voltando a se sentar. — Quer me contar o que é?

Pensei por um momento. Claro que contaria a ela, só não queria falar sobre isso depois das recentes revelações. Mas eu sabia que ela não me deixaria sair sem antes contar o que estava havendo, então, resolvi contar logo e ouvir a sua opinião a respeito.

— Eu iria contar mais tarde, mas já que estamos aqui, vou falar logo. — Escondi os braços embaixo da mesa. — Ontem o Marcos revelou que gosta de mim.

— Sei — disse com os olhos estreitos. — Gosta como?

— Ele quer namorar comigo.

— Eu gosto do Marcos, parece ser um bom rapaz, é muito simpático, e eu já sabia que ele gostava de você, assim como eu sei que você também gosta dele, só não quer admitir. Quando ele ligou te convidando para jantar, suspeitei que ele fosse abrir o jogo, e olha só você, parece que tem dezessete anos outra vez.

Fiquei de queixo caído. Como minha mãe sabia de tudo isso? Seu rosto tinha uma expressão suave, o que me deixou menos na defensiva.

— A senhora sabia disso tudo e não me falou nada? — Fingi estar

brava. — De que lado a senhora está?

Mamãe riu da brincadeira e levantou para terminar de guardar as compras.

— Do seu lado, é claro! Mas não quero me meter na sua vida, filha, você é adulta e sabe muito bem o que faz com ela. O que posso fazer é te aconselhar, se assim desejar.

— Obvio que preciso de conselho. — Cobri o rosto com as mãos. — Não sei o que fazer, mãe.

— O que você respondeu a ele? — perguntou.

— Que iria pensar. — Dei de ombros e baixei o olhar para as minhas mãos. — Não quero ser precipitada ao responder qualquer coisa, ainda não sei se estou pronta para um relacionamento, ou se posso correspondê-lo. Eu nem mesmo tenho certeza do que ele sente por mim, pode ser apenas gratidão por eu tê-lo ajudado. Se bem que eu também tenho gratidão por tudo que ele fez por mim em um momento delicado, enxugando minhas lágrimas, ouvindo minhas lamúrias, permitir que eu chorasse em seu ombro e aturando minha cara cheia de olheiras, meus cabelos desgrehados...

— Laura, respira — mamãe interrompeu meu monólogo.

— O quê? — Voltei minha atenção para ela.

— Você começou a falar sem parar, mas não estava falando para mim, era como se estivesse falando para você mesma — disse com o cenho franzido.

— Desculpa, mãe, é que... Marcos gosta de mim e mesmo assim consolou meu sofrimento por outra pessoa. — A percepção desse fato me causou um súbito frio na espinha. — Como ele deve ter se sentido depois disso, mãe?

— Não sei, filha, mas não deve ter sido nada fácil. — Chegou mais perto e pôs a mão no meu ombro. — Ainda duvida que ele realmente gosta de você?

— Não, mãe, não duvido — respondi com o olhar distante. — Resta saber o que *eu* sinto.

— Eu acho que vocês deveriam conversar mais um pouco. Você sabe que não são só os sentimentos que estão em jogo — falou de forma séria. — Não pode abandonar seus princípios, Laura. Lembre-se de que Deus vem em primeiro lugar.

— É verdade, mãe, vou conversar melhor com ele, pode deixar.

Voltei para meu quarto, deitei na cama e encarei o teto, me perdendo

em pensamento. Meu celular tocou em cima do criado-mudo e atendi assim que vi de quem era a ligação.

— Oi, Clarinha! — atendi com animação, estava com muitas saudades dela. — Claro que podemos nos encontrar, mas aconteceu alguma coisa? — Fiquei preocupada com o convite inesperado para uma conversa. — Eu vou amar conversar sobre coisas de menina com você, princesa! Nos encontramos mais tarde, então.



No horário combinado, cheguei ao local onde marquei o encontro com a Clara, em um parque perto da casa dela. Era uma tarde agradável, o sol estava encoberto por algumas nuvens e corria uma brisa leve e fresca. Quando Clarinha chegou, me deu um abraço apertado e escolhemos um banquinho embaixo de uma grande árvore que nos daria sombra e brisa fresca. Conversamos um pouco sobre coisas cotidianas, até ela introduzir o assunto que desejava conversar comigo naquele dia.

— Então, Laura, eu te pedi que viesse porque quero te pedir um conselho.

— Conselho, a mim? — perguntei surpresa. — Nossa! Fico lisonjeada por saber que confia a mim o cargo de conselheira. E do que se trata?

— Bom, é que na minha escola tem um garoto que gosta de mim.

— Hum! Sei, um garoto! E você, gosta dele? — perguntei e coloquei a mão no queixo, interessada no assunto.

— Eu não sei direito. Acho que sim — respondeu meio retraída.

— Por que não me conta a história de como se conheceram, para eu poder analisar a situação? — Tentei incentivá-la a falar e vencer a timidez.

— Certo, vou contar — disse sem jeito. — Ele se chama Gustavo, é primo da minha melhor amiga, a Marcela. É muito inteligente e um gatinho! — disse a última frase com as bochechas coradas. — Todas as meninas da escola querem namorar com ele, mas ele não gosta de nenhuma, eu acho.

— Foco, Clara! — Eu ri do seu devaneio momentâneo.

— Tudo bem, desculpa — ela respondeu sorrindo também, mas ainda parecia nervosa. — O Gustavo é muito inteligente, principalmente em Química. É a matéria que ele mais gosta e a que eu mais tive dificuldade este ano. Então, a Marcela perguntou se ele ajudaria a nós duas a estudar química, e ele aceitou, mas logo a Marcy desistiu das aulas extras com o Guto. Eu não

entendia nada de Química, com todas aquelas fórmulas e cálculos, então não podia desperdiçar uma ajuda como a dele.

— Eu acho que entendi a parte que estudar química é chato — afirmei, quando ela novamente começou a devanear.

— Desculpa, Laura, acho que estou um pouco nervosa.

— Tudo bem, eu também já tive essa idade, sei como é se apaixonar pela primeira vez — falei reflexiva.

— Como eu ia dizendo — prosseguiu —, nós estudávamos quase todos os dias no fim das aulas. No vestibular eu me saí *super* bem em química, e no dia seguinte à prova fui até a cada dele agradecer pela ajuda, pois sem ele eu não teria conseguido. Foi quando ele disse que gostava de mim.

— E o que você disse? — eu quis saber curiosa.

— Aí é que está o problema! Eu não disse nada, não consegui. Não sei o que houve comigo, minha garganta ficou seca, minhas pernas ficaram bambas e eu travei. Fiquei lá, parada como uma porta, sem dizer nada. — Ela escondeu o rosto com as mãos, arrasada. — Eu sou mesmo uma idiota!

— Não diga isso, Clarinha. É normal o que aconteceu, você nunca tinha passado por isso antes e os efeitos de se gostar de alguém são esses que você mencionou.

— Como posso ter certeza se gosto dele, Laura? Eu nunca senti isso por ninguém.

— Como você se sente quando está ao lado dele? Quais as coisas que mais gosta nele? Com que frequência pensa nele? As respostas para essas perguntas podem ajudar a chegar a uma conclusão.

— É estranho! Logo no início eu pensei que estava com algum problema de saúde, tipo gastrite ou sei lá. Quando ele chega perto, eu sinto um frio na barriga, é assustador, mas gostoso ao mesmo tempo. Conto as horas para vê-lo outra vez. Fico sorrindo feito uma boba quando ele olha para mim e nunca falo nada certo na presença dele. Adoro o sorriso do Guto, é como se eu não precisasse de mais nada além daquele sorriso. Acredita que já sonhei com ele? E teve outra vez que ouvi uma conversa de duas meninas, elas diziam que achavam ele lindo e que adorariam namorar com ele, e eu fiquei furiosa, uma raiva enorme só por escutar aquilo que me deu vontade de...

— Calma, Clara, respira! — exclamei apertando sua mão. — Bom, após tudo que você acabou de falar, eu não tenho dúvida de que você também

gosta dele.

Clarinha abriu o maior dos sorrisos e me abraçou, como se eu tivesse acabado de ganhar o melhor dos presentes. E acho que de fato foi um presente!

— Mas eu tenho medo, Laura, não tenho experiência com namoro ainda — falou com preocupação.

— Não se preocupe, vocês vão aprender e adquirir experiência juntos.

— Mas será que vai dar certo? E se ele enjoar de mim? E se eu não gostar dele tanto quanto penso? E se eu me magoar e sofrer? Já vi tantos relacionamentos começarem bem e terminarem desastrosos, tantas pessoas infelizes. Não queria ter o mesmo fim.

Eu já tive aquelas mesmas dúvidas. Eram tantas perguntas sem respostas que só geravam medo e ansiedade. Quando comecei me apaixonar por Davi, nunca imaginei que gostar de alguém fosse tão complicado e que tomar uma decisão fosse me fazer perder o sono e até a razão em determinados momentos.

— Clara, você está crescendo e faz parte da vida adulta tomar decisões que podem mudar sua vida radicalmente, para melhor ou para pior. — Eu me esforcei para usar as palavras corretas e tentar acalmá-la e desanuviar um pouco as ideias pesadas que pairavam em sua cabeça. — Tem que colocar na balança os prós e contras e estar ciente de que toda escolha envolve riscos, não tem jeito. Mas a única forma de saber se vai dar certo, é se você tentar. E se optar por não tentar, vai passar o resto da vida se perguntando "e se?".

De repente, ao proferir aquelas palavras, foi como se uma luz se acendesse na minha cabeça. Tudo começou a ficar mais nítido para mim, a solução para os meus próprios questionamentos inundou meus pensamentos, me deixando em um estado inerte enquanto eu processava toda aquela avalanche de compreensão.

— Você está bem, Laura? — Clara perguntou preocupada com meu súbito silêncio.

— Sim, estou! — Olhei para ela e sorri. — É que, sem querer, eu achei as respostas para as minhas dúvidas.

— Do que está falando?

— Você saberá em breve — falei com um enorme sorriso. — E então, já decidiu o que vai fazer?

— Acho que sim, mas antes tenho que falar com mamãe e papai, para

saber o que acham, mesmo sabendo que meu pai vai surtar. Ele acha que ainda tenho cinco anos de idade. — Ela revirou os olhos ao lembrar da superproteção que recebe do pai.

— Mas ele está apenas fazendo o papel dele nessa história. — Rimos juntas e depois concluí meu pensamento. — Você deve, sim, contar tudo a seus pais, eles só querem o seu melhor, acredite.

Conversamos por mais um tempo até perceber que já estava escurecendo, então resolvemos que estava na hora ir embora. Eu fiz questão de acompanhar Clara até em casa, mesmo sendo apenas cinco quarteirões de distância. Quando ela falou que não era necessário, eu respondi que queria apenas me certificar que chegaria bem.

— Tem certeza que o motivo é só esse? — Clara questionou. — Você está com um brilho diferente no olhar, sabia? — constatou, me observando.

Não pude resistir ao riso por sua percepção. Eu tentava manter a fisionomia calma, mas por dentro a euforia havia tomado conta dos meus nervos. Não respondi às perguntas de Clara e ela também não insistiu. Não tocamos mais no assunto durante o trajeto, o assunto passou a ser planos para futuro. A conversa me acalmou um pouco, mas meus pensamentos ainda fervilhavam, planejando o que faria e diria ao Marcos quando o encontrasse em poucos minutos.

Quando chegamos, ficamos paradas em frente a porta de entrada por alguns instantes, enquanto Clara procurava sua chave na bolsa, tempo suficiente para eu ouvir uma risada cortante vindo de dentro da casa. Ao entrarmos, todo e qualquer resquício de vida contido em mim, se esvaiu em um milésimo de segundo. A cena que vi foi desoladora. Marcos estava sentado no sofá da sala com Emilly agarrada em seu pescoço, praticamente em cima dele.

— Marcos — Clara gritou para chamar a atenção dele.

Quando, por fim, conseguiu se desvencilhar da bruxa ruiva, o terror assumiu seu rosto ao notar minha presença.

— Laura — a voz dele saiu como um sussurro.

Emilly se aproximou, acariciando o rosto dele, que a afastou abruptamente de si.

— Sai daqui, Emilly, vai embora! — ele gritou.

— Deixa a enfermeira para lá, Marcos, vamos continuar nossa conversa em outro lugar — Emilly insistiu com uma voz ferina, enquanto me encarava com um sorriso cínico.

— Você é surda, bruxa? — Clara manteve a voz e a expressão séria, como nunca tinha visto antes. Seus olhos estreitos demonstravam a fúria contida que ela carregava há bastante tempo. — Vai embora! — pronunciou alto e pausadamente.

— Que gritaria é essa aqui? — perguntou Ricardo, atordoado pelos gritos.

Ana chegou junto com Ricardo, sem compreender o que estava acontecendo na entrada da casa deles. Ana demonstrou bastante insatisfação com a presença de Emilly, mas foi gentil ao pedir que ela se retirasse. A ruiva não protestou quanto ao pedido da dona da casa e saiu com a expressão de triunfo, afinal, havia conseguido o que queria.

Eu estava sem ação, sem forças para juntar meus cacos e sair dali. Mas eu precisava ir. Correr. Fugir. Marcos tentava aplacar a indignação dos pais e da irmã, que o encheram de perguntas e lhe passavam sermões. Ele dava respostas vagas de forma agitada, sempre me olhando com um olhar de súplica. Me senti completamente deslocada, então caminhei de forma lenta, sentindo o grande peso da mágoa sobre meus ombros, até a porta.

— Não vá, Laura — Marcos chamou por mim, exasperado, e deu dois passos em minha direção.

Eu parei e fitei seu rosto contorcido de angústia. Fiz um esforço descomunal para não exprimir o que sentia naquele momento.

— Eu não sei que tipo de jogo você está fazendo, Marcos — falei com a voz trêmula. — Mas eu não vou participar dele.

— Por favor! Eu posso explicar o que houve — ele implorou.

— Não se dê tanto trabalho — respondi deixando minha decepção transparecer. — Nada do que disser vai mudar a cena que eu vi.

Saí porta a fora, apressada. Marcos fez menção de vir atrás de mim, mas supliquei para que não fizesse aquilo. Acho que algo na forma como falei o deixou inerte, olhando eu me afastar cada vez mais.

Corri o mais rápido que pude e para o mais longe que conseguia com a visão embaçada pelas lágrimas. Olhei para trás e vi que Marcos não havia ido mesmo atrás de mim, então resolvi sentar em um banco próximo para recuperar o fôlego, pois a dor que eu sentia no peito era lancinante, como se meu coração estivesse sendo pisoteado. Ver Marcos agarrado com Emilly foi como levar um soco no estômago.

A rua onde eu estava era bastante movimentada, pessoas passavam indo e voltando, conversavam e riam, crianças corriam com brinquedos,

casais andavam abraçados, mas era como se eu estivesse sozinha. Invisível. Chorei com o rosto apoiado nas mãos, me perguntando por que tudo tinha que ser tão difícil e como eu pude me deixar levar por uma situação tão absurda como aquela.

Meu pai tinha razão ao dizer que eu não conhecia Marcos o suficiente. Eu estava prestes a entregar meu coração a ele, disposta a dar uma chance para nós dois. Realmente pensei que iria recomeçar minha vida e seguir em frente. Mas como, se tudo o que via na minha frente era a sombra da incerteza? Eu estava enganada ao pensar que Marcos havia mudado após o acidente. Pelo visto, as pessoas são o que são e ponto final.

Deus sabe o quanto aquelas constatações doíam.

Ouvi alguém chamar pelo meu nome ao longe e olhei em direção a voz. Era Marcos. Ele saiu do carro em que estava e caminhou em minha direção, mas assim que o vi me levantei e andei de encontro à multidão, a fim de me camuflar.

— Laura, por favor, me deixa explicar. — Ouvi-o gritar.

De repente, uma luz reverberou no céu e me assustei com o som estridente de um trovão. Segundos depois, gotas começaram a cair sobre nossas cabeças.

— Ah, sim, é um ótimo momento para chover — ironizei comigo mesma.

Continuei andando, apesar da dificuldade de locomoção devido ao grande contingente de pessoas correndo ao mesmo tempo para se proteger da chuva. Entrei em uma rua menos movimentada e Marcos logo me alcançou.

— Laura, me escuta, foi tudo um mal-entendido — disse ele de uma certa distância.

Parei de andar e virei-me para ele, transtornada.

— Mal-entendido? Como tem a audácia de dizer que eu não entendi o que acabei de ver? — falei quase aos gritos. — Eu não sou tão idiota como você julga, Marcos, sei muito bem o que eu vi.

— Não, Laura! Não é o que parece — começou a se explicar. — Não estava acontecendo nada entre Emilly e eu.

— Ah, não? — ironizei. — Então, o que ela estava fazendo atracada no seu pescoço, como uma vampira sanguessuga?

— Volta para casa comigo, lá eu te explico tudo. — Caminhou a passos largos até mim.

— Eu não vou a lugar algum com você! — exaltei-me, dando dois

passos para trás, mantendo a distância entre nós, então ele parou de andar, ressentido pela atitude. — Meu pai está certo, você não serve para mim, é como todos os outros que só querem se aproveitar da fragilidade das mulheres. Até cheguei a crer que você era diferente, mas me decepcionei profundamente.

As lágrimas começaram a correr, incontrolláveis, pela minha face, confundindo-se com pingos de chuva, que insistia em cair cada vez mais torrencial.

— Não diga isso, Laura, não é verdade — falou com aparente tristeza. — Eu não sou esse cafajeste que você está pintando, há uma explicação para o que você viu há pouco.

— Pois explica, Marcos — gritei deixando transparecer meu choro e frustração. — Quem sabe eu acredite na sua história da carochinha. — Cruzei os braços. — Anda, estou ouvindo!

— A Emilly tem vigiado minha casa constantemente, e hoje ela aproveitou que todos saíram para falar comigo a sós — começou ele, nervoso. — Ela me disse que queria apenas resolver a situação do nosso relacionamento, mas não aceitou quando eu disse que não quero mais nada com ela e tentou me beijar. Foi nesse momento que você e Clara chegaram, eu não estava beijando a Emilly, estava tentando me desvencilhar dela.

— E você quer que eu acredite que um homem do seu tamanho não consegue se livrar dos braços de uma magricela ruiva? — Eu sentia a raiva emanar pelos meus poros.

— Você tem que acreditar, essa é a verdade. — Cerrou os punhos rente ao corpo. — Eu estava me sentindo extremamente desconfortável com a proximidade dela, mas tentei ser educado ao repeli-la, e não usar da agressividade.

— Isso é ridículo! — falei dando as costas para ir embora.

— Laura, você tem que acreditar em mim, eu nunca te magoaria — suplicou.

— Me dê um bom motivo para acreditar em você. — Olhei para ele furiosa. — Por que eu deveria acreditar que tudo o que acabou de falar é verdade?

— Porque eu te amo!

Meu corpo ficou paralisado, impedindo-me de ter qualquer reação, a não ser encará-lo, todo molhado pela chuva, com uma expressão doce e os olhos suplicantes.

— Você o quê? — Minha voz saiu como um sussurro inaudível.

Enquanto as pessoas ao nosso redor corriam tentando se refugiar, nós ficamos ali, imóveis, perdidos no olhar um do outro. Ele caminhou na minha direção, sem desviar os olhos dos meus. Senti um frio na barriga, uma sensação estranha e boa ao mesmo tempo, que se intensificava a cada passo que ele dava, assim como Clara descreveu mais cedo.

Quando ele chegou bem perto, eu coloquei a mão em seu peito para impedi-lo de avançar ainda mais. Nunca tinha ficado tão próxima dele como naquele momento, só então vi com clareza cada detalhe do seu belo rosto: uma cicatriz na têmpora direita, o furinho no queixo, a barba por fazer, aqueles penetrantes olhos verdes. A beleza harmônica de seu rosto me deixou encantada. O perfume que provinha do seu corpo me inebriava, a ponto de não sentir mais meus pés no chão, causando um formigamento no meu corpo inteiro, uma sensação nova. Sob a palma da minha mão que estava apoiada em seu peito, senti o coração dele bater tão acelerado quanto o meu.

— Eu amo você! E percebi isso no momento em que te vi saindo por aquela porta, pois senti que meu coração tinha ido junto contigo.

Ele colocou a mão na minha nuca, por debaixo dos cabelos completamente molhados, e me puxou para junto de si. Eu tentei resistir, mas era inútil, meu corpo não reagia mais aos meus comandos. Então, apenas fechei os olhos e rendi-me ao seu abraço e entreguei-me a um beijo doce e molhado. Nossos lábios se encontraram, ávidos um pelo outro, urgentes, mas delicado.

Aos poucos, enlacei meus braços em volta do seu pescoço, enquanto ele percorria suas mãos pela minha cintura, puxando-me cada vez mais para perto. Nossos corpos emanando calor, apesar de estarmos molhados, e naquele momento não existia mais nada, nem raiva, nem tristeza, nem Emilly. Só nós dois e a chuva.

As lembranças de nossos momentos juntos, desde o seu despertar do coma até a noite do jantar, passaram pela minha mente como um filme. Todas as conversas, olhares e toques, ganharam sentido. Mas eu não podia me deixar levar por meras sensações, não podia ficar vulnerável antes de tudo estar devidamente esclarecido, então, mesmo relutante, afastei-me de Marcos.

— Isso não está certo — falei cobrindo a boca ainda quente pelo contato com os lábios dele.

— Claro que está — respondeu sem pestanejar.

— Eu tenho meus princípios, não posso abandoná-los — tentei

argumentar.

— E não vai precisar fazer isso — ele disse com um sorriso de lado.

— Mas meu pai não concordaria com nosso relacionamento — aleguei.

— Não se preocupe, eu falarei com ele — declarou com uma piscada de olho.

— Como pode investir tanto em mim se não sabe dos meus sentimentos por você? — Fiz a pergunta com medo da resposta.

— Se não gostasse de mim, não estaríamos aqui agora. — Cravou os olhos nos meus.

— Sem mais objeções — decretei.

— Até que enfim! — Marcos sorriu e envolveu-me para mais um beijo.



Como explicar a sensação de ter Laura em meus braços?

Como descrever o gosto do seu beijo?

E como esconder a minha felicidade por estarmos juntos?

Simplesmente, não dava. Era tão forte que eu nunca imaginei sentir algo assim. Meu corpo se aqueceu, senti o sangue correndo em minhas veias, senti-me vivo! Era como se qualquer pessoa pudesse ouvir as fortes batidas do meu coração.

Conseguia sentir a eletricidade que nós dois causamos um no outro. Cada segundo que passei com Laura foi o alimento necessário para esse amor crescer, e as barreiras que surgiram entre nós, serviram para fortalecer os

meus sentimentos. Tudo aconteceu como tinha que acontecer, com o tempo certo para cada ocasião. Eu tinha fé que após aquela noite as coisas iriam melhorar cada vez mais.

Laura tremia de frio, então resolvemos ir para casa e andamos, abraçados, em direção ao carro que estacionei na outra rua. Enquanto caminhamos, ela se aconchegou mais em meu abraço e não pude evitar o sorriso que surgiu em meus lábios.

Em poucos minutos chegamos em minha casa e entramos, encharcados e tremendo. Estavam todos na sala, com cara de apreensão e preocupação.

— Mas o que houve com vocês? Estão ensopados, vão acabar se resfriando! Por que não pensam nas consequências dos atos de vocês? Onde já se viu, saírem no meio dessa chuva? — Mamãe começou a tecer sermões para todos os lados.

— Calma, mãe, está tudo bem — tentei apaziguar a situação.

— Não está tudo bem, Marcos. Você ainda tem muito o que nos explicar — disse papai em tom severo.

— Claro, eu vou explicar tudo, mas será que podemos nos secar primeiro? — inquiri apontando para Laura, encolhida de frio ao meu lado.

— Oh, meu Deus, é claro! Vem Laura, vou te dar uma toalha.

Mamãe a levou até seu quarto para se secar e eu fui para o meu. Tirei a roupa molhada, sequei-me e vesti algo mais quente. Antes de sair do quarto, peguei uma jaqueta de couro em meu guarda-roupa e desci para a sala, onde encontrei todos sentados, inclusive Laura, que vestia uma roupa que Clara lhe emprestou. Aproximei-me dela e coloquei a jaqueta em suas costas, beijei uma de suas bochechas e me sentei ao seu lado.

Em frente aos olhos inquisitivos da minha família, senti-me um pouco nervoso e até inseguro, mas Laura segurou minha mão com força. Olhei para ela, que sorriu e disse que iria ficar tudo bem, então encarei meus pais, que ainda estavam furiosos pelo inconveniente com Emilly. Esclareci tudo e, pouco depois, mamãe já estava abraçando Laura, por saber que nos entendemos, enquanto Clara dava pulinhos de alegria. Papai pôs a mão em meu ombro e disse que eu deveria falar com a família dela. Concordei com ele e disse que resolveria tudo ainda naquele dia.

Mamãe se ofereceu para deixar Laura em casa e falei que iria junto. Laura e eu fomos no banco de trás, abraçados; ela estava com a cabeça apoiada em meu ombro e eu, acariciando seu braço. A pele dela era tão macia

quanto seda e o seu perfume tão doce como as flores da primavera. Tê-la junto a mim era como poder segurar o mundo com as mãos.

— Mãe, podemos passar naquele lugar antes? — perguntei mirando os olhos dela no retrovisor.

— Claro que sim — respondeu sorrindo.

— Que lugar? — Laura questionou apreensiva.

— Você saberá em um minuto — falei enquanto contornava seu rosto com as costas da mão.

Mamãe estacionou o carro em uma ampla avenida, que já não tinha mais tanto fluxo de veículos àquela hora. Laura olhou ao redor e em seguida, para mim, no aguardo de uma explicação para o que estava acontecendo.

— Lembra quando falei que você não irá precisar abandonar seus princípios para ficar comigo? — perguntei olhando em seus olhos.

— Lembro.

— Então, eu disse isso porque compartilho dos mesmos valores que você agora.

— Não estou entendendo. — Olhou para minha mãe e depois para mim.

Mostrei a ela, pela janela do carro, um prédio modesto e bem iluminado do outro lado da avenida.

— Aquela é a igreja onde eu congrego.

Laura me olhou com espanto, porém logo um sorriso se formou e sua expressão tornou-se radiante. Abraçou-me apertado por um tempo e em seguida perguntou, intercalando o olhar entre mamãe e eu.

— Mas, como? Quando? Por que não me contou?

— Creio que eu seja a culpada, Laura — mamãe disse sorrindo. — Você se lembra de quando eu ficava no hospital dia e noite, sem comer ou dormir e só chorava? — Laura assentiu. — Naqueles dias, uma vizinha e amiga, vendo meu sofrimento, disse que tinha o bálsamo para a minha dor. E eu, ávida por um consolo, vim com ela para essa igreja, onde conheci Jesus e apresentei Marcos a Ele também.

— Quando contei dos meus sentimentos por você para mamãe — continuei a história —, ela me disse o quanto você é diferente e especial. Eu já sabia de tudo isso, mas não da forma que ela quis me dizer, então, para eu compreender, mamãe me trouxe à igreja. — Enxuguei uma lágrima que corria em seu rosto. — Eu estava em um momento de dúvida, perdido e sem saber o que fazer da minha vida, e a experiência que tive ao conhecer a Deus

foi algo inexplicável, e o vazio que tinha em mim foi preenchido. Ainda tenho muito o que aprender, mas hoje eu sei que Deus vem em primeiro lugar e que sem Ele, eu não sou nada. Espero poder crescer espiritualmente junto com você, se permitir.

— É claro. Claro que permito! Não sabe como estou emocionada ao saber disso, Marcos — disse com euforia. — E por você também, Ana!

— Sei, sim! — Dei-lhe um beijo rápido. — Agora vamos, tenho algo importante para fazer quando você chegar em casa.

Laura ergueu uma das sobrancelhas, mas eu apenas sorri e a abracei apertado.

Ao chegarmos em sua casa, entrei junto com ela, a fim de falar com dona Ângela e senhor Jorge. Quando entramos, ambos estavam na sala e me cumprimentam com educação, apesar do aperto de mão um tanto forte demais da parte do pai de Laura. Mas não me intimidei e concluí o que fui disposto a fazer. Disse a eles que amava a filha deles e que não era minha intenção fazer nada que os desagradasse, portanto, convidei-os para um jantar em minha casa, com o objetivo das famílias se conhecerem melhor.

Eles aceitaram e agradeceram o convite. Despedi-me de Laura com mais um beijo e fui embora com o coração em frangalhos, por ter que ficar longe dela.



Mamãe estava tão nervosa e ansiosa quanto eu, por causar uma boa impressão aos pais de Laura. Preparou todo o jantar com o maior esmero e a casa estava impecavelmente limpa e organizada. Papai e Clara conversavam animados no sofá, enquanto eu andava para lá e para cá na sala de jantar, olhando pela janela a cada cinco segundos.

— Marcos, você vai acabar fazendo um buraco no chão, de tanto andar de um lado para o outro — Clara me provocou. — Fique calmo, é só um jantar e não o seu casamento.

— Não começa, Clara — retruquei impaciente.

Ela riu e voltou a conversar com meu pai. Talvez ela tivesse razão, eu não deveria estar tão nervoso, era apenas um jantar para que nossas famílias se conhecessem, nada poderia dar errado. Nada daria errado. Dei um pulo de susto ao ouvir a campainha. Eles tinham chegado! Então se instaurou a dúvida: eu abriria a porta ou esperaria minha mãe abrir?

— Vai ficar aí parado feito uma estátua ou vai abrir a porta para sua namorada? — perguntou Clara, divertindo-se com meu nervosismo.

Abri a porta e lá estava ela, mais linda que da última vez que a vi, dois dias atrás. Convidei-os para entrar e fiz as devidas apresentações. Dona Ângela ofereceu ajuda à minha mãe na cozinha, e Clara puxou Laura para um canto e começaram a cochichar. Meu pai conversava com o senhor Jorge sobre economia, enquanto eu fingia escutar e gostar do assunto, mas sem tirar os olhos de Laura.

O jantar foi servido e, para meu alívio, não havia clima tenso, apenas descontração. Os assuntos eram os mais variados possíveis e a noite foi curta para tanta conversa. Tudo havia ocorrido como o esperado, ou até melhor.

— Devo confessar que eu estava bastante cético a seu respeito — o pai de Laura disse para mim no momento da despedida. — Mas agora eu não tenho motivos para duvidar do seu caráter.

Aquela foi a aprovação dele. Laura ficou radiante que todos tenham se dado tão bem! E eu não podia estar mais feliz com tudo aquilo. Finalmente minha vida estava entrando nos eixos e eu tinha tudo que precisava para construir a vida que eu desejasse dali em diante. As lembranças perdidas do passado pareciam não ter relevância alguma para os meus planos futuros.



No dia seguinte, para aproveitar a de folga de Laura, fomos à praia pela manhã com nossas mães e Clara. O dia não estava tão quente e corria uma brisa fresca, então Laura e eu resolvemos andar um pouco na beira do mar, lado a lado, de mãos dadas e molhando nossos pés nas águas mornas.

Em certo ponto de nossa caminhada, avistamos algumas grandes pedras, onde nos sentamos para descansar um pouco e admirar a paisagem. Comentamos sobre o jantar do dia seguinte e sorrimos ao lembrar que foi um sucesso, principalmente porque o pai dela desconsiderou a primeira impressão que teve sobre mim.

Ao admirar Laura com seus cabelos brilhando ao sol, a pele corada e aqueles encantadores olhos escondidos pelos óculos escuros, comecei a pensar que Deus colocou em meu caminho a mulher perfeita. Eu era capaz de visualizar um grande futuro para nós, com cada detalhe: casamento, filhos,

netos, envelhecer juntos. Não conseguia me imaginar vivendo sem a Laura. Minha vida recomeçou com ela ao meu lado e era assim que iria permanecer, até quando Deus nos permitisse.

— Por que está me olhando desse jeito? — ela indagou, tirando-me dos meus pensamentos.

— Estou apenas admirando a mulher mais linda deste mundo!

— Não deixe sua mãe ouvir isso. — Laura abriu o mais radiante dos sorrisos, capaz de competir com o sol.

— Por falar nisso — desci da pedra onde estava sentado —, acho que devemos voltar.

— Tem razão, ficamos ausentes por muito tempo.

Ajudei-a a descer para começarmos nossa caminhada de volta e, ao olhar para trás, vi as pegadas que deixamos na areia e fui tomado pela fé e esperança de um futuro bom.

— Vê essas marcas? — Mostrei a ela nossas pegadas.

— Sim, vejo! Por quê? — perguntou confusa.

— Porque esses são nossos primeiros passos de uma vida juntos. — Tirei seus óculos e contemplei seus lindos olhos. — Está pronta para dar os próximos?



Ana e Ricardo resolveram passar o fim de semana no sítio da família, localizada em uma cidade do interior. Somente os dois. Portanto, Marcos e eu ficamos encarregados de cuidar da Clara.

— Isso é humilhante! — disse ela com raiva. — Eu já tenho quase dezoito anos, não preciso de babá.

Mas, apesar das lamentações da jovem, os dias foram animados: ida ao cinema, manhã na praia, pizza no almoço e sorvete no jantar, sem hora de ir para a cama.

No domingo à noite, voltamos da igreja com o intuito de dormir cedo, pois Ana chegaria cedinho na manhã seguinte e não queríamos levar bronca. Clara subiu direto para o quarto, dizendo que estava cansada e com sono,

enquanto Marcos e eu assistimos a um filme água com açúcar na televisão. Na metade do filme, a campainha tocou e Marcos levantou para atender a porta, comigo logo atrás dele. A pessoa que estava de pé na nossa frente, tinha uma expressão abatida e os cabelos desgrenhados, mas o olhar estava frio e sem brilho, como se não houvesse mais vida ali dentro, o que me deixou com um pouco de medo.

— Emilly? — disse Marcos com surpresa. — O que faz aqui?

— Eu sei que já é tarde, mas precisava vir falar com vocês. — Seu tom de voz era calmo, quase amigável. — Só quero me desculpar por todos os problemas que causei aos dois.

Marcos e eu trocamos olhares confusos. Não era do feitio dela se desculpar e, se ela realmente estava fazendo isso, era porque havia algo errado.

— Está tudo bem, tudo aquilo ficou no passado, não importa mais — Marcos falou mudando o peso de uma perna para a outra. — Obrigada por vir, boa noite!

— Só um momento — Emilly o impediu de fechar a porta. — Será que eu posso entrar e beber um pouco de água? — Vendo a hesitação dele, insistiu. — Por favor!

— Tudo bem — eu disse para quebrar o clima ruim. — Eu busco um copo com água para você.

Contra sua vontade, Marcos a deixou entrar, mas manteve a porta aberta, deixando claro que ela não era bem-vinda. Fui até a cozinha, peguei uma garrafa com água na geladeira e derramei o líquido no copo. Ao voltar para a sala, vi Emilly andar pelo cômodo, avaliando a mobília, até parar em frente à mesa onde havia deixado sua bolsa ao entrar.

— Eu trouxe uma surpresinha para vocês — ela disse de costas para nós.

Aquelas palavras cobertas de sarcasmo me fizeram tremer um pouco. Vindo dela, não deveria ser boa coisa, principalmente por demonstrar não estar em seu estado normal. Olhei para Marcos, que percebeu minha tensão e entrelaçou nossas mãos, me dando um beijo na testa em seguida.

— O amor não é realmente lindo? — falou ela com frieza.

Voltamos nossa atenção para a visitante inesperada. Emilly se virou, devagar, para nos encarar. Seus olhos estavam vermelhos, insanos, e seus lábios sustentavam um sorriso doentio. Ela tinha um objeto nas mãos, que foi se revelando aos poucos: era pequena e prateada, brilhava com a incidência

da luz. Era uma arma e a estava apontado para nós.

Assustada, derrubei o copo que eu trazia na mão, que se quebrou em mil pedaços e molhou boa parte do piso. Marcos enrijeceu os músculos, fechando os punhos ao lado do corpo. Cheguei a duvidar que tudo aquilo estava acontecendo, de tão surreal que era tal cena.

— O que está fazendo, Emilly? — Marcos perguntou com cautela. — Abaixе essa arma.

— Eu vim lutar pelo que é meu — disse ela com firmeza. — Não vou desistir de você, Marcos! Você é meu e de ninguém mais.

— Você só pode ter enlouquecido — ele respondeu transtornado. — Eu não sou nenhuma mercadoria, nem sou propriedade de ninguém. Pensei que tivesse deixado isso claro no outro dia.

— Calma, Marcos! — Intervim. — Emilly, larga essa arma, vamos conversar.

— Estava demorando para a enfermeirinha de araque se envolver na conversa — ironizou. — Nada disso estaria acontecendo se você não tivesse ficado no meu caminho.

— Emilly, isso não é um jogo onde disputamos um prêmio e nem é uma guerra pela qual devemos lutar até a morte para conquistar o território almejado — mesmo com medo do que ela pudesse fazer, falei com convicção. — Trata-se da vida do Marcos, das escolhas dele, e ninguém tem o direito de interferir.

— Aí é que você se engana, querida — elevou a voz. — É uma guerra sim, e cada um usa as armas que tem.

— E o que pretende fazer, me matar? — Marcos gritou bastante irritado. — O que você vai ganhar com isso?

— Matar você? — Emilly deu uma gargalhada estridente. — Claro que não, querido! Eu vou eliminar o empecilho que nos impede de ficarmos juntos.

Emilly apontou a arma para mim, mas Marcos se colocou na minha frente, para me proteger. Eu agarrei no braço dele com força, e apesar de estar apavorada com o que Emilly poderia fazer a nós, minha raiva por não poder fazer nada era maior que tudo.

— Vai ter que me matar primeiro — Marcos disse estreitando os olhos.

— Não seja ridículo, Marcos! Daria a sua vida por alguém tão insignificante? — Fez cara de tédio. — O que você viu nela? Não tem nada a

te oferecer. Ela nem ao menos é bonita.

— Eu vi bondade, gentileza, doçura — ele dissertou. — E você não tem nada disso, Emilly. É uma pessoa amarga, vazia, rude com todo mundo. Não sei como me interessei por você um dia.

— É só olhar para mim! — ela bradou, como se aquilo a tivesse ferido. — Se interessou por mim porque sou linda e tenho um corpo desejável, de deixar qualquer homem louco! Inclusive você.

— Beleza não é tudo — Marcos gritou de volta. — Na verdade, beleza não é nada, e agora eu enxergo isso. Se antes eu te queria por ser bonita, hoje não te desejaria nem se minha existência dependesse disso.

Emilly assumiu uma expressão de choque e seus olhos começaram a marejar. Seus ombros esmoreceram e ela abaixou a arma devagar, enquanto encarava Marcos, como se estivesse se certificando a veracidade do que acabara de ouvir.

— Quero que saia da minha casa agora ou eu chamarei a polícia — disse ele entredentes.

Como em um passe de mágica, Emilly corrigiu a postura e o vazio voltou ao seu rosto.

— Vai ser desse jeito, querido? Tudo bem, foi você quem pediu. Ninguém me dá um fora e sai vivo para contar a história.

Emilly engatilhou a arma e a segurou com as duas mãos, apontando para Marcos. Mas, subitamente, ela voltou sua atenção para uma voz vinda atrás de si.

— Que barulho é esse, Marcos? — Clara perguntou enquanto descia a escada, mas parou nos últimos degraus ao ver que Emilly estava armada.

— Ora, ora! Olha só quem veio para a nossa festinha — cantarolou com um sorriso perverso.

— Deixe ela em paz! Clara, volta para o quarto — falei com urgência, mas Clarinha não se mexeu.

— Agora, Clara, vai! — Marcos gritou ainda mais nervoso.

Clarinha não se moveu, estava paralisada, em choque. Marcos deu dois passos em direção à escada, mas Emilly o deteve, apontando a arma para sua cabeça.

— Nem mais um passo — ordenou com rispidez.

Puxei-o para o meu lado novamente e, na tentativa de controlar o tremor que havia nas minhas mãos, agarrei as suas, mas de nada adiantou, as dele tremiam tanto quanto as minhas. Consegui ver o medo em seus olhos

quando ele observava Clara chorar sem conseguir sair do lugar.

— Fica calmo, amor, vai dar tudo certo — sussurrei em seu ouvido. Era o máximo que poderia fazer no momento, até que aquele pesadelo acabasse.

— Sabe Marcos, eu vim aqui decidida a recuperar nossa relação e, quem sabe, aquele velho amor que você sentia por mim. — Caminhou, bem devagar, para mais perto de nós. — Mas agora, depois de tantas palavras grosseiras, eu estou com muita vontade de te machucar. O problema é que eu não consigo me decidir onde eu atiro. No abdômen? Na cabeça, talvez? Ah, já sei! No meio das pernas — enquanto ela falava, ia passando o cano do revólver nas partes do corpo dele, seguida de uma risada rouca. — Boas opções, não são? Mas eu acho que vai doer mais se eu acertar o coração.

Prendi a respiração por dois segundos ao imaginar que a qualquer momento eu poderia perder o homem que amava. E eu nem cheguei a declarar isso a ele com todas as letras, estava esperando o momento perfeito. Eu não suportaria perder mais alguém.

Mas, ao invés de Emilly apontar a arma para o peito de Marcos, ela deu meia volta nos calcanhares e mirou na Clara.

— NÃO! — Marcos gritou em desespero.

Tudo aconteceu em um milésimo de segundo: Emilly apertou o gatilho, mas eu, num impulso, me joguei em cima dela, desviando seus braços do alvo e caindo no chão junto com ela. Ouvi o som do disparo e um grito doloroso vindo da escada.

Consegui me levantar primeiro e, antes que ela alcançasse o revólver, o chutei para longe. Emilly tentou escapar, mas consegui imobilizá-la, usando uma das técnicas de defesa pessoal que havia aprendido com meu primo Levi. Segurei firme seus braços para trás do corpo.

— Ai! Está me machucando — ela gemeu com o rosto muito próximo ao chão.

— Ótimo! — falei bem perto dela, para que visse a minha raiva e acreditasse nas minhas próximas palavras. — E vai ser ainda pior se você tentar fugir. Entendeu?

Ela concordou, mais frustrada que assustada.

— Laura, a Clara está ferida e sangrando muito — a voz de Marcos estava trêmula e cheia de preocupação.

Deixei Emilly em um lugar onde pudesse vê-la e fui em direção ao Marcos, mas antes lancei um olhar fulminante para aquela figura ruiva e

deplorável encolhida em um canto escuro da parede. De forma alguma eu poderia confiar nela, mas eu não tinha outra alternativa a não ser deixá-la sozinha por alguns instantes para ajudar a Clara.

— Coloque-a no sofá, com cuidado — falei após fazer uma rápida análise do ferimento.

Antes de qualquer outra coisa, tirei o celular do bolso e disquei para a emergência. Duas chamadas depois uma mulher atendeu.

— Você ligou para o 190, em que posso ajudar?

— Por favor, preciso de uma viatura da polícia e uma ambulância com urgência — falei rapidamente.

— Qual a ocorrência, senhora?

Olhei para Emilly antes de responder e não vi nada em seu rosto que pedisse absolvição: nem arrependimento ou culpa. Tudo que eu via era uma pessoa fria, sem sentimentos ou consciência.

— Houve uma tentativa de homicídio — respondi.

— Onde está o suspeito? Há vítimas?

— A suspeita está rendida e sob controle. A vítima — corri até o sofá, onde Clara chorava e gritava, sentindo dor — foi baleada na coxa esquerda e está perdendo muito sangue.

— Mandarei as viaturas imediatamente, senhora, por favor, me passe o endereço completo.

Após dar todas as informações necessárias para a moça ao telefone, mudei meu foco para Clara. Na faculdade de enfermagem, a primeira coisa que aprendemos é que precisamos manter a calma acima de tudo, essa era a base de um trabalho executado com sucesso e sem erros. Não era uma tarefa fácil, ainda por cima quando envolvia alguém do seu convívio, como era o caso. Respirei fundo e tentei controlar o tremor das mãos, então comecei a avaliar melhor o ferimento. Marcos estava ao lado de Clara, alterado e segurando a mão da irmã. De repente, ele levantou de punhos cerrados e com os olhos fervendo de raiva foi em direção a Emilly, mas eu o impedi.

— Marcos, não! — Entrei na sua frente, impedindo-o de seguir. — Não faça nenhuma bobagem.

— Mas essa louca tentou matar a nós dois e quase mata a minha irmã — gritou sem conseguir evitar que uma lágrima corresse pelo seu rosto.

— Eu sei, eu também estou assustada, mas se fizer alguma coisa com ela, é você quem vai se prejudicar. — Segurei seu rosto entre minhas mãos. — Neste momento a Clara precisa da gente, ela é mais importante.

— Tem razão!

Voltamos para o sofá e pedi que ele me trouxesse uma caixa de primeiros socorros.

— Clarinha, presta atenção — eu falava tentando ser ouvida em meio ao seu choro. — Eu não sou médica, então não sei ao certo qual a gravidade do seu ferimento, mas vou tentar estancar o sangramento. Isso pode doer um pouco, tudo bem?

Ela respondeu que sim, em meio aos soluços. Marcos voltou com os materiais que pedi e logo comecei a fazer o procedimento de conter o sangramento, o que fez Clara gritar, pois precisei pressionar um pouco o ferimento. Após poucos minutos consegui controlar a vazão de sangue. Marcos sentou no sofá, colocou a cabeça dela em seu colo e ficou acariciando seus cabelos, tentando acalmá-la. Enquanto isso, eu fui até Emilly. Agachei-me e olhei bem nos olhos dela, antes de perguntar o que queria.

— Por que fez isso?

— Eu já falei, só queria que ele sofresse — respondeu com impaciência.

— Eu não estou falando de hoje. — Franzi o cenho. — Quero saber por que você fez isso com a sua vida. Você é jovem e bonita, pode ter qualquer homem que quiser, porque mendigar por um amor que não existe mais?

— Amor? — Ela riu com deboche. — Você acha que fiz isso tudo por amor?

O seu olhar frio chegou a me dar um arrepio.

— Se não foi por amor, qual é a motivação?

— O único amor que eu conheci na vida foi o da minha mãe, que morreu quando eu era criança. Ela deixou a mim e meus três irmãos menores com um pai que trabalhava dia e noite e que nunca me deu nada — contou com amargura. — Meu pai é policial e, depois da morte da minha mãe, dobrou todos os turnos no trabalho, mas mesmo assim ganhava uma *merreca*, mal dava para botar comida na mesa. Ele nunca me deu atenção, nunca estava em casa e nunca sobrava dinheiro para que eu pudesse fazer algo que gostasse. Então, eu jurei a mim mesma que não iria viver na miséria pelo resto da vida, eu teria tudo o que sempre desejei.

Emilly narrou para mim, como se estivesse conversando com uma amiga de longa data, toda a sua história dela.

Quando ela completou dezesseis anos, conheceu um homem muito

rico e viúvo, ele a achava linda e a desejava, então se entregou a ele em troca de uma vida de cheia de regalias e luxo. Alguns anos mais tarde o viúvo morreu, mas ela não teve direito a nada que ele possuía. Depois disso, saiu a procura de outro homem que pudesse lhe proporcionar aquilo que julgava merecer, até que encontrou o Marcos.

— No começo eu até me apaixonei, mas ele era muito carente, ciumento, quase paranoico. Eu fui ficando sem paciência e acabávamos brigando.

Emilly contou também que, em um dos shows da banda do Marcos, foi apresentada a um empresário que se interessou por ela. Então decidiu terminar o namoro com Marcos, mesmo sabendo que ele a amava.

— Na semana seguinte ao acidente do Marcos, esse empresário decidiu que não queria mais nada comigo. Tive que voltar para a casa do meu pai, aquele chiqueiro onde nada havia mudado, tudo continua a mesma pobreza de sempre. Por isso eu resolvi procurar o Marcos novamente.

— Como você consegue viver assim, sem sentir nada? — Aquele relato me deixou aturdida. — Qual é o sentido da sua existência, então?

— Eu já falei, *queridinha*, gosto de conforto e luxo. É isso que eu busco.

— Mas você poderia ter as duas coisas, Emilly. — Eu estava disposta a abrir os olhos dela para a verdade. — Poderia conseguir as coisas que te dão prazer através do seu próprio esforço, com trabalho, força de vontade, determinação e foco. E o amor você já tinha, mas não valorizou.

— Me poupe do seu sermão da montanha, Laura — disse com raiva. — Eu sei que poderia fazer tudo isso que você disse, mas preferi fazer as coisas do modo mais fácil.

— Não há modo fácil, existe apenas o modo certo de fazer as coisas. E como dizem, tudo que vem fácil, vai fácil — falei com calma. — E olha só o que você conseguiu para sua vida com essa loucura que fez hoje. Já parou para pensar para onde você vai agora? — Fiz uma pausa para que ela assimilasse o que eu estava dizendo. — Pense nisso, ainda há tempo de mudar as coisas.

Ouvi as sirenes se aproximando. Sem dizer mais nada, levantei e comecei a me preparar para as próximas horas, que não seriam nada fáceis.

Enquanto os policiais colocavam Emilly dentro uma viatura, os paramédicos prepararam Clara para removê-la até o hospital. Marcos foi na ambulância com a irmã e eu os segui de carro, apesar da insistência dos

policiais em querer que eu os acompanhasse até a delegacia para oficializar a queixa. Decidi resolver isso em outro momento, não deixaria Marcos sozinho em uma hora como aquela. A caminho do hospital, liguei para Ana contando o ocorrido e, como era de se esperar, ela se desesperou dizendo que estariam voltando imediatamente.

Na emergência do hospital, Clara foi levada para fazer exames, enquanto fazíamos a ficha dela. Na verdade, eu fiz a ficha, pois Marcos andava de um lado para o outro, passando a mão pelos cabelos. Pedi que se sentasse um pouco, mas ele se recusou, não conseguia ficar parado por causa do nervosismo. Eu me preocupei, nunca o tinha visto tão aflito, sem mencionar a palidez e o suor excessivo.

O médico apareceu para nos dar informações e disse que Clara precisaria passar por uma cirurgia para a retirada da bala. A notícia chegou como um tapa violento em Marcos, que começou um pranto inconsolável. Distanciei-me de Marcos para falar com o médico e pedir que me informasse a gravidade do ferimento, mas ele saiu com pressa para a sala de cirurgia sem me dar mais informações. Quando retornei à recepção para dar um abraço em Marcos e dizer-lhe algumas palavras de conforto, encontrei ele apoiado na parede prestes a cair. Corri em sua direção e cheguei a tempo de segurá-lo, mas ele já estava inconsciente.

— Marcos, acorda — disse com o pavor vindo à tona.

Sentada no chão, apoiando sua cabeça em minhas pernas, toquei seu rosto e constatei que estava ardendo em febre e não reagia aos estímulos que fazia na tentativa de trazê-lo de volta à consciência.

— Por favor, alguém me ajuda — gritei em desespero.

Alguns enfermeiros vieram e o levaram para um leito vazio da emergência, onde foi atendido de imediato por um médico que de pronto receitou um medicamento para baixar a febre. Vendo-o desse jeito, inerte em cima de uma cama de hospital, com aparelhos ligados a ele, era como se voltássemos para onde tudo começou. Segurei uma de suas mãos entre as minhas, sem conseguir evitar as lágrimas, e veio em minha cabeça lembranças fortes e felizes, recordações de momentos únicos que tivemos. Ele salvou minha vida de uma tristeza sem fim e trouxe de volta a cor e o sabor ao meu mundo. Não podia perdê-lo!

Lembrei-me de Ana. Como dizer a ela que Marcos também não passava bem?

Pedi que Deus me desse forças!

Deixei Marcos aos cuidados de uma enfermeira e fui para a recepção esperar por Ana e Ricardo, que não tardaram a chegar. Quando eles entraram no hospital, fiz uma coisa que estava com vontade de fazer há horas: abracei-os. Tudo que eu precisava era de um pouco de alento para o meu coração atribulado, para que eu não desmoronasse de vez.

Respondi a todas as perguntas deles enquanto esperávamos novas notícias de Clara. Ficamos revezando, ora na recepção, ora na emergência com Marcos.

O dia já começava a nascer quando o médico entrou na recepção, procurando os familiares de Clara Bitencourt. Aproximamo-nos, apressados e apreensivos.

— A cirurgia correu bem. — Suspiramos aliviados. — A bala atingiu um músculo da coxa, mas nada que comprometa o movimento do membro. Ela vai ficar com a perna imobilizada por algumas semanas e com bastante fisioterapia estará totalmente restabelecida em poucos meses.

— Graças a Deus! — disse Ana aliviada. — Podemos vê-la?

— Sim, é claro! Ela já está no quarto, mas ainda não acordou da anestesia.

— Tudo bem, obrigada doutor — Ana agradeceu e o médico se retirou. — Você vem com a gente, Laura?

— Agora não, vou ficar com Marcos até ele acordar — disse chorosa. — Por favor, não diga para a Clarinha sobre situação do Marcos, ela não pode se agitar.

O casal foi para o quarto da filha e eu me joguei na primeira cadeira que vi à minha frente. Com o rosto enterrado nas mãos, repassei cada cena da noite anterior. Os danos poderiam ter sido bem piores, todos nós poderíamos ter morrido por causa da insanidade da Emilly. Fiz uma oração de agradecimento, pelo livramento e por estarmos todos vivos. Reuni forças, que só poderiam vir de Deus, pois eu mesma estava esgotada. Levantei-me da cadeira e fui em direção ao leito do Marcos.



Acordei com minha cabeça doendo um pouco. Olhei ao redor. Era um espaço grande com várias camas, algumas ocupadas, separadas apenas por cortinas brancas, e a luz do sol entrava por uma janela no alto da parede, no fundo do quarto. Laura estava sentada em uma cadeira e com a cabeça deitada na cama onde eu estava, mas aguardei um minuto antes de chamá-la, enquanto tentava recordar onde estávamos e o que aconteceu para eu estar ali. Então me lembrei da desgastante noite anterior e, como se acendessem a luz de um quarto escuro, lembrei-me dos dias anteriores.

Estendi a mão e acariciei os cabelos de Laura, que despertou, visivelmente cansada e com os olhos vermelhos. Ela sorriu ao me ver e se

apressou em me dar um abraço apertado.

— Que bom que acordou, fiquei tão preocupada com você — disse com a voz embargada e o rosto enterrado em meu pescoço.

— Calma, eu estou bem. — Afastei-a um pouco. — Cadê a Clara, como ela está?

— Ela está bem. — Laura voltou a se sentar. — Ocorreu tudo bem na cirurgia, agora ela está no quarto se recuperando e seus pais estão lá.

— Eu quero vê-la. — Fiz um esforço para me levantar, mas Laura me impediu, dizendo que o médico tinha que avaliar meu estado antes. — Eu estou bem, não estou sentindo mais nada, só quero ver minha irmã.

— Calma, Marcos — falou na defensiva. — Não precisa ficar nervoso, você vai vê-la logo, mas antes temos que saber o motivo do seu desmaio e da febre, isso não é normal.

Ficamos em silêncio pela próxima meia hora, até o médico aparecer com os resultados dos exames que diziam não haver nada de anormal. Só então fui liberado. Apreensivo, perguntei a Laura o número do quarto onde Clara estava e corri pelos corredores do hospital, até encontrar meus pais conversando com um médico do lado de fora de um quarto. Dei um abraço em cada um deles e entrei para ver como estava a minha princesa. Ela dormia, mas o som de seus gritos de dor ainda se reproduzia em meus ouvidos.

— Ela está bem, filho, só não acordou da anestesia ainda — informou mamãe. — E você, como está?

— Estou bem, o médico disse que o desmaio e a febre aconteceram em decorrência do abalo emocional de ontem — expliquei sem muitos detalhes.

— Com licença! — Laura parou na porta do quarto, ladeada por um casal de adolescentes. — Encontrei esses dois na recepção, querendo saber notícias da Clarinha.

A moça era a Marcela, amiga da Clara, estava abalada e nervosa. Ela correu para abraçar minha mãe, que tentou tranquilizá-la. O rapaz se aproximou da cama e segurou uma das mãos de Clara, olhando-a com veneração e com aparente tristeza em seus olhos.

— E quem é você, rapaz? — perguntei.

— Meu nome é Gustavo, sou amigo da Clara — respondeu acanhado.

— Ele é meu primo, ajudou Clara a estudar para as provas, lembra? — falou Marcela com a voz baixa.

Observei a cena com uma pontada de ciúme, imaginando que deveriam proibir o namoro das irmãs mais novas. Aquele Gustavo estava realmente interessado na minha princesa.

A voz de Laura interrompeu minhas reflexões.

— Bom, eu vou para casa, já que não precisam mais de mim por aqui — disse ela com os olhos marejados e dando as costas para partir.

— Laura, espera! — Corri para alcançá-la. — Preciso conversar algo com você e meus pais.

Deixamos Clara na companhia dos amigos e fomos a um lugar mais reservado para podermos conversar. Então, sem delongas, falei de uma vez.

— Eu me lembro de tudo.

— Tudo o quê? — perguntou Laura.

— Minha memória, ela voltou.

Todos assumiram uma expressão de surpresa e meus pais me abraçaram, felizes. Laura me lançou apenas um sorriso forçado e manteve os olhos fixos no chão.

— Quando eu acordei naquele leito, minhas lembranças estavam todas intactas, como no dia do acidente — expliquei. — Eu ainda não consigo acreditar que Emilly foi capaz de tal atrocidade.

— E por falar nisso — papai me interrompeu —, temos que ir à delegacia prestar a queixa.

— Isso mesmo, Emilly tem que pagar pelo que fez — disse mamãe exaltada. — Eu quase perdi três filhos ontem à noite.

Emocionou-me a forma como minha mãe se referiu à Laura. Todos olhamos para ela, que estava calada e com o olhar distante. Uma lágrima caminhou lentamente até sua boca, mas forçou um sorriso novamente, na vã tentativa de esconder seu estado emocional. Antes que eu falasse qualquer coisa, ela se apressou em dizer que iria para casa.

— Laura, você também foi ameaçada, tem que prestar queixa — enfatizou papai.

— Vão vocês, eu vou depois — ela respondeu já caminhando para a saída.

— Espera, eu te levo em casa — ofereci.

— Não precisa, eu pego um táxi — falou sem olhar para trás.

Fiquei observando-a se distanciar, sem consegui assimilar o que estava acontecendo para Laura agir de forma tão evasiva. Ela não me deu chance alguma de me aproximar, como se não me quisesse perto. E isso

estava acabando comigo, eu me sentia fraco a cada passo que ela dava para longe de mim.

— O que está esperando? — interpelou mamãe. — Vá atrás dela!

Ela não precisou dizer duas vezes. Corri atrás de Laura e a encontrei sentada em uma cadeira num corredor próximo, com o rosto coberto pelas mãos.

— O que está havendo, meu amor, por que está chorando? — perguntei condoído pelo seu pranto.

— Eu estou cansada, esgotada — falou entre soluços. — Não aguento mais essas emoções fortes. Ontem, a Emilly poderia ter atirado em mim e por pouco não mata a Clara. Eu poderia ter visto ela atirar em você bem na minha frente. E depois, ter você inconsciente em meus braços foi demais para mim. Não tenho estrutura para isso, Marcos! Eu não aguentaria te perder, e seria ainda pior se isso acontecesse sem você saber que...

O choro a impediu de continuar, mas eu precisava que ela terminasse o que estava dizendo.

— Sem saber o quê, Laura? — Levantei seu queixo com a ponta dos dedos, até ela me encarar com seus meigos olhos castanhos.

— Que eu te amo, Marcos — disse com a voz trêmula. — Eu amo você mais que a mim mesma, e a simples ideia de te perder me dilacera por dentro. Mas receio que os meus temores estão se concretizando. Não terá espaço para mim com suas memórias de volta.

— Do que está falando, Laura? — perguntei aturdido. — Meu amor, não! Tire essas ideias da cabeça, o que eu sinto por você não mudou, pelo contrário, só aumenta. Eu te amo e nada vai mudar esse fato.

— Você amava a Emilly antes do acidente. E agora, o que sente por ela, já que recuperou a memória?

— Nada que se compare ao que sinto por você. E após o lastimável episódio de ontem, tenho que me esforçar muito para não sentir ódio por ela pelo resto da minha vida.

— E se você perder a memória de novo, e esquecer o que sente por mim?

— Eu vou te amar outra vez! Porque antes de você, agora sei, eu não tinha amado de verdade. O que é verdadeiro permanece, não importa o que aconteça. — Afaguei seu rosto e ela começou a se acalmar. — Eu nunca senti tanto medo na minha vida como senti ontem. Te ver na mira de uma arma foi a pior sensação do mundo, e eu jamais me perdoaria se algo ruim te

acontecesse.

Beijei-a com carinho, sentindo o gosto salgado das lágrimas que desaguaram em sua boca. E então, tudo que a bíblia falava sobre o amor começou a fazer sentido.

O Amor tudo sofre, como eu sofri por ter amado Laura em silêncio e não saber se algum dia seria correspondido.

O Amor tudo crê, porque mesmo sofrendo, eu ainda acreditei que ela me amaria. Tive fé de que tudo daria certo e não desisti dos meus sentimentos.

O Amor tudo espera, assim como aguardei, com paciência, que a dor pela perda de Davi estivesse amenizada e ela estivesse pronta para saber o que sentia por ela. E depois esperei no Senhor que ela pensasse e tomasse sua decisão. Da mesma forma eu esperarei o tempo de Deus para tudo em nossas vidas.

O Amor tudo suporta. As investidas da Emilly são a prova de que o meu amor é forte e pertence apenas a Laura. Suportaria situações como a noite anterior quantas vezes fossem necessárias por ela. Por nós!



Fomos todos à delegacia, conversamos com o delegado e prestamos a queixa. Em seguida, o pai da Emilly apareceu para falar conosco.

— Eu peço minhas sinceras desculpas a todos vocês — disse envergonhado e com as mãos tremendo. — Eu realmente não sei por que Emilly agiu dessa maneira, ela não é uma pessoa ruim.

— Como vai ficar a situação dela? — Laura perguntou.

— Contatei um advogado e ele verá o que pode fazer por ela. Como Emilly é ré primária, talvez ela consiga responder em liberdade — ele respondeu com pesar.

— Eu gostaria de falar com ela — Laura anunciou.

— De jeito nenhum — rejeitei a ideia. — Você não vai ficar sozinha com essa louca.

— Não fale assim, Marcos — repreendeu-me. — Talvez ela esteja doente e precisando de ajuda, mas ninguém tenha percebido isso antes, nem mesmo o senhor. — Referiu-se ao pai de Emilly. — Devo dizer a ela que não

guardo mágoa ou qualquer tipo de rancor. E acho que vocês deveriam fazer o mesmo.

— Laura tem razão — mamãe declarou, depois de tanto tempo calada. — Deus nos ensina a perdoar os nossos inimigos e, fazendo isso, nos livramos de qualquer sentimento ruim que manche o nosso coração, permitindo que sigamos em frente.

Papai e eu relutamos um pouco, mas por fim concordamos que era o certo a ser feito, então, fomos todos falar com Emilly em sua cela.

— A que devo a honra da visita da família real? — falou com ironia. — Vieram ver com os próprios olhos o meu fundo do poço e dar risadas?

— Não, Emilly — Laura começou a falar. — Viemos para que saiba, primeiramente, que a Clara passa bem e o pior já passou. Mas isso não minimiza a gravidade dos seus atos e terá que arcar com as consequências. Entretanto, te perdoamos pelo mal que fez a nós.

— Perdão? — Ela riu. — Quando vocês me ouviram pedir desculpas?

— Sei que sua vida daqui para frente não será fácil, mas ainda há tempo de se arrepender e conhecer o Amor verdadeiro, você pode procurar ajuda.

— Cala a boca, você fala demais — queixou-se irritada.

— Nós estamos aqui de coração aberto e é assim que você reage? — falei insatisfeito. — Estamos fazendo nossa parte! Não guardaremos mágoa, rancor ou qualquer sentimento do tipo em relação a você, Emilly. Mas isso não significa que quero você perto da minha família.

— Quanto a isso, não se preocupem — ela retorquiu resignada. — Vocês nunca mais me verão.

Não foi tão ruim quanto eu pensei que seria. Senti uma leveza no coração após o encontro com Emilly. Mas tudo o que eu mais queria era esquecer aqueles últimos dias e seguir em frente sem olhar para trás, poder, enfim, colocar meus planos em prática sem nenhum impedimento.



Estava tudo saindo como o planejado para o "Jantar de boas vindas da Clara", que era apenas uma fachada para que Laura não desconfiasse de nada. Os convidados já estavam todos cientes do real motivo da comemoração e eu,

como sempre, estava nervoso. Mas também bastante feliz. A cada dia que passava eu tinha certeza do que eu queria para o meu futuro, e os meus sentimentos estavam consolidados por completo. Por isso planejei com muito amor e carinho aquele jantar de noivado.

Seria uma reunião íntima, apenas para as duas famílias, com exceção do namorado da Clara, o Gustavo, que ela insistiu em convidar. Eu detestava admitir, mas eles formavam um belo casal e, o mais importante, minha princesa estava muito feliz. De qualquer maneira eu ficaria vigiando de perto, como garantia de que minha caçulinha não se magoasse.

A campainha tocou e me apressei em abrir a porta. Convidei todos a entrar e fiquei hipnotizado com a beleza de Laura, que apesar da forma simples de se vestir, estava elegante. Conseguia ser atraente, sem ser vulgar. E eu não me cansava de repetir o quanto ela era linda!

Após o jantar, nos reunimos todos na sala e, aproveitando o ensejo, conduzi Laura para o centro do cômodo e fiquei de frente para ela, segurando suas mãos.

— O que está fazendo? — perguntou alarmada.

— Laura, eu gostaria de ter sempre as palavras mais bonitas para te dizer — comecei a falar, ainda bastante nervoso. — Gostaria de ter o dom de saber usar as palavras certas, só para você. Gostaria de agir sempre da maneira mais correta contigo; ser o cara perfeito para você — disse olhando em seus olhos, enquanto ela me encara atônita. — Sinto muito, eu sou humano e sou falho! Mas sei que você me aceita assim, do jeito que eu sou, com todos os erros, imperfeições e falhas. Então... — Tirei uma caixinha do bolso e me ajoelhei diante dela. — Eu gostaria muito que você me aceitasse por toda a vida.

A cara que ela fez de surpresa misturada com felicidade, regada a algumas lágrimas em meio ao sorriso, foi uma cena memorável, que ficaria guardada para sempre em minha memória.

— Aceita se casar comigo? — perguntei, enfim.

— Sim! Mil vezes sim, é claro que eu aceito — respondeu com euforia e todos na sala aplaudiram.

Retirei o anel da caixinha e coloquei em seu dedo, beijando sua mão e logo em seguida, seus lábios, para selar nosso compromisso.

— Eu te amo — declarou.

— Eu também te amo, hoje e sempre!



Um ano e meio, foi o tempo que tivemos para organizar nosso casamento. Eu ainda não conseguia acreditar que finalmente eu diria *Sim* para o homem que eu amo e que estava na sala ao lado, se preparando para a cerimônia.

Desde o dia do pedido, muitas coisas aconteceram: Marcos se recuperou totalmente da lesão na cabeça, voltou a atuar na empresa dele e saiu da banda, mas ainda tocava com os meninos por puro hobby sempre que tinha tempo. Já eu, voltei a trabalhar na emergência do hospital no período diurno que, sem dúvida, era menos estressante.

Durante nosso namoro, pude conhecer mais profundamente o coração de Marcos, e a cada dia que passava eu me apaixonava mais e mais por ele, por ser bom, justo, gentil e sincero. Sempre me tratou com respeito e com

muito mimo. Houveram algumas pequenas divergências, mas nada que não pudesse ser resolvido em questão de minutos. Prometemos evitar as brigas e combinamos que, quando as coisas estivessem difíceis, sentaríamos e conversaríamos. Concordamos que o diálogo era a base de uma relação saudável, juntamente com o respeito.

Marcos me ajudou muito nos preparativos para o casamento, desde os modelos dos convites até as flores que seriam usadas para ornamentar a igreja. Ele foi um noivo bem presente, o que impediu que ambos ficassem sobrecarregados. Nesse meio tempo, também compramos a nossa casa, que decoramos e mobilhamos com satisfação. Não era tão grande, mas era aconchegante, tinha um lindo jardim de inverno na varanda, um quintal espaçoso onde poderíamos criar um cachorro, ou serviria para as crianças brincarem. Era localizada em um bairro tranquilo e próximo dos nossos pais. Tudo foi organizado com muito cuidado e carinho para que ficasse com a nossa cara, do jeito que sempre sonhamos.

Na escolha do vestido de casamento, contei com o auxílio da minha mãe, de Ana e de Clara. Experimentei milhões deles, cada um mais lindo e deslumbrante que o outro e com particularidades diversas: rendas, bordados, pedrarias, transparências, mangas longas, costas nuas, saias cheias, caldas compridas. Antes dessa ocasião eu não fazia ideia que existia infinitos tons e derivações de branco: Branco puro, neutro, opaco, perolado. Foi a escolha mais difícil que tive que fazer e levou quase um mês para eu me decidir.

Por fim, optei por um vestido branco tradicional de caimento leve, apenas contornando minhas curvas, com a linha da cintura mais baixa e a saia, não muito cheia, abrindo perto dos quadris. O decote reto e a manga 3/4 eram de renda, e ainda havia um cinto de cristais como destaque. Não era nenhum vestido digno de princesa, mas estava do meu agrado e eu desejava que meu lindo noivo também gostasse!

No fim das contas, tudo não passava de estética, apenas para celebrar nosso casamento. O que realmente importava era o que a comemoração representava: a união permanente de um homem e uma mulher, em que os dois passam a ser apenas um, vivendo um para o outro e ambos para Deus. Era um passo importante e delicado, que não poderia ser tratado como uma brincadeira. Havia muitas coisas envolvidas na simples decisão de casar-se com alguém: o sentimento que um tem pelo outro, a disposição de dividir as mesmas coisas, a força de vontade de trilhar um caminho juntos. Envolveria renúncia e dedicação, paciência e fé. Seria algo que não se construiria

sozinho e poderia demorar anos até se consolidar. Poderia ser difícil às vezes, e eu me sentir perdida em alguns momentos, mas não era impossível.

Não tinha motivos para arrependimentos em relação a minha escolha. Deus reservou a pessoa perfeita para mim. Alguém que me amava genuinamente, que era forte, persistente e sempre enxergava o meu melhor. E eu o amava, de todas as formas e maneiras possíveis, com todas as forças imagináveis. Marcos me dava forças, me mantinha firme e fez eu me sentir protegida e segura. Com ele eu não temia as adversidades que encontraríamos pela frente, nem tinha medo de planejar um futuro, pois sabia que ele sempre estaria ao meu lado.

Sorri ao me constatar que acordaria todos os dias ao lado dele. Reclamaria das manias, mas não saberia viver sem elas. Teria o calor do abraço dele quando fizesse frio e choraríamos juntos quando viesse a dor. Saberia o que ele estava pensando apenas com uma troca de olhares. Porque amar era isso: entrega, aceitação, cumplicidade e afinidade.

— Laura! — Fui arrancada das minhas reflexões pela minha mãe, que chamou por mim.

— Sim — respondi, voltando minha atenção para ela.

— Você está bem? — perguntou tocando meu ombro. — Estava tão perdida em seus pensamentos que fiquei com receio de incomodar, mas é preciso.

— Eu estou bem, mãe! O que houve? — perguntei preocupada que algo estivesse errado.

— Calma, está tudo bem! — Ela riu da minha expressão. — Só quero dizer que tem alguém querendo falar com você. — Indicou a direção da porta.

Parada na porta, com um elegante vestido azul, a mulher que por muitos anos foi para mim uma segunda mãe, me olhava com os olhos lacrimejantes e um sincero sorriso nos lábios. Fui até ela e dei-lhe o mais forte e caloroso dos abraços, transmitindo todo o meu carinho e gratidão que eu tinha por ela, que mesmo tanto tempo depois da morte do filho, não deixou de me tratar como filha e cuidar de mim.

— Que bom que você veio! — exclamei com as emoções vindo à tona.

— Claro que eu vim, não perderia o seu casamento, minha querida — Silvia respondeu com emoção. — Você está linda e irradiando felicidade! Mas não chore, para não estragar a obra de arte das maquiadoras. —

Enxuguei uma lágrima que saltou sem cerimônia e voltei a abraçá-la. — Bom, só vim porque queria te ver antes de todos, para matar a curiosidade e desejar a você muitas felicidades!

— Obrigada, de verdade, estou muito feliz que esteja aqui — falei com um largo sorriso. — Se quiser cumprimentar o noivo, ele está aqui na sala ao lado.

— Sim, eu já falei com ele.

— Falou primeiro com ele? — Fingi estar com ciúmes.

— Oh, querida, perdoe-me! Não foi por questão de preferência, mas eu tinha um assunto para falar com ele.

— É mesmo? Que assunto? — Estranhei aquilo, afinal, Silvia não conhecia Marcos tão bem a ponto de ter qualquer assunto particular com ele.

— Nada de mais, ele dirá a você na hora certa. Agora eu vou indo, deixarei você terminar de se aprontar. — Abraçou-me mais uma vez e saiu.

Não tive tempo de especular qual seria o tal assunto que Silvia poderia ter tratado com Marcos, pois a fotógrafa e as madrinhas me carregaram para os fundos da igreja, onde havia um lindo jardim, para que fossem tiradas algumas fotos aproveitando a bela iluminação do entardecer.

Clarinha entrou eufórica na sala que fazia às vezes de camarim para mim, minhas madrinhas e as mães dos noivos, dizendo que já estava tudo pronto aguardando nossa entrada. Todas saíram em direção à frente da igreja, menos eu, que seria a última a entrar. Nervosa, comecei a caminhar no recinto, de um lado para o outro, contendo a ânsia de roer as unhas, tão bem-feitas no dia anterior. Ouvi alguém abrir a porta e vi que era meu pai, com um terno impecavelmente alinhado.

— Nossa, pai, está tão bonito! Até parece que é o senhor quem vai se casar. — Rimos da minha piada, na tentativa de afastar o nervosismo.

— Não vou me casar, mas tenho que ficar à altura da noiva mais linda deste mundo, pois sou eu que vou levá-la até o altar — disse sorridente, entrando na brincadeira.

Senti um nó se formar na garganta e meu estômago começou a embrulhar, parecia que só após as palavras de meu pai minha ficha estava caindo. Eu realmente me casaria com o Marcos, e ele estava lá no altar me esperando.

— Filha, sorria, hoje é o seu grande dia! — falou animado, como nunca tinha visto antes. — Parte de mim está triste por saber que você não vai mais estar em casa todos os dias, mas estou muito feliz por saber que

agora vai constituir uma família e um lar feliz. Meu consolo é saber que você ficará bem, filha, ao lado de alguém que realmente te ama.

Sem conseguir mais conter o choro, me joguei em seus braços para um abraço que só ele sabia dar. O abraço que já espantou vários medos e acalentou tantos prantos. Mas não se tratava de uma despedida, eu ainda teria meu pai, apenas não moraríamos mais juntos.

Fomos avisados que era chegada a nossa vez de entrar na igreja, mas, antes de sairmos, papai fez uma oração, a mais linda e comovente que já o ouvi fazer. Enxuguei as lágrimas, retoquei um pouco a maquiagem e partimos em direção à grande porta de entrada.

Segurei firme o braço de meu pai, coloquei o buquê na posição, fechei os olhos e respirei bem fundo. Fiz um aceno para informar que estava pronta, então a música começou a tocar e a porta foi aberta. Todos os convidados se levantaram para me ver entrar. A igreja estava decorada com flores campestres de cores neutras, fitas de cetim e um longo tapete vermelho, pelo qual eu caminharia até encontrar com o meu radiante, porém emocionado noivo.

Marcos conseguiu a proeza de ficar ainda mais lindo. Seus poderosos olhos verdes se destacaram em relação ao seu terno cinza e os cabelos perfeitamente penteados para trás. Sorri ao notar que ele estava com as mãos nos bolsos, um sinal de nervosismo dele.

Começamos a caminhar devagar, papai e eu, pelo charmoso tapete, perante os olhares encantados e curiosos dos convidados. Mas o meu foco era ele, meu noivo, futuro marido e eterno amigo. Chegando ao altar, meu pai beijou-me o rosto e apertou a mão de Marcos, indo até seu assento logo em seguida, ao lado de mamãe.

Marcos tomou minhas mãos nas suas e as beijou. Depois tirou um lenço do bolso para secar meu rosto, e só então me dei conta de que estava chorando. A sensação de estar de mãos dadas com aquele que amo e que eu escolhi para compartilhar minha vida, diante do altar, e receber as bênçãos de Deus, era indescritível.

A cerimônia começou e eu não consegui conter as lágrimas, tamanha era a emoção. O pastor disse palavras lindas e verdadeiras, que tocaram o coração de todos na igreja. Quando chegou momento de dizer nossos votos, Marcos olhando no fundo dos meus olhos e, segurando minha mão, começou a falar.

— Meu amor, hoje é o dia mais feliz de nossas vidas, até agora. Sim, porque a partir de hoje, farei de cada dia que se passar, melhor que o anterior. Você entrou na minha vida quando tudo parecia vazio e preencheu cada lacuna com seu sorriso encantador, sua voz doce, seu olhar meigo, sua força e determinação, suas lágrimas, suas dúvidas, seus ideais e sua fé. Você me mostrou o mundo de uma forma que eu não via, me ensinou a olhar além das aparências e me ajudou a conhecer de perto o nosso Pai Celestial, que hoje abençoa nossa união. União essa que será para a vida inteira, e eu prometo estar ao seu lado em todos os momentos, ser sincero e fiel a ti, sempre fazendo tudo para a glória de Deus!

Eu te amo hoje, mais que ontem! E amanhã te amarei ainda mais que hoje!

Meu coração se aquecia a cada palavra que saía da boca de Marcos, sentindo a veracidade de tudo que foi dito, aumentando ainda mais a certeza de que fiz a escolha certa e de que o sentimento era total e completamente recíproco. Respirei fundo para me recompor e evitar que minha voz saísse muito embargada, então comecei a recitar meus votos, sem desviar um segundo sequer do olhar dele.

— Eu mal consigo acreditar que estou aqui, neste altar, de frente para você, recebendo as bênçãos de Deus pelo nosso casamento. É tudo tão lindo que até parece um sonho! Hoje, meu amor, quero te agradecer por enxugar minhas lágrimas quando estive triste, por segurar minha mão quando senti medo, por compartilhar comigo suas alegrias e respeitar o meu silêncio, por me ajudar a sair de um poço escuro onde eu estava presa e me dar forças para recomeçar. Por tudo isso e mais, muito obrigada! Te retribuirei, fazendo de você o homem mais feliz deste planeta. E aqui, diante de nossas famílias, amigos e, principalmente, de Deus, eu prometo te amar até o último dia de nossas vidas; prometo ser uma amiga para todas as horas, te dar meu colo quando precisar chorar, meu abraço quando sentir frio e o meu coração quando se sentir perdido.

Tu és um presente de Deus para mim e ao teu lado é o meu lugar.

Hoje e sempre, eu te amo!

Ao final, uma lágrima correu pelo seu rosto, mas não foi o suficiente para apagar o seu radiante sorriso. Pedro lhe passou a caixa com as alianças e

Marcos colocou uma no meu dedo anelar da mão esquerda, dizendo que a aliança era o sinal do seu amor por mim e prometeu me amar e respeitar. Eu, prometendo o mesmo, coloquei uma aliança no seu dedo da mão esquerda. Para finalizar, fizemos uma oração belíssima e selamos a cerimônia com um beijo apaixonado. Nosso primeiro beijo estando casados.



A recepção do casamento aconteceu em um buffet não muito longe da igreja. Já estavam todos devidamente acomodados e servidos, enquanto eu e minha deslumbrante esposa dançávamos uma valsa. Deslizamos suavemente pela pista de dança e eu não cansava de admirá-la por estar tão linda e feliz. Aos poucos, outros casais juntaram-se a nós, disputando o espaço destinado para dança.

Em seguida iniciou-se a sessão de fotos que, apesar de exaustiva, foi bastante divertida. Quando fizemos todas as poses possíveis para as câmeras dos fotógrafos, fomos até a mesa reservada para nós dois e então o jantar foi servido. Entre uma garfada na comida e outro gole no champanhe, os meus

padrinhos resolveram, de última hora, fazer um brinde aos noivos.

— Gostaria de fazer um brinde — começou Pedro, erguendo a taça com bebida. — Ao Marcos, que foi um grande homem e amigo!

— Como assim, foi? — perguntei entrando na brincadeira dele. — Está falando como se eu tivesse morrido.

— Cara, você se casou, então dá no mesmo.

— Eu avisei que dava tempo de fugir, mas ele não me ouviu — completou Felipe, com um dar de ombros.

Todos caíram na risada com a brincadeira e, gostando disso, os rapazes continuaram com as piadas, deixando o clima cada vez mais descontraído. Aproveitei que todos estavam distraídos e me distanciei um pouco da aglomeração e do barulho. Tirei do bolso o pequeno envelope que Silvia me havia entregue antes da cerimônia. Acreditei não ser problema ler naquele momento, seja lá o que aquilo fosse.

Abri o envelope e retirei uma folha de dentro, desdobrando-a com cuidado. Fiquei paralisado por um segundo ao reconhecer a caligrafia de Davi. Cogitei a hipótese de que a carta fosse para Laura e não para mim, mas certamente Silvia não se enganaria quanto a isso. Partindo dessa premissa, comecei a ler as poucas linhas escritas.

Caro amigo,

Se estiver lendo esta carta é porque trata-se de um grande dia. Então, antes de mais nada, parabéns pelo importante passo que estão dando em suas vidas!

Creio que deva saber quem sou eu, pois sei que Laura não esconderia seu passado do seu futuro marido, portanto, quero que saiba que nunca foi minha intenção ser um fantasma ou atormentar para sempre a vida de vocês, e o motivo que me leva a escrever esta carta é simples, trata-se apenas de um pedido: cuide bem dela e a faça feliz!

Minha preocupação sempre foi, e ainda é, a felicidade de Laura. Provavelmente, há coisas que você ainda descobrirá sobre ela, pequenos detalhes que fazem toda a diferença, como ela ser alérgica a frutos do mar, balançar a perna incansavelmente quando está nervosa, fazer as mesmas expressões dos personagens dos livros que lê, não suportar injustiça, amar gatos e ficar extremamente sensível em certo período do mês. São coisas que perceberá no dia a dia, com a convivência, e que te farão se apaixonar ainda

mais por ela.

Laura é um ser humano extraordinário! Peço que a faça sorrir todos os dias, lembre-a sempre do quanto é especial e nunca a deixe duvidar de si mesma. E a você, meu amigo, digo-lhe apenas mais uma coisa: agradeça a Deus, todos os dias, por poder acordar ao lado dela.

Felicidades e que Deus os abençoe!

Davi

Dobrei a carta lentamente, voltando meus olhos para a festa até encontrar Laura conversando com as amigas, com uma felicidade que mal caberia num sorriso.

— Não se preocupe, Davi — sussurrei apertando a carta no fundo do bolso. — Farei Laura feliz!

Ela encontrou o meu olhar e gesticulou, de longe, perguntando se estava tudo bem. Fiz que sim com a cabeça e um sinal para que aguardasse um instante. Fui até a mesa onde estavam os meus amigos.

— Galera, está na hora!

Subimos no palco onde a banda contratada para animar a festa estava tocando, conversei um pouco com o vocalista, que já estava ciente dos meus planos, então ele me concedeu seu lugar no pequeno palco, assim como os demais componentes da banda deram lugar aos meus amigos. Quase ninguém percebeu a nossa movimentação, inclusive Laura, que continuava entretida em uma roda de amigos.

— Olá, boa noite a todos! — comecei a falar, um tanto nervoso.

As pessoas voltaram suas atenções para mim e não contive o riso ao ver a expressão de espanto que Laura fez.

— O que vai fazer? — perguntou ela ao se aproximar do palco.

— Hoje, nesta noite tão especial, vou cantar uma canção para o amor da minha vida, minha esposa. — Olhei para Laura e dei uma piscadela divertida. — Para ela!

Houve aplausos. Laura cobriu o rosto, envergonhada, quando começamos a tocar. Cantei com vontade e emoção, tentando transmitir todo o meu sentimento através da música e mostrar, a todos que estavam presentes ali, o que Laura representava em minha vida. Alguns casais dançavam, algumas pessoas vieram para perto do palco, e outras apenas assistiam de suas mesas, mas todos encantados da mesma maneira. Minha esposa, visivelmente emocionada, subiu ao palco quando terminei de cantar e me

abraçou.

— Foi lindo, meu amor, obrigada!

— Faço tudo para te ver feliz, meu anjo!

Nos beijamos e pudemos ouvir aplausos, gritos e assobios da parte dos convidados. A banda contratada voltou a tocar com ainda mais afinco que antes e a festa continuou.

À certa altura, já sem o paletó e a gravata, cheguei perto de Laura, que já estava descalça, e falei em seu ouvido que deveríamos ir, pois nosso voo saía em duas horas.

— Que voo? — virou-se para mim exasperada.

— Da viagem de lua de mel de vocês, é claro — disparou Clarinha.

— Mas... Como assim? Não estou sabendo de nada — falou totalmente confusa.

— Eu sei, meu amor, é mais uma surpresa para você — respondi, beijando-lhe a face.

— E para onde vamos? Não arrumei nenhuma mala.

— Não se preocupe, filha. — Dona Ângela chegou na conversa. — Já cuidamos de tudo, suas malas estão no carro.

Laura nos encarou, inquieta.

— Todos vocês agiram pelas minhas costas? O que é isso, um complô?

— Sim, um complô para sua felicidade! — Mamãe riu. — Garanto que nos perdoará quando chegar ao seu destino.

— Então, não vão mesmo me dizer para onde vamos? — perguntou impaciente.

— Não! — respondemos em coro.

— Mas isso é praticamente um sequestro! — exclamou contrariada.

— Laura, jogue o buquê antes de ir — advertiu Clara.

— Tem razão!

Ela reuniu as mulheres solteiras para poder jogar o buquê e fiquei pasmo quando vi a quantidade de moças se engalfinhando para conseguir pegar uma dúzia de rosas presas por um laço de fita. Seria trágico, se não fosse tão cômico! Laura tomou certa distância das garotas, virou de costas e começou uma contagem regressiva antes de jogar o buquê. O objeto voou formando uma parábola em sua trajetória e pousou, em um encaixe perfeito e sem esforço, entre as mãos de Rebeca. As demais mulheres comemoraram quando Laura abraçou a amiga.

Com o pequeno tumulto dispersado, fomos nos despedir dos convidados.

Minutos depois, entramos no carro e partimos. Passamos em casa apenas para trocar de roupa e dirigimos para o aeroporto. Ao chegarmos, descobri que o voo estava com uma hora de atraso, e como estávamos exaustos, enquanto esperamos Laura tirou um cochilo com a cabeça apoiada em meu ombro e eu tentei relaxar ouvindo um pouco de música com fones de ouvido.

Esperamos por quarenta minutos e embarcamos, nos acomodando, sem demora, para dormir o sono dos justos e merecedores. Uma aeromoça nos acordou quando o avião pousou e, ao desembarcamos, um tanto desorientados pelo sono, Laura foi procurar o banheiro enquanto eu pegava as malas e em seguida tomamos uma xícara de café forte, para nos manter acordados até chegarmos ao nosso destino.

— Marcos, será que agora pode me dizer para onde você me trouxe? — intimou, cruzando os braços na frente do corpo.

— Sabia que você fica ainda mais linda com essa cara de brava? — falei apoiando os braços sobre a mesa do café.

— Não me enrola, Marcos. — Ela revirou os olhos para disfarçar que gostou do elogio.

— Tudo bem, acho que já posso te contar. Mas aqui ainda não é nosso destino, temos que pegar outro avião que — verifiquei meu relógio — sai daqui a pouco.

— Meu Deus! Que lugar é esse, que não chega nunca? — perguntou com impaciência.

— Fernando de Noronha.

Laura paralisou por um momento.

— Por que escolheu esse lugar?

— Ah, um amigo me indicou. — Sorri e pisquei para ela, que sorriu de volta.

— Eu te amo, sabia? — Segurou minha mão entre as suas.

— Sabia, sim! Mas é sempre bom ouvir.

Não demoramos para embarcar no próximo voo e pouco tempo depois desembarcamos no arquipélago. Pegamos um táxi e em questão de minutos chegamos ao hotel, na Vila de Boldró, onde reservei um quarto por cinco dias. No trajeto do aeroporto até o hotel, fiquei encantado com as belezas naturais da região, porém, quando chegamos ao nosso quarto e olhamos pela

janela, percebi que Laura até ficou sem fôlego com a paisagem deslumbrante.

Abraçado a minha esposa, ficamos observando o incrível mar em tons de azul e verde que estava a alguns poucos metros de distância de nós. Apertei mais forte sua cintura e enterrei meu rosto na curva de seu pescoço, deixando ali uma pequena trilha de beijos e senti ela ficar tensa em meus braços.

— Marcos, eu sei que é nossa lua de mel — Laura falava quase sussurrando. — Será que nós podemos não fazer... isso... agora. Ou hoje.

— Tudo bem, meu amor — respondi beijando sua bochecha.

— Não é que eu não queira — ela se apressou em explicar. — Eu quero muito estar com você, mas estou um pouco nervosa.

— Laura, está tudo bem, é sério. — Sorri ao notar sua apreensão. — Eu vou ser paciente, meu amor. Quando você estiver pronta, eu também estarei. — Beije a ponta do seu nariz. — Agora, vá se trocar. Vamos ver o que temos para fazer nesse arquipélago.

— Obrigada por ser tão maravilhoso! — Ela me deu um beijo rápido e se afastou para trocar de roupa.

Na primeira carta que Davi deixou para Laura, ele disse que lamentava por não poder trazê-la para Fernando de Noronha. Depois eu soube que sempre foi o sonho dela conhecer as ilhas. Por isso fiz questão de planejar aquela viagem. Não me senti usurpando a ideia de Davi, eu estava apenas realizando uma promessa que havia sido feita, mas impedida de ser cumprida, e tinha a sensação de que ele não se chatearia com isso.

No tempo em que namorava com Laura, várias pessoas questionaram se eu sentia ciúmes por ela ainda guardar as cartas de Davi ou por lembrar dele de vez em quando. A minha resposta sempre foi simples: não havia motivo algum para sentir ciúme, raiva, inveja ou qualquer coisa do tipo. Pelo que eu sabia de Davi, ele era um cara do bem, servo de Deus e, principalmente, foi alguém que fez a minha esposa feliz durante anos. Davi fez parte do passado de Laura, desde a primeira infância, e foi muito importante para ela. E se era importante para ela, era para mim também! Não existia motivos para duvidar do amor de Laura por mim. Eu conhecia sua história e acompanhei parte da sua trajetória de luta contra um luto doloroso e me orgulhava por tê-la ajudado num momento decisivo.

Laura voltou para o quarto usando uma saída de banho branca bastante transparente que tentava cobrir um biquíni vermelho. Pegou o chapéu e a bolsa na mão e saímos. Laura não se continha de felicidade e

admiração a cada lugar por onde passávamos, mantendo um sorriso constante no rosto e um brilho especial nos olhos. Jurei a mim mesmo que faria tudo para que seu sorriso sempre existisse e aquele brilho nunca se apagasse.

O passeio durou o dia inteiro, conhecemos praias e pontos turísticos, sempre parando para tirar milhares de fotos. No final da tarde, paramos na praia da vila onde estávamos hospedados. Das areias de Boldró era possível apreciar dois cartões-postais de Noronha: o Morro do Pico, à direita e os Dois Irmãos, à esquerda. Fomos para um mirante, onde os turistas se reuniam para ver o pôr do sol, e procuramos um lugar para sentar e apreciar uma das cenas mais lindas da natureza, que já estava para acontecer. Laura sentou ao meu lado e eu passei o braço em volta de sua cintura. Ela, por sua vez, deitou a cabeça em meu ombro.

— O dia hoje foi perfeito! — falou olhando para o horizonte.

— Foi mesmo! — exclamei sorrindo. — Que bom que gostou!

— Mas, de verdade, por que decidiu me trazer para cá? — Ela levantou um pouco o rosto para me olhar nos olhos.

— Você sabe o porquê — respondi evasivo, mas depois completei. — Eu soube que você sempre sonhou em vir aqui. — Olhei para o céu, que começava a apresentar um tom acinzentado. — E também sei que Davi prometeu trazer você.

— Você não precisava fazer isso.

— Eu sei que não. — Voltei a encará-la. — Mas descobri que tenho o mesmo objetivo que Davi tinha: te fazer feliz. E farei o que for preciso para que isso aconteça. — Laura acariciou meu rosto e me inclinei para beijá-la.

O sol começou a descer de encontro ao mar, no horizonte, mas ao invés das tradicionais nuvens alaranjadas, elas tinham um tom de cinza bem escuro e, de repente, comecei a sentir respingos sobre mim. Sim, era chuva. Os demais turistas que estavam no local começaram a se levantar para partir, mas nós achamos que era algo passageiro, então resolvemos ficar mais um pouco e terminar de ver o astro rei se recolher. A chuva se intensificou, então decidimos procurar um abrigo, mas não havia nada nem ninguém. Nos entreolhamos sem saber o que dizer.

— O hotel não fica tão longe, só alguns minutos de caminhada — deduzi.

— Tudo bem, vamos. — Ela estendeu a mão para que eu segurasse.

Caminhamos de mãos dadas pela rodovia buscando a entrada da vila. A chuva ficava cada vez mais forte, trazendo consigo um vento gélido que

fez Laura tremer. Avistamos a entrada para a vila e apressamos o passo para chegar logo. Quando nossos olhos encontraram a fachada do hotel, corremos como dois malucos em plena rua deserta e cheia de poças que espirravam água por todo lado com cada passo nosso. Mesmo encharcada, Laura riu, com cabelos grudando em seu rosto, o que me fez lembrar da noite do nosso primeiro beijo, um dia que nunca sairia da minha mente, foi quando eu me senti completo. Naquela noite eu tive certeza de que era ao lado dela que eu deveria ficar.

Puxei-a pela cintura para junto de mim e a beijei apaixonadamente. Fomos interrompidos, porém, pelo barulho estrondoso de um trovão, então entramos no hotel correndo e rindo feito bobos. A recepcionista riu da situação e nos desejou boa noite. Respondemos à gentileza da moça e seguimos para o quarto.

Ao entrar, peguei uma toalha limpa em cima da cama para me secar, enquanto Laura correu para o banheiro. Tirei a roupa molhada, pus a toalha em volta da cintura e falei um pouco mais alto, para que Laura pudesse me ouvir:

— O que acha de jantarmos no quarto hoje?

— Acho uma boa ideia — gritou ela de volta.

— Ótimo, vou pedir — falei ao pegar o telefone e discar o número que estava em uma pequena lista junto ao aparelho. — Oi, boa noite! Pode me dizer qual o cardápio de hoje, por favor?

O rapaz que me atendeu começou a citar todos os pratos disponíveis para o jantar, mas parei de ouvi-lo quando Laura saiu do banheiro e entrou no quarto apenas com uma toalha em volta do corpo.

— Senhor? Senhor, ainda está na linha? — disse uma voz ao meu ouvido.

— Desculpe, ligo depois — balbuciei e desliguei o telefone.

Laura parou e me encarou com uma expressão divertida.

— O que houve com o jantar? — perguntou

— Que jantar? — respondi sem conseguir parar de olhá-la, com suas pernas a mostra.

— Você disse que ia ligar para pedir — afirmou contraindo os lábios para não rir.

— Eu ia? Não lembro! — Passei a mão no rosto, tentando voltar ao meu estado normal e sair do transe no qual me encontrava.

— Você está bem? — Ela se aproximou devagar.

— Estou, por quê?

— Porque você está aí, com essa cara de bobo.

— Que cara? Não, você está enganada, não tenho cara nenhuma — comecei a ficar nervoso com aquela proximidade.

— Claro que está! — Sorriu e deu um tapinha em meu braço, em seguida fixou os olhos em meu abdômen nu. — Já que você não pediu nosso jantar, podíamos fazer outra coisa, não acha? — Ela mordiscou o lábio inferior e me encarou.

— O que você sugere? — perguntei quase não contendo a vontade de beijá-la naquele instante.

— Não sei ao certo, mas pensei que talvez nós pudéssemos partir para o próximo passo. — Laura enlaçou os braços em meu pescoço. — O que me diz, meu esposo?

— Como quiser, minha esposa.

Ela abriu o maior dos sorrisos ao ouvir aquilo, então beijei-a com paixão.



— Foi uma ótima ideia comemorar nosso primeiro ano de casamento em um piquenique. — Laura disse, enquanto pegava um pedaço de maçã.

— Sim, também acho. Algo íntimo, só nós dois, no silêncio. — Naquele exato momento, um grupo de crianças passou gritando. — Tudo bem, nem tanto, mas mesmo assim é tranquilo.

Laura caiu na risada e aconchegou-se perto de mim. Realmente, era um lindo lugar para se comemorar: um parque no final da tarde para olhar o pôr do sol, com uma toalha estirada na grama verde com muitas guloseimas e um violão para acompanhar.

Sentindo o calor de Laura em meus braços, comecei a fazer uma retrospectiva dos nossos momentos e constatei que foi um ótimo ano, sem brigas ou discussões, muitos passeios de mãos dadas, românticos jantares à luz de velas e muito amor. O saldo foi mais que positivo e posso dizer que cresci como homem e como ser humano, todos os dias tenho algo a aprender com Laura e isso era a confirmação de que fiz a melhor escolha para minha vida. Também era notável a evolução que tivemos juntos, pois sabíamos que

um casamento não seria fácil e confirmamos isso na prática, mas estávamos nos saindo bem. Nossa base era forte e sólida: Deus. E por mais complicado que estivessem as coisas, nunca perdemos a fé de que tudo daria certo.

— Já vivemos tanta coisa até aqui, não foi? — Abracei-a forte e beijei o topo da sua cabeça.

— É verdade — respondeu se encolhendo ainda mais em meu abraço.

— Nossa história daria um livro, não acha?

— Agora que você falou, devo concordar — respondeu sorrindo.

— Podemos escrevê-lo para os nossos filhos saberem como nos conhecemos.

Laura afastou-se para me encarar.

— Filhos? E quando o senhor meu marido pensa em começar a procriar? — perguntou brincalhona.

— Esse termo não ficou legal — ri da brincadeira. — Mas eu pensei em um ou dois anos.

— Um ou dois anos? — repetiu espantada. — Eu pensei em outros números.

— No que pensou? — perguntei interessado.

— Ah, eu pensei em sete ou oito...

— Sete ou oito anos? — interrompi transtornado. — Laura, ainda quero ser pai neste século, sabia?

— Ähm... Na verdade, pensei em um período de tempo mais curto — respondeu comprimindo os lábios até formar uma linha fina.

Fiquei parado, esperando que ela continuasse o raciocínio, mas ela permaneceu calada a me olhar, com os olhos levemente marejados. Lentamente, ela pegou minha mão e levou até sua barriga, mas eu continuei sem entender, então a encarei, interpelativo.

— Oito ou sete meses — ela sussurrou.

Intercalei meu olhar entre seu rosto e sua barriga, onde estava minha mão.

— Eu vou ser pai? — perguntei quase sem voz.

— Nossa! Que demora para entender. — Ela riu, mas estava emocionada.

Comecei a rir freneticamente, abraçando Laura e cobrindo-a de beijos.

— Meu Deus, eu vou ser pai! — exclamei o mais alto que pude. Algumas pessoas olharam para nós e sorriram. — Obrigada, meu amor, por mais essa alegria!

— Pare de gritar, seu louco — repreendeu-me, batendo de leve no meu braço.

Eu sempre achei que existia um limite para amar alguém, mas naquele momento soube que não. Amei Laura ainda mais, com mais intensidade, força e calor. Pensei que eu era um homem completo, mas me enganei outra vez, ainda existia um espaço desconhecido a ser preenchido, mas essa lacuna seria ocupada pelo amor de um filho. Pensei que não podia ser mais feliz, mas meu peito estava transbordando felicidade por todos os lados, como nunca antes.

Com tudo isso eu só podia concluir que passamos a vida achando que sabemos de tudo, mas, no fim das contas, não sabemos nada, e sempre podemos nos surpreender, nos superar.

Hoje foi um dia bom, um dia maravilhoso! Mais um passo dado, mais um sonho realizado, mais um dia vivido e eu só tinha a agradecer.

Eu aprendia coisas novas todos os dias.

E o meu maior aprendizado era que tudo se resumia ao amor!



— Ué, mas já acabou?

Voltei meu olhar para a mesa onde ela estava e contemplei sua expressão tristonha olhando para a última página do livro.

— Acabou sim, querida — respondi com um sorriso, tentando animá-la.

— Mas eu estava gostando tanto! O que aconteceu depois?

— Depois, a mamãe e o papai ficaram muito, muito ocupados cuidando de você e do seu irmão.

— Verdade, papai? — perguntou virando a cabeça para Marcos.

— É verdade, sim, minha princesa — respondeu sentando ao lado dela. — Queríamos aproveitar cada minuto com vocês, sem que nada

atrapalhasse.

A campainha tocou e Vitória saiu correndo para abrir a porta, com Marcos logo atrás dela.

— Tia Clara — gritou ela, eufórica. — É verdade que a senhora tomou um tiro na perna?

— O quê? — Clara perguntou com surpresa. — Quem te contou isso?

— Eu li no livro da mamãe.

— Ah, você leu?

— E o senhor também está nele, tio Guto.

— Estou? — indagou Gustavo, sem entender.

— Não acha ela muito novinha para ler o livro? — Clara perguntou para mim, com o cenho franzido.

— Eu não tive escolha — falei levantando as mãos em forma de defesa. — Ela me viu ontem com o livro e pediu para ler. E você sabe que ninguém consegue negar nada para essa baixinha.

— É verdade! Por isso é minha sobrinha preferida. — Clara disse abraçando Vitória.

— E como está minha segunda sobrinha mais nova? — Marcos se agachado, beijando a barriga de seis meses da irmã. — E a Sofia, onde está?

— A Sofia está vindo com a mamãe e o papai, mas esta daqui — disse passando a mão na barriga — não para de mexer um segundo.

Clara e Gustavo eram um casal raro. Se conheceram no ensino médio e estavam muito bem casados, com uma filha linda, Sofia, de cinco anos, e a pequena Pérola, que estava para nascer. A história de amor dos dois era tão linda e inspiradora quanto a nossa, modéstia parte. Já dei a dica para ela fazer como nós, escrever um livro para deixar tudo registrado e, sempre que lesse, seria como se vivesse tudo aquilo outra vez.

— E meu sobrinho preferido, onde está? — perguntou se sentando com certa dificuldade no sofá.

— Está no quarto dele, mostrando aos meus pais a última música que aprendeu. — Sentei-me junto dela, enquanto Marcos e Guto iam para a varanda, com Vitória no encalço dos dois. — Ele está se saindo cada dia melhor com o violino — falei orgulhosa.

— Eu acredito! Tendo pais tão talentosos, não podia ser diferente.

Meus pais chegam até onde estávamos e uma conversa agradável se consolidou. Minutos depois, Ana e Ricardo chegaram trazendo Sofia, e começou a correria das meninas pela casa. Eu amava o barulho de crianças

correndo e sorrindo. E amava o fato de sermos uma enorme família, ajudando uns aos outros, sempre reunidos!

Com a mesa posta, todos tomaram seus lugares e, quando estávamos prestes a fazer nossa oração, notei um lugar vazio. Pedi licença, fui até o pé da escada e gritei:

— Só falta você para começarmos, Davi!

— Cheguei, mãe! Desculpa pela demora, estava guardando o violino — explicou-se enquanto descia a escada correndo e me deu um beijo estalado no rosto.

Agora sim, todos reunidos! Em minha oração, agradei não só pelo alimento que tínhamos todos os dias, mas pela minha família, pela minha saúde, pela minha vida. Tudo que vivi valeu a pena. Toda adversidade serviu para me moldar e o final sempre foi gratificante. Posso dizer, com todas as letras, que tenho tudo o que sempre sonhei: um marido maravilhoso e dedicado, filhos lindos e educados, meus pais sempre ao meu lado, ganhei uma irmã e duas sobrinhas de brinde, e ganhei mais dois pais. É amor para a vida inteira!

O que mais eu poderia querer?

Agradecimentos

Obrigada Deus, por toda a inspiração que me deu ao escrever este livro, para que vários corações fossem alcançados em Teu nome! E obrigada pela oportunidade de realizar o sonho de publicá-lo! A Ti, Senhor, toda honra e glória!

Foi uma longa trajetória, desde as primeiras postagens na plataforma Wattpad até conseguir realizar o sonho de ter meu primeiro livro físico na minha estante. E não teria conseguido sem o apoio e incentivo de tantas pessoas maravilhosas que Deus colocou em meu caminho. Nenhum agradecimento será suficiente para mostrar o quanto sou grata a todos pelo carinho.

Eu vibrava com cada leitura, voto e comentário fofo! Recebi muitos depoimentos lindos e emocionantes! Todo o amor que eu recebia dos leitores me fez extremamente feliz, com mais certeza de que estava no caminho certo e que deveria persistir e lutar pelos meus sonhos. A todos os meus leitores do Wattpad, deixo aqui registrado minha imensa gratidão! Não tenho palavras para expressar o quanto sou feliz por vocês me acompanharem até aqui, com mensagens amorosas e muito incentivo. Devo muito a vocês!

Eu adoraria conseguir citar o nome de cada leitor nestes agradecimentos, mas isso seria bastante complicado. Entretanto, algumas pessoas eu devo mencionar o nome, dada a importância que tiveram, e ainda têm, na produção deste livro.

Quero agradecer a Raquel Mabda, minha amiga de infância e minha primeira fã! A pessoa que me apresentou o Wattpad e quem mais me incentivou para que o livro fosse adiante. Muito obrigada por tudo, amiga, amo tu!

Um agradecimento especial a Kellyane Ribeiro, que me encheu de incentivo e me apoiou como nunca, desde o início das postagens até a revisão do livro completo. Amiga, obrigada por ser tão maravilhosa! Deus te abençoe!

A Rhayssa Costa, meu eterno agradecimento por ter me ajudado também na revisão do livro e contribuindo para que ficasse perfeito!

A Thais O. Cruz, a cacheada mais fofa de todo o Paraná, minha capista

real/oficial, deixo aqui meu mais sincero agradecimento, por ter me aturado com paciência e por ter feito de tudo para que a capa — maravilhosa, diga-se de passagem — ficasse do jeitinho que eu imaginei! Obrigada por tudo, minha linda!

Agradeço muitíssimo, por todo o apoio, a todas as participantes do grupo Unidas pela Leitura (UPL), que de tão próximas, nos consideramos família. Amo vocês!

Becca Bonetti, obrigada por se dispor a escrever o prefácio do livro! Você é demais, amica!

Ingrid Brito e Camila Mota, muito obrigada por terem aceitado o “cargo” de leitora beta. Vocês foram essenciais para a realização desse sonho!

Eu não poderia deixar de agradecer à querida amiga Maina Mattos, pois sem ela o plano de publicar O verdadeiro Propósito não teria saído do papel. Foi minha leitora, beta, revisora e conselheira durante todo o processo de publicação do livro físico. Sou muito grata a Deus por permitir que eu a tenha conhecido, uma mulher abençoada e que pretendo levar comigo aonde eu for! Amo você, amiga, obrigada por tudo!

Outro enorme agradecimento a Kell Carvalho, exímia escritora do Wattpad e agora grande amiga também! Grata pela oportunidade que deu ao meu livro, amiga! Ter você como minha leitora foi um divisor de águas na minha trajetória! Deus te abençoe sempre!

Tive o imenso prazer de conhecer e fazer parceria com a Aline CM, também escritora na plataforma, que foi conquistando um espacinho em meu coração a cada dia! Obrigada por todo apoio e amizade, minha flor!

Dulci Moreira, que conheci não faz muito tempo, mas por quem já tenho um imenso apreço e carinho, foi de suma importância nesse processo de publicação quando aceitou ser minha leitora beta. Só tenho a agradecer pela atenção e paciência que teve comigo! Obrigada, minha linda, por tudo!

Que este seja apenas o início de uma abençoada trajetória!

Um grande abraço a todos e que Deus os abençoe infinitamente!



Amor Real: Despertar – Maina Mattos

“Eu nunca quis ser princesa!” - Anne Davies

Anne é uma jovem mulher, que se viu perdida do dia para a noite. A morte dos pais a obrigou a assumir o papel de provedora e protetora de seu irmão Oliver. Sua vida se resumia à livraria herdada de sua mãe e os cuidados com a educação de seu único parente.

Mais uma vez a vida lhe proporcionou uma reviravolta, obrigando-a a viver no último lugar da terra que um dia ela pensou que viveria: no palácio real da província de Kent.

Os caminhos de Anne serão cruzados com pessoas que assim como ela estão em busca dos propósitos de deus, levando-os a questionar os planos que o senhor tem para cada um. E agora ela será obrigada a tomar decisões muito mais importantes do que um dia pensou, ao mesmo tempo em que precisa se preparar para a nova vida que lhe será proposta.

Prepare-se para esse romance cristão clichê, não tão clichê assim!



Orei por você – Kell Carvalho

As expectativas de Jheny Park sempre foram as mais altas. Durante toda a sua vida, tinha aprendido a esperar o melhor de seu pai celestial, mesmo se o tempo de espera fosse como um longo salto no escuro. Ainda que não pudesse ver o resultado final, Jheny tinha certeza que deus havia preparado o melhor para sua história. Ainda jovem, ela confiou toda a sua vida ao criador, inclusive seu futuro. Todos os dias, uma gravata colorida lembrava-lhe de orar por alguém especial. E tão real quanto o chão sob seus joelhos era a certeza de que seria atendida. Afinal, ela sabia que era ouvida por aquele que é capaz de sondar o coração dos homens.

O que Jheny não sabia era que os planos de deus para sua vida iam muito além do que ela poderia imaginar. Quando orou pedindo a deus por um marido, não esperava que o caminho até sua oração ser atendida seria tão surpreendente. Há milhares de quilômetros de distância, Dylan Fox provava dos terrores da guerra e de um turbilhão de emoções. Confuso com as palavras de um colega de combate maluco e as constantes lembranças de um par de olhos verdes, Dylan viu sua vida mudar de uma hora para outra de uma forma sobrenatural. Por mais estranhos e tortuosos que os caminhos que Dylan se via obrigado percorrer fossem, ele sentia que algo profundo mudar em seu coração.

Entre lágrimas, joelhos dobrados, gravatas coloridas e um discman velho, Jheny e Dylan descobririam que deus é o melhor escritor de romances de todos os tempos. Afinal, ele é o próprio amor.



Do Deserto ao Jardim – Aline CM

Marissol Santino foi abandonada aos cinco anos pelo pai e desde então sua vida nunca mais foi a mesma. Enquanto sua mãe trabalhava arduamente para sustentá-la, a pequena Sol crescia desamparada, colhendo em abundância os frutos da ausência de seus pais.

Após tantos anos vivendo em rebeldia, na vã tentativa de suprir suas carências emocionais, a garota é pega em flagrante no meio de um ato inconsequente. Como punição, Sol é obrigada a morar em uma cidadezinha interiorana chamada Nova Canaã, com o maior culpado de toda a ruína em sua vida.

Em meio a tantas confusões, tudo o que Marissol mais deseja é sair do deserto no qual se perdeu. Mas para encontrar um caminho ela precisará abrir mão do seu orgulho e confiar toda a sua vida nas mãos do bom pastor.

“Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas.”

João 10:11

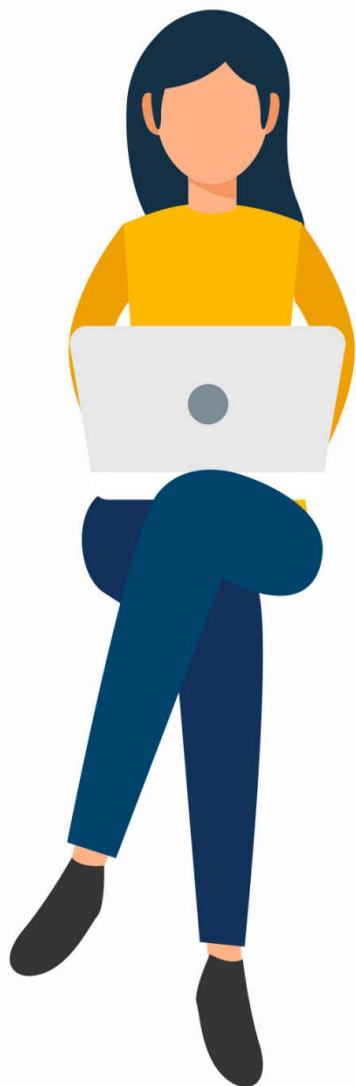


Amor e Graça – Dulci Verissimo

Augustus Foss é um jovem que está em busca de descobrir a verdade sobre a morte de sua mãe, sendo assim parte para a cidade de Vilas-Boas. Ana Muniz, é uma jovem que perdeu sua única família. Sem nenhum recurso procura sobreviver em meio ao caos de sua vida. As vidas desses dois jovens se cruzarão fazendo com que eles vivam uma grande história. Nesse caminho, muitas serão as incertezas e os dilemas. Nos fazendo perguntar: será que eles permanecerão? Essa jornada os ensinará o significado do amor de deus, amor ao próximo, perdão, compaixão, resgate e entenderão que é pela graça que podem prosseguir até o fim. Nunca esquecerão de tudo o que aprenderam.

“Mas eu me lembrarei da aliança que fiz contigo nos dias da tua mocidade e estabelecerei contigo uma aliança eterna”.

Ezequiel 16: 60.



Acompanhe o
trabalho da autora



autora_clysoliveira



@ClysOliveira



clysautora@gmail.com



@amorefelivros



coletaneaamorefe@gmail.com